



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Wellington Pinheiro da Silva

**Bruxaria e identidade de projeto: motivações para a adesão e
permanência ao neopaganismo no Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2014

Wellington Pinheiro da Silva

Bruxaria e identidade de projeto: motivações para a adesão e permanência ao neopaganismo no Rio de Janeiro



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Cecília Mariz

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCSA

S586b Silva, Welington Pinheiro da.
Bruxaria e identidade de projeto: motivações para a adesão e
permanência ao neopaganismo no Rio de Janeiro/ Welington
Pinheiro da Silva. – 2014.
120 f.

Orientador: Cecília Mariz.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Paganismo – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 2. Magia –
Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 4. Ciências sociais – Teses. I.
Mariz, Cecília Loreto. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 133.5

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Wellington Pinheiro da Silva

Bruxaria e identidade de projeto: motivações para a adesão e permanência ao neopaganismo no Rio de Janeiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 03 de junho de 2014.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Cecília Loreto Mariz (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof^ª. Dra. Claudia Wolff Swatowiski
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof^ª. Dr^ª. Maria Eloisa Martin – UERJ
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Rio de Janeiro

2014

DEDICATÓRIA

*À minha esposa Dayanne e meu filho Erick –
meus amados, meu norte, meu “lugar para voltar”.*

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram importantes para a realização deste trabalho, de modo que existe grande possibilidade que eu deixe de fazer justiça a alguns nestes agradecimentos. Mas aqui, em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, a professora doutora Cecília Loreto Mariz, alguém de importância fundamental não apenas na realização desta pesquisa, mas no meu progresso como pesquisador de maneira geral.

Também agradeço a minha esposa Dayanne Pinheiro que me apoiou desde o início, deu o suporte necessário para que pudesse dedicar horas a ler e escrever, além dos domingos e feriados inteiros para estar em campo ao invés de passar com a família. E não apenas isto, mas também por ter sido alguém tão importante para facilitar meu acesso ao campo, visto que conhecia vários grupos há longa data, e com a qual muito debati minhas ideias, confrontando as minhas percepções de pesquisador com as dela, de praticante do neopaganismo.

Também aos meus pais que me deram valores e acreditaram que este importante passo na minha história de vida pudesse ser dado.

Aos amigos do coven Chuva Vernal que me deram a oportunidade de estudar o fenômeno do neopaganismo através de seu grupo e de sua rede de contatos neste meio e foram, desde o início, sempre muito solícitos, muito bem dispostos a contribuir com a pesquisa e muito sensatos e honestos em receber conclusões que nem sempre exaltava a espiritualidade ali cultivada e acabava por ressaltar aspectos sumamente humanos da religião. Sem esta abertura e esta boa vontade do Chuva Vernal, sem dúvida alguma esta pesquisa teria muitas dificuldades.

Aos meus colegas e professores do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPCIS), da UERJ, especialmente à Professora Helena Bomeny, alguém do qual me orgulho de ter sido aluno, que me exigiu muito e por isso com ela, cresci bastante. Também aos professores Valter Sinder e Cláudia Barcellos, os quais muito admiro e cujas aulas me foram de grande valia. Aos meus colegas Eduardo Cidade, Bernardo Guerra, Daniele Ferreira, Wellington Conceição, Belchior Canivete, Alexander Magalhães, Andrew Müller Reed, Camila Pierobon, Carlos Souza, Heloisa lobo e Julian Brito.

Aqui não posso deixar de mencionar o meu amigo Ronald Apolinário, amigo de longa data, companheiro de graduação e que foi figura fundamental para que eu retornasse à vida acadêmica, tendo sido ele quem me apresentou o programa de pós graduação. Este é sem

dúvida um daqueles agradecimentos que já se faz necessário desde o início deste processo que me absorveu por completo nos dois últimos anos.

E por fim, a Wagner e Sônia, funcionários da UERJ e do PPCIS, cujo trabalho bem realizado sempre foi de grande valor para todos nós mestrados.

Não há militância sem paixão e mística, não
importando a natureza da causa, seja religiosa,
humanística ou política. O militante vive no mundo
das excelências e dos valores em função dos quais
vale gastar tempo, arrostar riscos e empenhar a
própria vida. Trata-se aqui não de ter ideias, mas de
viver convicções. São estas que mudam as práticas,
que transformam as relações sociais.

Leonardo Boff – Mística e Militância

Te mostro um trecho, uma passagem de um livro antigo
Pra te provar e mostrar que a vida é linda
Dura, sofrida, carente em qualquer continente
Mas boa de se viver em qualquer lugar
Volte a brilhar, volte a brilhar
Um vinho, um pão e uma reza
Uma lua e um sol, sua vida, portas abertas.

O Rappa – “Anjos Pra Quem tem Fé”

RESUMO

PINHEIRO, W. *Bruxaria e identidade de projeto: motivações para a adesão ao neopaganismo no Rio de Janeiro*, 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

O presente trabalho investiga as motivações para a escolha do neopaganismo como religião por indivíduos de contextos diferenciados na cidade do Rio de Janeiro e adjacências. Foram etnografados rituais e eventos públicos neopagãos na cidade durante o período de 2012 a 2014. Também foram realizadas entrevistas com neopagãos e analisada sua literatura religiosa. A pesquisa concentrou-se, sobretudo, nas atividades e vivências do coven Chuva Vernal, de Wicca Xamânica. Como conclusão sugerem-se duas hipóteses principais sobre quais elementos explicariam a motivação para aderir e permanecer nessa religião: a lógica da distinção, discutida por Simmel, e o conceito, usado por Manuel Castells, de identidade de projeto.

Palavras-chave: Wicca. Neopaganismo. Nova era. Identidade de projeto. Magia.

ABSTRACT

PINHEIRO, W. *Witchcraft and identity project: motivations for joining the neopaganism in Rio de Janeiro*. 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This study investigates the motivations for the choice of neo-paganism as a religion by individuals of different contexts in the city of Rio de Janeiro and surrounding areas. Neopagan rituals and public events in the city were ethnographed during the period 2012-2014. Interviews were conducted and analyzed their religious literature. The research focused mainly on the activities and experiences of the Chuva Vernal Coven, a group of Shamanic Wicca. As a conclusion we suggest two main hypotheses about which factors explain the motivation to join and stay in this religion: the logic of distinction, discussed by Simmel, and the concept of project identity, used by Manuel Castells.

Keywords: Wicca. Neopaganism. New age. Project identity. Magic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O QUE É O NEOPAGANISMO	17
1.1 O que é Wicca	24
2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PESQUISA	35
2.1 Questões e Delimitação do Objeto	35
3 METODOLOGIA: CAMPO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 43	
3.1 A Organização da Comunidade.....	43
3.2 Procedimentos Metodológicos.....	44
4 ENTRE A MAGIA, A CIÊNCIA E A RELIGIÃO	51
4.1 Magia, Ciência e Religião no Neopaganismo.....	51
4.2 A Magia no Neopaganismo.....	56
4.3 Religião no Neopaganismo	64
4.4 Ciência no Neopaganismo	67
4.5 A Análise das Bibliotecas Pessoais.....	69
5. O ANTICRISTIANISMO E A ECOLOGIA	78
5.1 O Anticristianismo	78
5.2 A Ecologia	89
6. MODA OU IDENTIDADE DE PROJETO	95
6.2 Neopaganismo como uma “moda” religiosa	95
6.3 Hipótese 2: A Bruxaria como Identidade de Projeto.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
ANEXO A - A Roda do ano	112
ANEXO B - Roteiro de entrevista	117

ANEXO C - Dados do ORKUT	120
ANEXO D - Imagens e conversas em redes sociais.....	121
ANEXO F - Transcrições de fala	180

INTRODUÇÃO

Um tema que parece fulcral todas as vezes que se lança um olhar sobre os chamados “Novos Movimentos Religiosos” (NMRs) é como eles podem ser representativos de um determinado modo de conceber e vivenciar a cultura do individualismo.

Longe de ter uma configuração única ao longo da história, o individualismo que permeia estas religiões faz pensar em um tipo específico da cultura do indivíduo como principal pilar sobre o qual se sustenta todo um sistema de representações e que tem características peculiares. Trata-se de um momento na história do individualismo moderno e que não está limitado apenas à religião, mas aparece de modos diferentes e sutis em quase todos os campos da vida social no Ocidente dos últimos 100 anos. Simmel (2011, p. 83-104) argutamente percebeu os primeiros contornos desta cultura do individualismo numa análise sobre a cultura de seu tempo, onde o autor já ressaltava o caráter da cultura moderna de aversão à forma em si e não somente aos conteúdos com os quais esta poderia se revestir.

Ora, este individualismo radical teria muita dificuldade de construir e manter formas estabelecidas, o que no mundo da religião significaria uma dificuldade muito grande do indivíduo de abrir mão do dinamismo e liberdade de uma não pertença em prol do pertencimento a uma comunidade. Simmel também ressaltava o fato de quanto mais instruído é o indivíduo mais afeito a essa cultura do individualismo, dada a desconfiança para com a aceitação de um mundo cujas verdades são fornecidas por fontes exteriores a ele, logo passíveis de desconfiança (1979).

Salta aos olhos como no discurso de muitos praticantes do neopaganismo o valor desse espaço para o indivíduo é um tema recorrente, ao mesmo tempo que a procura pela pertença a uma comunidade. São anseios aparentemente contraditórios, anseios estes muito focalizados nas análises de Simmel sobre a modernidade ao longo de toda sua obra, em diversos textos, mas principalmente em suas análises sobre a moda (1957).

Investiga-se aqui se este conflito entre a necessidade de se cultivar uma forma de individualismo exacerbada e a necessidade de fazer parte de uma comunidade onde se possa fortalecer uma identidade e validar demandas através da convivência com outros indivíduos semelhantes seria o elemento central que constitui esta comunidade e dá a configuração de suas formas de socialização. Este elemento central seria o que James Clifford (2011) chamaria de “o cerne do grupo”, quando falava a respeito da escrita etnográfica.

O objetivo principal dessa pesquisa é constatar se existe realmente este antagonismo e se a dialética dele derivada é mesmo o elemento central no modo como se configura esta

comunidade. Como modo de superar estes antagonismos e conseguir constituir uma comunidade, apesar de todos os impulsos divergentes em seu interior, investiga-se aqui se não haveria a criação de uma “identidade de projeto” (CASTELLS, 2010, p. 24) marcada principalmente por um anticristianismo militante que serviria como elemento agregador de atores com demandas tão distintas, constituindo-se num cimento da comunidade.

Para tal, muitos objetos estão disponíveis para análise, como por exemplo, a relação dos praticantes com seus deuses e o modo como ocorre a aproximação para com estes, o papel da magia e dos festivais, o modo como a comunidade se organiza na região, o papel e as limitações das lideranças e o fluxo intenso de adesão e evasão. Foram etnografados festivais, rituais públicos, rituais privados e eventos de socialização da comunidade neopagã do Rio de Janeiro, bem como observados ambientes virtuais onde a religião está em discussão pelos seus praticantes. Também foram levantados dados através de formulários e entrevistas, as quais foram devidamente registradas através de filmagem.

Primeiro alguns termos utilizados por esta pesquisa precisam ser suficientemente esmiuçados dada a grande variedade de significados que podem comportar. A começar pelo próprio termo neopaganismo: a que grupo estamos nos referindo quando mencionamos este nome, já que mesmo entre os praticantes as fronteiras do grupo não estão claras? Depois, o que queremos quando mencionamos a categoria “magia”? Qual conceito de magia estamos utilizando e qual valoração tem esta para a religião em questão? Depois destes termos mais gerais, há uma certa variedade de categorias nativas cujo significado precisa ser levado em consideração e as quais, algumas delas, não deveriam sequer serem substituídas por conceitos acadêmicos visto que não se encontra um correspondente que dê conta melhor da realidade a que se referem.

Meu interesse pelo neopaganismo nasceu principalmente do aparente esforço dessa forma de religiosidade na direção de tentar conciliar a vivência de uma espiritualidade pessoal com o pertencimento a uma religião, uma espécie de tentativa de criação de uma religião místico-individualista, menos dependente de instituições clericais e autoridades tradicionais. Pelo menos foi assim que percebi esta religião à primeira vista e, dada esta percepção, ela se me apresentou como uma possibilidade nova no campo da religião no Brasil e, talvez, da sociedade moderna em geral. Estaria surgindo uma síntese que permitisse a convivência de uma vivência espiritual totalmente individualista com uma identidade de grupo socialmente reconhecida? E se isto de fato estava acontecendo, por que seria importante esta identidade de grupo se o que se pretende é a vivência o mais particular possível? Esta pesquisa investigará estas questões.

Então desde que me surgiu este interesse, estive observando muitas ocasiões de “existência desta comunidade”¹ e conversei com alguns grupos e praticantes solitários, o que me permitiu um levantamento de dados gerais sobre a estrutura e organização da comunidade neopagã na cidade do Rio de Janeiro, bem como seus discursos, referenciais e crenças principais. Esta foi a primeira fase desta pesquisa.

Um segundo momento sucedeu-se a este onde, a fim de observar mais de perto e com mais acuidade como ocorre esta espiritualidade individualista dentro de um grupo religioso realizei observação participante nas atividades de um grupo em específico, o Coven Chuva Vernal, um grupo de uma vertente do neopaganismo chamada de “Wicca Xamânica”, da qual segundo eles, são os únicos representantes no Brasil. É principalmente sobre este grupo que as conclusões tiradas nesta pesquisa estarão relacionadas. Todo estudo anteriormente realizado com outros grupos e nos eventos públicos, são na prática um reconhecimento do terreno em que o Chuva Vernal está inserido, terreno do qual foi imprescindível para estabelecer comparações que me permitiram perceber o que é específico do grupo, o que é compartilhado com outros grupos que se autodenominam de forma semelhante e o que é geral do neopaganismo. Também foi imprescindível para se perceber o quanto a questão do individualismo é central na religião como um todo, como esta lida com aquele e, a partir daí, ver onde se localiza o tipo de síntese que o Chuva Vernal realiza no contexto maior em que ele está inserido. E o quanto este contexto maior incide nas características peculiares a esta síntese.

Ao longo do período de realização desta pesquisa, me “dediquei” no coven em meados de 2013 e a partir de então pude observar algumas questões que seriam impossíveis a alguém que o estudasse apenas observando suas atividades voltadas para público geral. A “Dedicação” é o nome que o grupo dá ao período de 1 ano e 1 dia em que uma pessoa decide se tornar um “aspirante” ao grupo, tendo acesso às atividades privadas do mesmo, aprendendo sobre a Wicca, sobre as práticas do grupo, se “afinando com a egrégora”² e desenvolvendo

¹ Dado o forte caráter individualista, as lideranças regionais organizam eventos com certa periodicidade para que “bruxos” possam se conhecer, trocar experiências e fazer a religião ganhar alguma visibilidade pública. Essa sociabilidade, contudo, quase nunca é espontânea e mesmo nos eventos o número dos participantes é muito limitado se comparado ao número de todos aqueles que se declaram neopagãos na região e cuja confissão aparece principalmente nos comentários às chamadas para os eventos na internet.

² De acordo com o “Dicionário Místico Esotérico Ocidental”, a definição de egrégora é: “o grupo artificial de almas criado por qualquer grupo mágico ou espiritual operativo – ou por qualquer grupo de pessoas unidas por algum tipo de vínculo emocional” (GREER, 2012, p.192). Na prática, contudo, o conceito é largamente utilizado para falar de maneiras já estabelecidas em determinado conjunto de pessoas de se apropriar da magia, de praticá-la e de conceber os deuses e as relações com os mesmos. Talvez não seja exagerado falar aqui em

seu “potencial mágico adormecido”. Já no primeiro capítulo, falarei mais sobre o que significa a Dedicção. Por hora, vale colocar aqui nesta introdução, que o tipo de vivência que se vive na Dedicção deve ser mantido em segredo, sendo privativo apenas dos membros do coven e daqueles que são seus aspirantes. Assim sendo, por questões éticas, não me aprofundarei em detalhes explicitadores sobre o que se vivencia nessas atividades, limitando-me apenas àquilo que o próprio grupo não vê problemas em tornar de conhecimento do público geral.

A Dedicção, contudo, me permitiu captar melhor a sensibilidade, as peculiaridades e os conflitos existentes entre o que seriam os interesses individuais e os imperativos da constituição de um grupo. Por ser um dedicado, pude conhecer melhor a trajetória não só dos “irmãos mais velhos”³, como também dos outros aspirantes, ver as razões que os conduziram até ali e os conflitos que enfrentavam para que continuassem parte de um grupo ou – uma expressão que considero mais apropriada ao modo do Chuva Vernal – que continuassem “sendo grupo”. Este período de maior imersão em um coven, o que se constituiu no que eu considero uma segunda fase da minha pesquisa, dispensou a imersão em outros grupos, pelo menos para os fins perseguidos nesta pesquisa. Este estudo não é sobre o neopaganismo em si, mas é principalmente um estudo sobre o individualismo e a religião na modernidade, situação da qual, o Chuva Vernal é apenas uma dentre tantas milhares de sínteses existentes no contexto das religiões no Mundo Ocidental. Assim sendo, o Chuva Vernal é visto aqui como uma espécie, dentre muitas, de iniciativas religiosas no contexto moderno, de fragilização das instituições e dos vínculos tradicionais e exacerbação do individualismo. Ele é antes de mais nada um projeto, uma tentativa de enfrentamento de uma situação que é geral no Mundo Ocidental, com uma audaciosa proposta de superação, o que envolve basicamente: uma revisão da história de vida dos indivíduos, uma transformação individual realizada em grupo e uma criação de uma nova individualidade, mais consonante com o enfrentamento desse “mundo moderno”, a representação de totalidade espaço-temporal realizada pelo grupo. Tal processo, contudo, não é nenhuma novidade em matéria de religião. É fato que a religião, não importa qual seja, contém sempre um tipo de projeto de mundo e por tal age na transformação da sociedade e dos indivíduos. Ressaltei este aspecto aqui porque isto por si já demonstra que embora seja um grupo com um número limitado de indivíduos – e mais à frente veremos que pela própria dogmática da religião não teria como ser diferente – ele possui características de constituição de um grupo religioso.

“culturas” de cultivo da magia que caracterizam grupos de indivíduos ligados entre si por um vínculo de crenças.

³ Nome dado aos membros efetivos e mais antigos do coven.

Encontrar este lugar do Chuva Vernal, entre a magia, a religião, entre um tipo de espiritualidade e a constituição de uma comunidade religiosa não foi tarefa fácil. Para tal, tive que recolher depoimentos, analisar a história de vida dos participantes e os principais pressupostos e objetivos que os levavam a fazerem parte de uma mesma unidade e comparar com conceitos da tradição sociológica, como as definições de Weber, Malinowski e Mauss sobre estas categorias para então encontrar o lugar, o ponto certo onde se pudesse localizar a organização deste grupo de indivíduos. Outro dado fundamental para entendimento dessa questão é o modo como o grupo se relaciona com a categoria “Nova Era”, um movimento espiritualista que se fortaleceu nos anos 80 e 90, marcado por uma forte flexibilização dos vínculos comunitários religiosos e um intenso apelo à introspecção e ao orientalismo (CAMPBELL, 1997). A Nova Era, embora pudesse ter elementos absorvíveis pelas diversas religiões no contexto moderno, não era em si uma religião. E a percepção de mundo e os valores morais que eram cultivados dificultavam bastante a constituição de uma comunidade religiosa. Este foi um dilema que pude perceber ser enfrentado pelo Chuva Vernal e a partir do qual sínteses particulares são produzidas.

No primeiro capítulo deste trabalho, as questões que nortearam esta pesquisa ficarão melhor explicitadas, o objeto será apresentado e falarei sobre a metodologia e algumas condições de realização da pesquisa. Apresento também o neopaganismo tal como definem seus praticantes, ou seja, como religião e confronto tais definições com o que observei no campo, seja nos eventos públicos e atividades de grupos diversos, seja nas atividades do Chuva Vernal. No segundo capítulo, talvez o que contenha as discussões mais longas desta pesquisa, abordo a espinhosa questão do individualismo na religião no mundo moderno e analiso alguns momentos que permitem observar sínteses peculiares que o grupo realiza para enfrentar esta questão. Neste capítulo, em alguns momentos, considerarei importante que a análise partisse de alguns conceitos chaves das ciências sociais, como os tipos ideais do pensamento weberiano “mago, sacerdote e profeta” e os conceitos de “magia, ciência e religião”, de Malinowski para analisar formas diferentes de apropriação da realidade pelo pensamento humano ao longo da história e mesmo no presente. A escolha de partir desse aparato conceitual não foi sem uma razão específica. É que aqui estamos falando basicamente de um grupo de indivíduos num mundo moderno altamente científico e tecnológico, vivendo num ambiente urbano, com determinada configuração de relações econômicas, sociais e culturais, mas que estão, a partir da própria vivência religiosa, “repassando essa sociedade” em novos termos que os permita viverem melhor. Isto implica uma revisão do que significa sagrado, família, ética, política, do que significa ativismo. Mas o material que estas pessoas

possuem para criticar esta realidade social é em grande parte as experiências que a humanidade viveu nas épocas precedentes e que eles acessam através de livros, assim sendo há uma relação com a releitura do passado e a leitura do presente que acaba por produzir formas híbridas dentre os tipos ideais supracitados e que, por tais, permite observar em que ponto as elaborações dessa religião e, mais precisamente, desse grupo, se inserem no contexto maior da história das religiões e do pensamento. A escolha por partir desses conceitos é principalmente uma questão de considerar a totalidade.

Ainda neste capítulo confronto as principais hipóteses desta pesquisa para a compreensão do que o neopaganismo representa como fenômeno religioso, qual seria a lógica principal operando no modo como se comporta e se movimenta na sociedade em que está inserido.

1 O QUE É O NEOPAGANISMO

Dado o fato de o neopaganismo ser uma forma de espiritualidade ainda muito pouco conhecida no contexto das religiões do Brasil, cabe aqui uma parte dessa dissertação para apresentá-lo e também as suas principais características tais como alguns autores muito lidos por esses praticantes costumam apresentar. Falo aqui de autores como Mario Martinez (2005), Joyce & River Higginbottams (2003), Tuiteans&Daniels (2006), ScotCunninghan (1997). Cabe, porém, afirmar que esses autores não são autoridades inquestionáveis, quais profetas ou mesmo teólogos. São algo que se aproxima mais do que se poderia chamar de intelectuais da religião. Decerto que teólogos são intelectuais da religião, no entanto, tal como os conhecemos na tradição judaico-cristã, eles são indivíduos legitimados pela instituição a qual se referenciam e com a qual se relacionam. Tal instituição não existe no neopaganismo, sendo assim não existe nesses autores a aura de autoridade teológica existente nos teólogos das religiões mais tradicionais. Na prática, eles são vistos sempre como bruxos experientes que expressam sua visão particular da “Arte”⁴, visão esta que pode contribuir muito, pouco ou nada para a vivência pessoal de quem o lê. Esta “postura crítica”, para usar a mesma expressão que os entrevistados usam, segundo pude perceber, está diretamente relacionada com a trajetória do bruxo – o indivíduo vai compondo um mosaico com contribuições das fontes mais diversas de sua experiência de vida: desde a religião da família em que nasceu até as leituras que realizou e que lhe permitiu criticar a realidade e construir sua nova visão de mundo, passando até mesmo por contribuições oriundas do seu contexto profissional, educacional e até mesmo político. Assim sendo, se a afirmação de determinado autor destoava demasiadamente do leque de experiências e leituras a que o bruxo se apegou para construir sua identidade na bruxaria, ele é rejeitado; se parte de pressupostos semelhantes, é aproveitado parcial ou totalmente.

O bruxo neopagão é incentivado a nunca fazer uma leitura passiva dos livros que chega em suas mãos, mas sim empreender um esforço de elaboração de sínteses pessoais. Conforme discutirei no capítulo 4 desta dissertação, percebo esta atitude como mais uma das muitas posturas cujo objetivo é criticar o que é visto como um modo tradicional de ser religioso e que é representado principalmente pelo Cristianismo, religião cujo projeto de mundo é a todo momento e das mais diversas maneiras alvo de críticas pelo neopaganismo.

⁴ “Arte” é um dos nomes que os bruxos neopagãos dão ao estudo, desenvolvimento e prática da magia.

Esta característica do esforço de síntese ficou evidente para mim não apenas nas conversas com praticantes ou leitura de suas trajetórias religiosas expostas na internet, mas pude presenciar isto por mim mesmo através do processo de “dedicação⁵” a que eu mesmo me submeti. Assim sendo procurei aqui elaborar uma definição do neopaganismo que partisse das definições dos livros que percebi serem os mais conhecidos do meio pagão, seja entre aqueles com os quais conversei, seja nos ambientes virtuais brasileiros ou mesmo internacionais. Mas também procurei confrontar com o que eu vi no campo, visto que se existe um núcleo mínimo do qual todos parecem concordar, há crenças nos livros desses autores que são facilmente descartadas por outros praticantes. Falarei sobre o porquê disso no contexto brasileiro mais a frente.

A dificuldade reside no fato de que em qualquer religião que se auto denomine pagã ou neopagã, não existe uma tradição, livros sagrados, clero ou qualquer instituição que dê contornos claros ao que se possa se chamar neopagão. Há os grupos (covens), - sempre muito limitados em número por uma questão de dogma (em torno de 13 é o número recomendável) - , os praticantes solitários e algumas tentativas, que já nascem frágeis, de constituição de ordens, sociedades e “escolas da Arte”. Há um conjunto de valores e preocupações básicos e uma certa sensibilidade, os quais falarei melhor a respeito mais a frente, que constituem uma identidade, que fazem com que uma pessoa possa ser reconhecida como pagã por outros que assim também se reconhecem e possa então sentir-se parte de um mesmo movimento espiritual. A ideia de um movimento espiritual aqui me parece bem mais adequada para falar do neopaganismo. Melhor até do que falar de “religião”. Talvez se possam chamar de religião a Wicca, o Asatru, o Odinismo e outras “tradições” – como assim gostam de se auto denominar as vertentes e tendências dentro do neopaganismo – que se vêem como religiões neopagãs.

Para um cientista social que faça observação nesses grupos verá uma espinhosa situação no tocante a buscar definições. Todas as tentativas parecem já nascerem velhas, sendo rapidamente superadas pelas elaborações próprias dos grupos em seus contextos particulares; parecem nunca dar conta da vasta diversidade de modos de crer e viver a religião que se pode observar nos muitos grupos que se autodenominam neopagãos. Já os trabalhos acadêmicos que tratam sobre o assunto, tais como os de Jan Luis Duarte (2008), um trabalho de história das religiões, se concentra principalmente no neopaganismo como um processo de

⁵ Conforme já mencionei na introdução, a “Dedicação” é o termo nativo para designar o período de 1 ano e 1 dia em que a pessoa, então como postulante a um coven – “aspirante”, no caso do Chuva Vernal – passará por um processo de introspecção e aprendizado sobre a bruxaria e o “culto aos deuses antigos”.

reinvenção de tradições na Inglaterra do pós-guerra, época que não é o foco da pesquisa aqui realizada. Além disso, o trabalho de Duarte se debruça sobre uma análise de literatura sobre o tema e não sobre a análise de grupos propriamente ditos. É um trabalho de história da religião e não um trabalho etnográfico.

Outros trabalhos, tais como os de Osório (2010), listam características, mas todas essas extraídas dos discursos dos grupos específicos que foram analisados, assim como intento fazer aqui, mas os grupos de Osório se constituíam numa amostragem composta por grupos radicalmente feministas que, embora numerosos na Wicca, não são os únicos, sendo inclusive questionados por outras vertentes, como a “Wicca Xamânica”, da qual o Chuva Vernal afirma ser o único representante no Brasil.

O feminismo é fundamental na Wicca, é parte da identidade da religião, no entanto a vivência do mesmo ocorre dos modos mais diversos. Grupos com uma composição predominantemente masculina e heterossexual, como o Chuva Vernal, nem sempre adotam o feminismo radical e ativista, qual divulgadores famosos da bruxaria como Starhawk (2007) e inúmeros grupos no Brasil e no mundo que se expressam principalmente na internet. Ao que me deixou claro um praticante do Chuva Vernal, o fato de a Wicca ser matrifocal não significa que irá desprezar o masculino ou reduzi-lo a um papel demasiado secundário, como eles afirmam fazer os grupos e “tradições”⁶ supracitados que eles criticam. No entanto, este mesmo praticante disse-me para “nunca esquecer que o Chuva Vernal é na Wicca um grupo atípico, eles não são o padrão, eles são uma síntese inteiramente única”.

Então tem-se que o grupo principal considerado nesta pesquisa, embora wiccano, afirma não colocar a “ortodoxia”⁷ como central. Por outro lado, conforme Cal Tamoio, professor, 39 anos, afirmou, o modo como a religião é vivenciada pelo grupo “não busca a ortodoxia”, mas também não deseja de modo algum o sincretismo, que a seu ver é “igualmente pernicioso”. Segundo ele, sua religião é a única que adota uma “heterodoxia”, em suas palavras, porque “tem princípios bem definidos, reconhece e respeita a existência do diferente, sem contudo perder identidade frente ao mesmo”. Assim sendo, na busca por uma definição do neopaganismo, também não posso ater-me apenas ao que o Chuva Vernal mostra e vive. Desse modo, optei por extrair uma lista de características a partir de minha própria análise de campo não apenas do Chuva Vernal, mas também de outros grupos e praticantes solitários com os quais tomei contato na internet e nos eventos públicos do neopaganismo no

⁶ Estilos de prática da Wicca. O assunto será melhor desenvolvido adiante.

⁷ Reproduzi a palavra “ortodoxia” tal como foi dita pelo praticante, no entanto cabe um esclarecimento. O termo é empregado por este nativo para se referir ao que é a prática mais difundida nos grupos.

Rio de Janeiro e confrontá-las com o que dizem os autores da própria religião que, embora se aproxime em muito das características apontadas pelos referidos trabalhos acadêmicos, contesta algumas e levanta outras.

Retomando os escritores pagãos. Conforme mencionei acima, os praticantes têm consciência clara de que o que esses teóricos escrevem em seus livros são definições extraídas de suas vivências particulares e observações de um circuito neo-esotérico – para usar a expressão de Magnani (2006) – que lhes é próximo; são ponto de vistas amplamente aceitos, mas que em momento algum podem requerer um estatuto de verdade absoluta. Nesse Sentido se distingue de algo que possa buscar um estatuto de verdade profética.

Mas mesmo o próprio modo de escrever desses teóricos parece deixar claro que não se pretende uma autoridade sacerdotal, mas apenas uma teorização que não deve passar de abordagens passíveis de debate e crítica. Joyce e River Higginbotham (2003), por exemplo, em seu livro “Paganismo: uma introdução a uma religião centrada na Terra” dedicam um capítulo inteiro apenas a uma definição da religião. Embora bastantes conscientes de quão espinhosa é esta empreitada, ambos se esforçam no sentido de extrair de um contexto demasiado plural, uma ou outra característica que eles teriam percebido em todos os grupos e eventos dos quais participaram ao longo de uma década de prática, militância e difusão do neopaganismo, conforme afirmam em seu livro. E como conceitos fundamentais estes autores localizaram dois: a interconexão e a bênção. Por interconexão, eles entendem “a crença de que cada parte do Universo é profundamente interconectada” e por bênção, “a crença de que cada parte do universo é abençoada em sua natureza e que não há nada de errado com o universo ou com o ser humano” (HIGGINBOTHAM&HIGGINBOTHAM, 2003, p. 20). Sendo assim, as ideias de pecado, culpa e danação não fariam sentido nesta religião⁸ e, pelo contrário, um bruxo deveria se esforçar ao máximo por se libertar desta sensibilidade religiosa.

Os dois princípios identificados pelos Higginbothams parecem bem coerentes com o discurso da religião, mas se por um lado este discurso é um norte, a ausência de um clero ou

⁸ Ao longo de todo o livro, os Higginbothams se referem ao neopaganismo como “religião”, no entanto, logo na primeira página deixam claro o caráter arbitrário do termo. Porque, conforme afirmam, o “neopaganismo é um termo guarda-chuva que descreve uma variedade de denominações – conhecidas pelos Pagãos como tradições – as quais em sua maioria organizam a si mesmas e operam sem um corpo religioso centralizado ou um dogma padronizado” (p.19). Aqui nesta dissertação, contudo, embora faça a mesma ressalva dos autores supracitados, assim como eles, também utilizarei o termo “religião” para me referir ao neopaganismo, pelo fato de que embora todos os bruxos com os quais tomei contato, falem de suas “tradições”, todos se definem como pagãos, principalmente como um modo eficaz de se destacarem de todo o universo religioso ao seu redor do qual discordam e se identificarem com outros grupos cuja sensibilidade consideram parte de um mesmo movimento espiritual.

instituição reguladora faz das diversas interpretações e vivências particulares a única fonte com a qual o pesquisador pode lançar mão para trabalhar o fenômeno. E neste caso, talvez pelo pouco tempo de trajetória bem como a vivência algumas vezes de pouca imersão da maioria dos que se definem como pagãos e com o quais tenho conversado e observado, percebe-se muitas vezes que as noções de castigo, talvez oriundas da cultura cristã de onde vem a maioria dessas pessoas, são muito presentes. Isto faz da ideia de uma sensibilidade que crê numa bênção onipresente uma afirmação a ser relativizada.

Scott Cunningham (2002), outro autor muito lido por esses praticantes, prefere definições mais abertas e gerais. Em momento algum em qualquer de seus livros ele fala de um “neopaganismo”, ou seja, de uma religião. Em lugar disso, prefere falar da “bruxaria”, no entanto seu conceito de bruxaria, bem como a abordagem da mesma que ele sustenta, muito dificilmente encontraria paralelo em tradições populares e ancestrais de magia, tais como religiões sincréticas como a Umbanda e o Candomblé. Sua conceituação só parece mesmo adequada à lógica do neopaganismo, o público o qual, sem dúvida, é o foco de seus livros. Cunningham é conhecido principalmente por ser o criador e divulgador da prática da autoiniciação, o que permitiria que qualquer pessoa pudesse “se tornar” bruxo, bastando para tal aceitar e se abrir para a magia. Falarei mais apropriadamente sobre autoiniciação em momento oportuno, visto esta ser talvez a inflexão de maior relevância na história da “bruxaria moderna” para os fins perseguidos nesta pesquisa.

Para o momento, contudo, é importante acentuar que, para Cunningham (2002), tal como se pode observar ao longo de suas várias obras, a principal característica da bruxaria é a magia. Por magia, o autor entende “a projeção das forças naturais para gerar efeitos necessários” e mais adiante afirma que esta seria uma energia encontrada principalmente em três (3) fontes principais: “o poder pessoal, o poder da Terra e o poder divino”⁹ (Cunningham 2002, p. 39-40).

⁹ Por “divino” aqui entende-se aquilo que é relativo à Divindade ou às divindades pagãs. No singular estaríamos nos referindo à “Grande Mãe”, divindade feminina suprema que, segundo Terra Molhada, 33 anos, membro do Chuva Vernal, em entrevista, “é o mundo”: “Ela é a cadeira na qual você está sentado” – diz o bruxo. Aqui teríamos um tipo de panteísmo. Esta questão, contudo é demasiado ambígua quando se considera o depoimento de um número maior de pagãos. Por exemplo, para Trilhadovento, 34 anos, também membro do Chuva Vernal, a Deusa “não é o mundo”, mas sim “está no mundo”, “se manifesta em tudo que existe. Por outro lado, se dito no plural, essas “divindades”, no contexto da Wicca, referem-se a representações diferentes, aspectos diferentes de uma mesma divindade primordial – a Deusa ou o Deus. Grupos que não se sentem muito familiarizados com uma abordagem que considerariam demasiado conceitual, preferem se relacionar com “divindades”, com nome e atributos específicos e definidos, mas tendo em mente que são manifestações dos mesmos princípios masculino e feminino primordiais. Já tradições como o Druidismo, o Reconstrucionismo Helênico, Reconstrucionismo Celta ou o Odinismo são decididamente politeístas, não considerando o duoteísmo primordial típico da Wicca.

Retornando a uma definição do neopaganismo, afirmo que nenhuma definição pode se pretender muito fechada, mas sim se concentrar na generalidade; não deve se concentrar nos modos de organização visto que estes são dependentes dos contextos, questões locais e história peculiar da difusão da religião na localidade; também não deve se debruçar muito sobre os princípios doutrinários, visto que grupos dão ênfases distintas em suas elaborações, algumas questões consideradas centrais na caracterização da religião sendo até ignoradas, dependendo do caso. Por exemplo, a maioria dos praticantes fala que o neopaganismo é uma religiosidade de forte ênfase no feminino, no entanto, há grupos, não wiccanos, que professam uma espiritualidade marcada por pressupostos machistas, como é o caso de alguns grupos de paganismo nórdico; o respeito à diversidade e a ênfase na harmonia de todos os seres são elementos do discurso dessas religiões e a maioria dos grupos parece valorizar suficientemente essas causas para que sejam consideradas onipresentes, mas observei, contudo, grupos com indivíduos que se autodenominam fascistas, com uma visão de mundo própria marcada pela belicosidade, o classismo, a homofobia e um machismo claramente explicitado. Estes mesmos grupos supracitados, embora cultuem divindades muitas delas relacionadas à natureza, falam muito pouco de ecologia em suas principais preocupações. Não se opõem a mesma, no entanto não parecem colocá-la como tema central de sua religiosidade.

Outro ponto problemático é quando se apresenta o neopaganismo como uma religião imanente em oposição a religiões transcendentais, tais como as da matriz judaico-cristã, tal como fizera Rosalira Oliveira (2010). Por imanente entende-se uma religiosidade focada nesse mundo visível, que seria lugar onde a divindade se encontra e se manifesta. Por outro lado, uma divindade transcendente estaria além desse mundo, fora do mundo que conhecemos e fora de nós mesmos. Sem dúvida, não há como considerar o neopaganismo como uma religião transcendente. Por outro lado, seu imanentismo é demasiado peculiar daquele professado por outras religiões também imanentes no contexto brasileiro. Não se trata apenas de dizer que “os deuses estão no mundo” ou que se manifestam no mundo. No neopaganismo afirmações como estas acontecem a todo momento, mas quem seriam estes deuses? Seriam espécies de divindades panteístas: não apenas estariam em tudo, mas seriam tudo aquilo que existe. Quando indaguei a Terra Molhada¹⁰, 32 anos, em uma entrevista que realizei com o grupo sobre o que seria a deusa, ele me respondeu: “a cadeira onde você está sentado”. E depois explicou melhor ao que ele se referia. De acordo com o que pude apreender de sua

¹⁰ Apresento mais detalhadamente todos os membros do grupo mais a frente no subtítulo “O Chuva Vernal”. Prefiro esta organização porque não é possível falar sobre o Chuva Vernal sem antes apresentar o que é o neopaganismo, objeto desta sessão. De qualquer modo, nos momentos em que precisar citá-los antes do momento em que os apresento de modo completo, irei fazê-lo apenas mencionando sua idade.

digressão, a Divindade seria tudo, mas não se manifestaria o tempo todo por uma questão puramente do olhar de quem vê: para “estar diante da divindade” é preciso o olhar mágico, que o homem só cultiva em determinados momentos – o ritual, o feitiço, os momentos em que invoca a relação com o sagrado, seja ela de que maneira a pessoa preferir realizar. É visivelmente uma distinção entre sagrado e profano, mas que não se realiza no espaço e sim no olhar do indivíduo. Em última instância, uma divindade, pelo menos para o Chuva Vernal, é como um modo de estar do indivíduo, um modo de consideração da realidade evocado pelo bruxo.

Este aspecto do sagrado neopagão é largamente explorado na literatura sobre o assunto e, dado seu nível de complexidade questionei se isto era realmente feito na prática e procurei confrontar com minha observação. O que pude apreender, contudo, é que esta visão da Divindade – certamente podemos assim chamar – se constitui num dos principais projetos do neopaganismo enquanto religião. Numa comparação rápida e superficial seria como a santidade para os cristãos: ela é uma orientação, uma direção a ser seguida. Mas ela é principalmente o ponto central que demonstra o nível de aprofundamento e conhecimento que o praticante tem da religião diante dos demais que a praticam, principalmente os que estão mais tempo no “caminho da Arte”. É como dizer que quanto mais o indivíduo demonstra esta sensibilidade, mais respeitado ele é e mais reconhecidamente pagão. Na prática, esta sensibilidade se manifesta com uma forte dose de percepção de “sinais”, audição sobrenatural, intuição, sonhos e, em casos extremos mesmo um evento trivial para a maioria das pessoas em um centro urbano movimentado pode ser “visto” como mágico, desde que a pessoa seja capaz de captar o caráter mágico do mesmo. Esse captar a magia no cotidiano é um dos sinais mais reconhecidos do desenvolvimento do potencial mágico do pagão.

Assim, dado o caráter limitado das definições do neopaganismo focadas no conteúdo doutrinário, parto para a utilização aqui de uma definição extraída de várias conversas com praticantes ao longo dos anos de 2012 e 2013. Tais definições são baseadas no auto-reconhecimento dos praticantes, ou seja, o que leva um indivíduo a se auto-denominar pagão e o que o leva a ser reconhecido pelos demais como tal. A partir dessas conversas, pude extrair o seguinte corpo de características principais, algumas delas, conforme falei anteriormente, muito presente em livros sobre a religião, mas outras totalmente ignoradas ou até mesmo negadas, conforme se poderá observar adiante. Tais características seriam:

1. Politeísmo;
2. Grande espaço para elaborações e sínteses individuais;
3. Ênfase nas práticas (experimentalismo) e não em doutrinas;

4. Recurso à magia e visão positiva acerca da mesma;
5. Reconhecimento de um calendário litúrgico baseado em ciclos da natureza;
6. Existência de algum tipo de crítica à modernidade, esta última representada de modos diversos dependendo dos grupos.
7. Crítica à cultura tradicional, no caso a tradição judaico cristã, em prol de uma visão transformadora da sociedade, a qual na quase totalidade dos casos resume-se a um forte e militante anti-cristianismo. Esta característica, por exemplo, é negada no discurso nativo, mas facilmente perceptível pela observação acadêmica.

Como investiguei nesta pesquisa, esta configuração geral do neopaganismo no contexto fluminense é diretamente imbricada com um modo peculiar de cultivo do individualismo que em momento posterior à consolidação da comunidade neopagã reflete-se num projeto de mundo, mais adequado e coerente a estes indivíduos. Daí a defesa, por parte da grande maioria dos grupos, de projetos típicos da modernidade e fortemente críticos em relação à tradição judaico-cristã como: ecologia, feminismo, defesa da diversidade e mesmo o politeísmo. Estes aspectos que são geralmente vistos como características principais desta religião são, na prática, reflexos de uma ética anterior ao contato com a religião e não oriunda desta e que dialogam diretamente com a problemática do individualismo moderno e sua relação com as instituições da sociedade.

Desse modo, o neopaganismo não pode ser definido apenas pelo recurso à magia ou a adoração a divindades pré-cristãs. Indissociável desses aspectos, há uma crítica explícita ou um descontentamento implícito, ou ambos, com a sociedade e a tradição judaico-cristã, trazendo consigo um projeto de mundo. A ideia desse projeto de mundo e essa crítica das instituições consolidadas é que, a meu ver, separam o neopaganismo das religiões reminiscentes pré-cristãs e os diversos sincretismos anteriormente mencionados.

1.1 O que é Wicca

De todas as vertentes neopagãs nos interessa principalmente a Wicca, da qual o grupo principal que foi analisado é um representante no Rio de Janeiro. Segundo a definição da UWB (União Wicca do Brasil), uma associação que visa representar a religião na esfera pública, “a Wicca é uma religião neopagã, mítica, politeísta, iniciática, de culto dualista e orientação matrifocal”¹¹.

¹¹ Disponível em <http://uniaowiccadobrasil.org.br/definindo-a-wicca/a-wicca-e>, acesso em 6, ago, 2013.

A religião não possui uma estrutura clerical. No caso brasileiro, há associações como a ABRAWICCA (Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca), a UWB (União Wicca do Brasil) e a IBWB (Igreja de Bruxaria e Wicca do Brasil), de ação apenas representativa frente à sociedade, com pouca ênfase no aspecto regulador das crenças.

Não há unidade de estilos, a religião se dividindo em várias denominações chamadas de “tradições”. Estas denominações não combatem umas às outras, o que ocorre é um reconhecimento e respeito mútuo, tal divisão sendo justificada pelo próprio caráter diverso da experiência mágica e das particularidades de cada história individual. O nome “tradições” é oriundo da tentativa de vinculação com um passado perdido que estaria sendo resgatado, mas que na prática se aproxima mais do processo de invenção de tradições tal como identificado por Hobsbawn e Ranger (1984), em “A Invenção das Tradições”.

Dado o caráter de sacralidade atribuído à natureza, os principais ritos e festivais estão ligados aos ciclos naturais. Os 8 sabás estão ligados à roda das estações, enquanto os 13 esbás, aos plenilúnios.

O bruxo wicciano pode ser um praticante solitário ou fazer parte de um *coven* – grupo de bruxos com “afinidade mágica”. Por tradição, um coven não pode ter mais de 13 indivíduos, número a partir do qual deve dar origem a outro grupo. Um conjunto de covensirmãos compõe um groove.

Em virtude de sua característica contracultural, conforme identificaram Tuitéan e Daniels (2006), a Wicca foi uma religião muito bem recebida por grupos de contestação ao status quo nas décadas de 60 e 70, tais como o movimento hippie e o feminismo. Por ser uma religião que tem a prática da magia como fundamento, ela foi desde sua primeira aparição, na década de 50, com Gerald Gardner¹², vista como algo avesso ao Cristianismo e por este considerada diabólica.

¹² **Gerald Brosseau Gardner** (1884-1964) foi um funcionário público da Coroa Britânica, antropólogo amador, escritor e ocultista. Em 1954 publicou “Witchcraft Today” (“A Bruxaria Hoje”, na tradução para o português realizada pela editora Madras), livro que se tornou a primeira publicação da Wicca e que a tornou conhecida. Gardner é considerado por muitos especialistas na bruxaria moderna – e mesmo por praticantes da mesma – como o fundador da Wicca, embora ele próprio nunca tivesse afirmado isto, dizendo-se apenas alguém que tornou público uma tradição milenar que havia atravessado milênios e sobrevivido a perseguições como um culto de mistérios secreto, de orientação matrifocal e com forte cultivo da magia. Se fundador ou divulgador, esta questão não é importante aqui. Cabe contudo, levar em consideração o fato de que as sociedades secretas estavam muito em voga na época de Gardner e fazer parte de uma era quase sempre um sinal não apenas de distinção, como o próprio Gardner pareceu perceber em “O Significado da Bruxaria”, livro de sua maturidade: “Para alguns é divertido pertencer a algum tipo de sociedade secreta. Este é um tipo inofensivo de diversão” (GARDNER, 2004, p. 35). Para uma interessante leitura sobre esse aspecto das sociedades secretas, ver “Sociology of Secrecy and of the Secret Societies” (SIMMEL, 1905). Uma possibilidade para a questão da origem da Wicca, tal como foi apresentada por Gardner, é que o autor talvez tivesse realizado uma síntese de conteúdos oriunda das inúmeras tradições de magia e sociedades secretas as quais pertenceu, acrescentando reflexões de sua própria história de vida. Um levantamento biográfico bem organizado e bastante revelador da vida do autor e

Uma característica inseparável da visão de mundo da Wicca é o caráter de gênero. Talvez menos pelo trabalho realizado por Gardner do que pela influência do feminismo ao longo de sua história, a Wicca fundamentou sua cosmogonia inseparável da questão de gênero. Segundo material produzido pelo coven Chuva Vernal para ser usado nas aulas que ministram no seu “Grupo de Estudos e Aspiração” (GEA) – um curso básico de Wicca para pessoas interessadas em fazer parte do coven – o real é descrito como a interseção entre duas esferas arquetípicas opostas e complementares – o Sagrado Feminino e o Sagrado Masculino. Segundo, um dos nossos informantes do grupo estudado, Trilhadovento, 32 anos, isto englobaria “todas as coisas que existem”, sejam elas concretas ou abstratas, humanas ou divinas, evidentes ou sutis.

E na representação desses princípios fundamentais, ocorre uma vinculação de atributos a cada lado. Segundo Andrea Osório (2004), “a Wicca atribui ao masculino os papéis ativos, a guerra, a força, a luz, o selvagem. Ao feminino estão guardados os atributos da passividade, da fragilidade, da loucura, da escuridão e da cultura” (2004, p. 159).

Representação semelhante da realidade é encontrada no Chuva Vernal, porém no tocante à cultura percebe-se uma diferença sutil e que é bastante relevante levar em consideração, dada a diferença de gênero dos grupos comparados. A ciência, a razão e o modelo de civilização não-sustentável que é dominante no Ocidente são vistos como um desequilíbrio de forças onde o masculino sufocou o feminino. A civilização não é necessariamente vista como um algo sofisticado, como no grupo analisado por Osório, mas sim como uma construção deficiente e que vive um estado doentio. Os atributos do Sagrado Feminino seriam os elementos dos quais estaria carente o mundo moderno para superar a crise ecológica e humana em que se encontra: amor, consideração pelo outro, dedicação à família, espiritualidade, sensibilidade e ecologia.

- Os Deuses da Wicca

Embora frequentemente possa ser vista como uma religião politeísta, admitindo vários deuses, conforme fazem outras vertentes do neopaganismo como o Druidismo e o Asatru, segundo meus informantes membros do Chuva Vernal, a Wicca é melhor definida como um tipo de duoteísmo primordial. A “Deusa” seria um princípio divino que representaria o

suas possíveis fontes de contribuição para compor sua ideia da bruxaria foi realizada por DUARTE (2008), em sua dissertação de mestrado em História das Religiões, intitulada “Os Bruxos do Século XX: Neopaganismo e Invenção de Tradições na Inglaterra do Pós-guerras”.

sagrado feminino, enquanto o “Deus” representaria o sagrado masculino. Estas divindades seriam seres imanentes e panteístas que representariam um dualismo primordial através do qual o universo se mantém uno. Embora pareça contraditório, esta metafísica – a que os wiccanos preferem chamar de “Tealogia”¹³ (em oposição à “teologia”, a qual seria um conhecimento voltado para uma divindade masculina) – considera que o cosmos não nasce do uno, mas sim da harmonia entre opostos. Algo muito próximo do par Yin Yang da cultura oriental, no entanto substituindo esses aspectos mais conceituais pelo que, segundo o Chuva Vernal, é o dualismo central da Wicca: o masculino e o feminino. Sem querer me aprofundar nesta questão, mas percebe-se claramente aqui que a preferência por este dualismo em lugar de outro mais metafísico é bastante consonante com a proposta da religião de reintegração do homem com o natural e de considerar o imanente: masculino e feminino são aspectos encontrados no mundo natural em oposição a outros dualismos que seriam elaborações intelectuais mais sofisticadas, contudo, vistas como mais afastadas da realidade do mundo.

Em seu livro *Wicca Brasil*, Mavesper Cy Ceridwen, escritora brasileira muito lida e talvez a sacerdotisa que se constitua na maior referência em Wicca no Brasil, considera a Wicca como um “culto aos deuses antigos” e depois acrescenta que este culto “se faz de variadas maneiras: alguns preferem cultuar simplesmente a Deusa da Lua e seu Consorte, o Deus do Sol, outros preferem celebrar os Deuses de um determinado panteão – grego, celta, egípcio, etc – e ainda outros escolhem celebrá-los pelos nomes que receberam em todos os panteões da humanidade. Qualquer dessas formas é admissível sendo o traço fundamental e distintivo da Wicca Diânica que não prestam culto diretamente ao Deus de Chifres, e só o homenageiam como Consorte e Filho da Deusa, sempre haverá o reconhecimento das polaridades feminina e masculina da Divindade” (2003, p.24).

Diversas elaborações intermediárias entre o politeísmo e o duoteísmo que citei acima pude perceber no contexto do Rio de Janeiro, mas um elemento que todos os wiccanos professam é que, embora todas as deusas e deuses de todas as culturas possam ser entidades com características próprias, todos são aspectos, manifestações de um mesmo par duoteísta primordial. Na prática do Chuva Vernal, por exemplo, o Deus e a Deusa são adorados como elementos essenciais, sem nenhum nome específico de alguma cultura ou fidelidade a qualquer panteão, seriam princípios anteriores a qualquer distinção cultural. Admitem, contudo, que cada bruxo tenha uma devoção pessoal com uma divindade específica: o deus pessoal. Este pode ser de qualquer panteão pré-cristão ou mesmo de alguma cultura politeísta

¹³ Nome utilizado pela primeira pelo sacerdote druida Isaac Bonewits em seu livro *NeopaganRites: A Guide to Creating Public Rituals That Work*, publicado originalmente em 1976.

ainda existente na atualidade mesmo que apenas em reminiscências, tais como as divindades hindus e também as divindades africanas, estas últimas que são conhecidas no Brasil através dos cultos afros. Segundo Terra Molhada, essa divindade pessoal é na prática um mito de afeição pessoal do bruxo. A história da divindade, sua personalidade e o tipo de domínio a que está relacionada em geral seriam aspectos que teriam relação com a vida pessoal do bruxo.

Assim sendo, percebe-se na relação com as divindades um aspecto interessante no tocante ao objetivo tratado nesta pesquisa: o indivíduo pertence à religião à medida que “cultua os deuses antigos”, o que na prática significa não cultuar o deus hebreu, mas tem um espaço reservado para elaborações de sua identidade no culto a uma divindade pessoal.

Mesmo na definição das divindades primordiais parece não haver um consenso muito claro em torno do que seriam seus atributos ou domínios, a não ser no fato de uma ser o feminino e a outra ser o masculino. Mário Martinez (2005), o maior representante no Brasil da vertente mais tradicional da Wicca, define as divindades desta maneira:

“A Wicca é uma religião centrada nas forças da Natureza, que cultua uma Deusa e um Deus da fertilidade. A Deusa é a Mãe de tudo o que existe, criadora de todas as coisas e identificada com a Lua e por isso chamada de Rainha do Céu. O Deus na Wicca, o Cornífero, é associado ao Sol, à Natureza, à fertilidade e ao Céu. A Deusa possui uma representação tríplice, focada nos ciclos da Lua e da própria vida”. (2005, p.28)

Essa definição parece por si só ir contra aquela que é mais usualmente difundida acerca da Wicca, a de que “a Deusa é a Vida” (CERIDWEN, p. 25), no entanto, mais a frente em seu livro, quando define o casal divino, o mesmo Martinez diz que “a Deusa é a terra fértil que tudo sustenta, e o Deus é o agente fertilizador que a engravida”. Isto parece um tanto ambíguo, mas quando se observa mais de perto a prática religiosa desses bruxos, tal como fiz observando o Chuva Vernal, se percebe que procurar um domínio onde estaria a divindade é uma busca um tanto infrutífera. Importa mais ao bruxo o princípio que a Deusa e o Deus simbolizam. Dentre tantas definições de vários autores pude perceber uma coerência em torno de que a Deusa seria a totalidade das coisas existentes, o mundo material, com sua lógica, suas leis naturais, a Natureza em si, enquanto que o Deus seria o movimento, o caráter cíclico, o fluxo, a mudança. Assim sendo, o mundo existe pela Deusa, mas as estações, os ciclos da vida, o permanente estado de mudança a que tudo está submetido seria a ação do Deus sobre o corpo dela.

Esse par primordial é dogma da Wicca. Não se pode ser wiccano sem considerar o divino desta maneira. Porém, salta aos olhos como na literatura sobre o assunto os autores

gostam de apresentar as divindades pessoais, a que me referi anteriormente, como uma lista onde uma pessoa pode escolher um deus de acordo com suas necessidades. Tuitéan e Daniels (2001, pp. 129-134), em seu capítulo denominado “Divindade” têm subtítulos como “Escolha de uma Divindade” e “Como Escolher Divindades”.

- A Roda do Ano

A religião conta com um calendário litúrgico composto por 8 rituais solares (os sabás) e 13 rituais lunares (os esbás). Os sabás são ocasiões festivas onde os covens celebram os ciclos da natureza: a passagem das estações e as etapas do trabalho agrícola. Um ponto que me questionei no início do trabalho de campo era sobre o porquê dessa importância dada ao trabalho agrícola se todos os indivíduos dos grupos que analisei viviam em cidades e principalmente grandes metrópoles – a Wicca é uma religião urbana e de centros cosmopolitas. A convivência com o Chuva Vernal e a conversa com outros praticantes na internet me permitiram perceber que a agricultura seria um trabalho que teria uma dimensão mágica mais evidente que qualquer outro por duas razões principais: porque é realizado no contato direto do homem com a natureza e também por ser uma atividade humana muito antiga que remonta à organização das sociedades pré-cristãs que servem de referência para os wiccanos, que constituem as tradições dos quais se sentem os continuadores.

O fato de ser uma religião de origem européia e ter um calendário litúrgico baseado em ciclos da natureza faz com que no caso de quem vive no hemisfério sul haja um descompasso dos rituais com os ciclos da natureza. Para contornar este problema, convencionou-se considerar a Roda do Ano (os 8 sabás) como “Roda Norte”, onde os rituais são realizados tais como na Europa e a “Roda Sul”, onde se manteriam fieis às estações do ano. Em geral, ao que pude perceber conversando com os praticantes, o principal argumento de quem segue a Roda Norte aqui no Brasil é de que estariam se conectando a alguma ancestralidade mágica de origem européia ou então vivenciando a roda do ano desta maneira estariam melhor se conectando a suas vidas passadas, onde teriam sido pessoas relacionadas ao mundo da magia na Europa. Para essas pessoas, visivelmente a Europa é um tipo de terra ancestral não apenas da religião e da espiritualidade a que buscam se relacionar, mas também de suas essências espirituais. Já os bruxos que seguem a Roda Sul, afirmam que a principal característica da Wicca deve ser o trabalho de reconexão do ser humano com a natureza, assim sendo não faria sentido algum remeter os rituais a uma realidade natural que não faz parte do ambiente onde os bruxos vivem. Argumentam que a Mãe deve ser vista no hoje, no

agora, no aqui. São pontos de vista diferentes, que atribuem pesos diferentes aos diversos aspectos da religião e ao modo de vivenciar a magia. O Chuva Vernal vivencia a Roda Sul, assim sendo todas as vezes que nos remetermos ao calendário litúrgico da Wicca neste trabalho estaremos fazendo referência a esta.

Mario Martinez explica em detalhes cada um dos oito sabás e o quanto eles se relacionam com elementos da natureza e das estações do ano. No anexo 1, estão alguns trechos do livro de Martinez sobre cada um dos 8 sabás.

A escolha pela transcrição desses trechos do livro de Martinez não se deu apenas por ele ser um autor muito reconhecido no meio wiccano, mas principalmente pelo modo como ele encadeou a sequência da roda do ano, relacionando o mito, com as etapas do trabalho agrícola, as estações do ano e momentos importantes da vida do indivíduo. Este encadeamento mostra de que modo a celebração dos sabás procura promover esta reconexão do ser humano com os ciclos do mundo natural, relacionando estes com ciclos da vida do bruxo, sugerindo uma lógica universal que estaria presente em todos as instâncias da vida, sejam elas do mundo exterior ou da vida individual.

Para além dos sabás, também são celebrados os esbás, que seriam rituais do plenilúnio. No caso do Chuva Vernal, os esbás são sempre rituais fechados, vedados ao público, apenas iniciados e aspirantes podem frequentar. O esbá é principalmente um momento de cultivar a magia.

- O Chuva Vernal

O coven existe há 11 anos na cidade de São Gonçalo e adjacências, área a que denominam “Território Tamoio”¹⁴, embora hoje em dia estenda suas atividades também para a cidade do Rio de Janeiro. Contrariando a tendência mais difundida na Wicca, ou seja, de grupos com forte presença feminina, o Chuva Vernal começou como uma iniciativa de 5 jovens, 4 rapazes e 1 moça, todos universitários e de classe média baixa. Tais jovens se encontravam inicialmente num grupo de estudos sobre “cultura celta” que organizaram informalmente no campus da UERJ em São Gonçalo.

Ao longo dos anos, o grupo não se manteve o mesmo, mas a característica predominantemente masculina permaneceu. Hoje o grupo é composto por: 4 membros efetivos, sendo 3 homens e 1 mulher, esta sendo namorada de um dos homens; e 9

¹⁴ Os Tamoios eram indígenas habitantes originais da região das margens leste da Baía de Guanabara – território que hoje corresponde às cidades de São Gonçalo e Niterói – antes da chegada dos portugueses.

“aspirantes”, que são bruxos menos experientes que estão passando pelo chamado “período de dedicação”, uma etapa de 1 ano e 1 dia, onde o bruxo aspirante ao coven será observado e orientado por um membro mais antigo, que será seu “tutor”.

Nos rituais do grupo, todavia, não apenas o coven e os aspirantes participam, mas também pessoas convidadas que são estimadas e tenham algum interesse pela bruxaria. Seriam “amigos do coven”. Estes são convidados para os sabás e compõem uma lista de vários indivíduos que só não são convidados em massa devido às condições físicas limitadas do espaço onde são localizados os rituais, a saber, a casa de um dos membros no bairro do Rio do Ouro, em São Gonçalo.

Conversei com estas pessoas principalmente nos sabás, mas também mantive contato com eles pela internet, através de redes sociais. Cheguei mesmo a marcar reuniões informais em minha casa, onde alguns vieram. Estes contatos me permitiram traçar um perfil de dados gerais sobre o grupo e os que estão de certo modo relacionados aos seus eventos. Considerei 20 indivíduos, dentre membros permanentes do coven, aspirantes e “amigos do coven”, estes últimos, conforme mencionei mais acima, não fazem parte do grupo. Destes, todos têm nível superior ou são universitários; todos estão na classe média, com o predomínio de profissões relacionadas ao nível superior; 10 homens, 10 mulheres; 8 desses indivíduos têm filhos; 7 são casados ou mantêm uniões estáveis; todos adultos, o mais jovem com 19 anos e o mais velho com 41. Todos moram em ambiente urbano, a grande maioria na cidade do Rio de Janeiro.

O grupo gosta de se mobilizar por questões políticas, principalmente no que diz respeito a bandeiras como defesa da pluralidade, Estado laico, ecologia e direito das minorias. Não há, no entanto, uma unidade no que diz respeito a assumir um partido ou uma filosofia política como dominante para o coven. Pude ver desde membros que se declaram anarquistas com forte simpatia por práticas radicais, como o Black Block, até indivíduos com certa carga de discursos reacionários, convivendo juntos em uma harmonia delicada.

O grupo é atuante em eventos públicos de diálogos interreligiosos como a “Caminhada Contra a Intolerância Religiosa”, onde buscam representar o neopaganismo na luta por projeção social e reconhecimento na esfera pública e também aparece em posições centrais em eventos da comunidade neopagã do Rio de Janeiro, como: “O Dia do Orgulho Pagão” (DOP) e o “Encontro Social Pagão” (ESP).

Ao longo dessa dissertação, me referi aos membros do grupo pelos seus “nomes pagãos”, que seria o modo como são chamados em rituais e como são reconhecidos na comunidade pagã.

No grupo principal, ou seja, “os irmãos mais velhos”, estão:

1) Terra-Molhada¹⁵ (Luís Felipe): bancário, 33 anos, artista plástico, classe média, divorciado e pai de um filho. Conheceu a Wicca ainda na adolescência, segundo ele, não possuía nenhuma trajetória religiosa em sua vida, tendo “atinado” para a realidade mágica (“recebido o Chamado da Deusa”) logo quando tomou o primeiro contato com esta religião através de livros e revistas – na época a internet não tinha a difusão que tem hoje. Segundo relata, Terra Molhada recebeu muita influência da literatura de ficção a que tomou contato e que o fez desenvolver não apenas uma mentalidade ecológica – fundamental na Wicca – como também uma mentalidade mais afeita ao “universo da magia”.

2) Trilhadovento¹⁶ (Rafael): professor de ensino fundamental, 32 anos, artista plástico, divorciado, pai de uma filha. Trilhadovento conheceu a Wicca juntamente com Terra Molhada quando ainda na faculdade. Veio de uma família de classe média em Niterói. Segundo relata, foi criado sem religião e levou um tempo de bastante ceticismo em sua vida, mas em determinado momento, por questões pessoais, foi “apresentado” ao mundo das questões espirituais por sua mãe, então convertida ao Espiritismo havia alguns anos, que o sugeriu que “procurasse uma forma de espiritualidade”. Trilhadovento não seguiu os passos de sua mãe no Espiritismo, mas foi daí que “recebeu o Chamado da Deusa”, do mesmo modo que Terra Molhada, através de livros alguns ficcionais, mas no caso dele, a maioria livros da própria temática do paganismo. Trilhadovento é um ativista empenhado na causa da Wicca e da diversidade religiosa. Participa de eventos como a “Caminhada pela Diversidade Religiosa” e é figura proeminente na organização de outro evento importante no meio pagão do Rio de Janeiro: o “Dia do Orgulho Pagão” (Pagan Pride Day, nos Estados Unidos), um evento vinculado ao “Pagan Pride Project”, projeto maior, de âmbito internacional. Trilhadovento é também um divulgador assíduo da religião, realizador de cursos sobre “magia e neopaganismo”, inspiração para novas gerações de pagãos até mesmo fora do Estado¹⁷.

3) Guaraucária (Carlos Alexandre): professor de ensino fundamental, 40 anos de idade, solteiro e formado em sociologia pela UFF. Guaraucária é o elemento de inclinações ideológicas mais evidentes no grupo. Estudioso e apaixonado pelas ideias anarquistas e ecológicas, recebeu de sua família uma criação católica, mas chegou na Wicca por influência

¹⁵ Os praticantes serão aqui identificados pelos seus nomes mágicos. Tais nomes são dotados de uma significação mágica conhecida unicamente pelo próprio bruxo.

¹⁶ O nome se escreve assim mesmo, sem espaço.

¹⁷ Num evento acadêmico que participei em 2013 na cidade de São Paulo, conheci uma antropóloga pernambucana, moradora do Recife, que falava muito bem de Rafael Trilhadovento e de como ele era uma inspiração para muitos que desejam conhecer a Wicca em todo o Brasil. Em outra ocasião, uma moça que estava em Minas Gerais que se simpatizava pela Wicca, mas queria uma “tradição” com forte teor de xamanismo recebeu de um oraculista (pessoa que joga algum tipo de ocáculo) a indicação de Rafael Trilhadovento como a pessoa mais apropriada para lhe “orientar” em sua busca espiritual.

das causas políticas que tomou para si. Guaraucária gosta de se definir como “progressista”, em oposição à mentalidade reacionária que, segundo ele, está presente das mais diversas maneiras nos mais diversos ambientes de nossa sociedade. Ele é o membro que mais “fala” sobre as ideias que norteiam o coven, o que não é por menos: segundo Rafael Trilhadovento, Guaraucária sempre foi o principal responsável pelo direcionamento ideológico do grupo, sem o qual este seria apenas mais um grupo de místicos não necessária e suficientemente críticos com a sociedade ao seu redor. Guaraucária foi com quem mais conversei ao longo dessa pesquisa, talvez pela sua passagem pelas ciências sociais. Ele gosta de se definir como “o pesquisador que virou índio” e que seria o meu “índio informante na tribo em que realizo a pesquisa”. Apesar de todo esse folclore em torno da pesquisa acadêmica, sem dúvida alguma Guaraucária foi uma figura fundamental, posto que para ele não era muito difícil saber o que poderia ser de muito interesse para mim, enquanto pesquisador. Sua avidez em falar sobre sua religião, sua postura crítica com relação à sociedade e seu conhecimento sobre algum conjunto de questões pertinentes à sociologia da religião foram imprescindíveis para que eu pudesse tomar contato com fatos e informações que sem ele seriam totalmente impossíveis de tomar conhecimento.

4) Pé de Planta (Wesley): professor, 34 anos, casado, pai de uma filha, formado em história. É um membro afastado do coven, mas foi elemento fundamental para sua formação e continuidade. Segundo o grupo, ele não abandonou a Wicca e nem se desligou do coven, mas permanece como um “membro afastado” por razões de morar em outra cidade, no entanto, ainda é considerado pelos demais como um membro do grupo.

5) Nyx (Ana Marques): analista de sistemas, 41 anos, divorciada, mãe de 2 filhos. É namorada de Trilhadovento, com quem mora. É a única sacerdotisa do grupo e a mais recente no grupo de “irmãos mais velhos”. Seu foco principal é a prática de oráculos. Com ela conversei muito pouco, dada a dificuldade de sua agenda lotada, no entanto é uma pessoa bastante experiente para falar sobre as peculiaridades do paganismo no Brasil, tendo sido casada com um pesquisador que estudou o neopaganismo como objeto de pesquisa na área de história das religiões, pesquisa esta que ela afirma ter contribuído bastante.

Para além desse grupo de membros mais antigos, ao longo dessa pesquisa também cito alguns aspirantes, como por exemplo: “Coruja”, solteiro, 23 anos, DJ, estudante de administração, oriundo de uma família umbandista, instrutor de reiki e um interessado em questões relacionadas à medicina alternativa; Dara, casada, 28 anos, professora, estudante de pós-graduação, militante de causas feministas, interessada em oráculos e ecologia profunda.

Além desses, outros aparecerão ao longo da dissertação, mas dada a distância com relação ao grupo principal, preferi apresentá-los no momento em que são citados.

2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PESQUISA

2.1 Questões e Delimitação do Objeto

Uma questão central colocada nesta pesquisa é como a escolha e vivência nessa religião podem responder a uma situação de determinadas pessoas que cultivam o individualismo como um valor fundamental de suas vidas e apesar disso buscam constituir uma comunidade. Penso que esta questão da dialética do indivíduo com a comunidade, bem como a relação destes indivíduos com as representações de tradição e modernidade, são elementos essenciais para se compreender as diversas configurações dessa religião, sua dinâmica de funcionamento, discursos e práticas.

Ora a grande diversidade que compõe o neopaganismo às vezes dificulta sobremaneira a compreensão do mesmo enquanto um objeto delimitado. Conforme detalhei linhas acima, estudos acadêmicos sobre o assunto focam mais no discurso do que na própria estrutura da religião. Refiro-me a estudos como os de Silas Guerriero e Marina Lopes (2010) sobre o druidismo no Brasil, Rosalira Oliveira (2010), Carlos Steil e Isabel de Carvalho (2008).

O individualismo é uma questão fundamental da modernidade, de modo que qualquer análise desta não pode passar sem levá-lo em consideração. Ele está presente no mundo do trabalho, na constituição da família, das relações humanas, na arte e mesmo na religião. Quanto a esta última ele aparece de formas muito diversas. A livre interpretação das Escrituras propagadas pela Reforma, quando no discurso do sacerdócio universal, é considerada por Weber (2004) como uma forma de individualismo em comparação com o tradicionalismo institucional católico. Ao mesmo tempo, a fiel observância à interpretação dessa mesma Escritura pela comunidade de crentes limita a liberdade individual, podendo isto ser visto como um elemento de restrição.

O exemplo acima é bastante adequado para falar sobre como esta pesquisa enxerga o individualismo na história da religião no Ocidente nos últimos séculos. Ele não aparece como uma religião ou objeto de culto, algo como uma formulação explicitada, sequer se pode dizer, mesmo nas experiências mais radicais – como o misticismo – que ele teria sido levado às últimas conseqüências. Penso, com Simmel (1979), que o indivíduo sempre está em constante embate com forças sociais que o restringe e limita, o que torna o individualismo um valor que pode ser vivido de diversos modos e, principalmente de diversos níveis de imersão, mas nunca de forma total. Isto possibilita a percepção de diversas configurações do crer e do pertencer

nomundo moderno, baseados no modo como se dá a relação do indivíduo com as instâncias coletivas que o restringe.

Seria o neopaganismo fundamentalmente uma religião cujo principal foco seria precisamente oferecer uma comunidade para indivíduos que não querem abrir mão de seu individualismo, mas sentem-se socialmente desamparados se isolados? O que estes indivíduos buscam ao escolher esta religião? Se pretendiam alguma forma de religião mágica, por que não se inclinaram aos cultos afro-brasileiros, muito mais acessíveis e estabelecidos no Brasil? Se se opunham ferozmente ao Cristianismo, seja como doutrina, seja como instituição, por que simplesmente não se declararam anticristãos e passam a professar alguma forma de satanismo moderno, como foi o caso de tantos artistas críticos do Cristianismo no século XX? Se conforme muitos dos próprios praticantes me informaram e até mesmo uma liderança da religião no circuito do Rio de Janeiro afirmou no evento “Dia do Orgulho Pagão”, conheciam o caráter de coisa construída¹⁸ da religião e das divindades, o caráter mesmo de reconstrucionismo – algumas tradições chegando mesmo a se chamar “reconstrucionismo céltico” – por que não se tornaram ateus? Qual seria seu impedimento, sua crítica, seu desconforto para com o ateísmo, se é que há algum desconforto? De qualquer modo, tudo isso demonstra que essas motivações não estão claras, no entanto, no decorrer da pesquisa, estas peculiaridades do neopaganismo foram essenciais para entender o projeto, não só de religião, mas também de sociedade que através dele se busca construir.

Para Peter Berger (2011), a religião será mais eficiente em sua tarefa de construir e sustentar a realidade quanto mais eficazmente conseguir ocultar o seu caráter de coisa construída. Ora, para os religiosos com os quais esta pesquisa se desenvolveu, todos estavam conscientes do caráter de reconstrução ou mesmo de construção de sua religião. Todos de uma forma ou de outra sabiam e até evidenciavam a enorme parcela de criação própria que havia no que praticavam e adoravam. Apesar disso definem suas “tradições” como uma religião. Dialogam com a Nova Era, tomam para si muitos elementos da mesma, mas não se reconhecem como tal, visto que não gostam da idéia de uma eliminação da religião e de uma dada ambiguidade de referenciais que afirmam existir na Nova Era. Um praticante chegou mesmo a afirmar explicitamente para mim, dizendo que “Wicca é influenciada pela Nova Era, mas não é Nova Era, é uma religião”.

¹⁸ Peter Berger afirma em *O Dossel Sagrado* que uma religião será o mais eficiente em sua tarefa de construir a realidade, à medida que consegue ocultar seu caráter de coisa construída: “Interprete-se a ordem institucional de modo a ocultar o mais possível o seu caráter de coisa construída. (...) A religião legitima as instituições infundindo-lhes um status ontológico de validade suprema” (2011, p. 46).

Na vida pública e cotidiana essas pessoas fazem orações a seus deuses, rogam a eles em momentos de dificuldades, mas quase sempre, segundo o que pude observar até agora, não parecem dispostos a abdicar dos produtos da ciência em prol de algum sortilégio ou algo do tipo. Alguns, conforme pude perceber em conversas na internet, mais afeitos à reflexão, chegam a afirmar que a ciência é uma forma de magia. Há os que afirmam que a ciência permite observar “a maravilha do universo”. É claro que se deve relativizar o que estes indivíduos chamam de ciência. Quase sempre há mais pseudo-ciência e ciência fantástica¹⁹ do que ciência de fato. Isto porém não invalida o fato de que a ciência, enquanto representação de um sistema de conhecimento do real, possui ampla legitimidade entre essas pessoas. Seria porque com este apreço pela ciência pretendem superar o conflito ciência e religião que marca a cultura ocidental desde a Revolução Científica do século XVII e que é característico das religiões de matriz judaica que tanto criticam? Ou será que esta convivência pacífica é reflexo de seu esforço de construção de uma religião imanentista que vê sacralidade na ordem do mundo, ordem esta, que atualmente – ao contrário do mundo do paganismo antigo – já está bastante descrita pela ciência? Estas questões serão devidamente exploradas no capítulo 3. Como em momento algum essas religiões oferecem uma explicação objetiva da ordem do universo – sempre o fazem na forma do mito, explicitando o caráter de metáfora – elas parecem deixar um espaço para que a investigação científica se ocupe com tal. Mas será que esta relação com a ciência é de tal maneira harmônica? E se não é, onde incidem as críticas principais?

O anticristianismo militante de boa parte dos praticantes com que tomei contato, assim como do conteúdo postado em redes sociais por pagãos dos mais diversos lugares e dos blogs de neopaganismo, e o anticristianismo velado da parte de outros estariam na prática revelando uma cultura de crítica e resistência a uma cultura hegemônica? Seria o Cristianismo o inimigo eleito por estes indivíduos para representar a estrutura fundamental da sociedade contra a qual se opõem e que se constitui num obstáculo à construção de seu projeto de mundo e sua afirmação enquanto atores sociais consideráveis? Ou seria apenas um elemento necessário para dar unidade a diversas demandas do grupo e a um discurso legitimador da comunidade? Em um caso ou no outro, isto colocaria o neopaganismo – e o anticristianismo que lhe é inerente – no conceito de “identidade de projeto”, tal como foi abordado por Castells (2010).

¹⁹ Chamo de pseudo-ciência e ciência fantástica toda aquele discurso que se traveste de ciência, seja na linguagem ou nos meios de divulgação (livros, documentários) mas é produzido com uma metodologia pouco clara e propõe questões de cientificidade questionável, tais como as discussões sobre Atlântida, raças adâmicas, inteligência vegetal, levitação, etc. Para a maioria das pessoas com quem conversei não percebi um interesse em questionar os métodos e modo como essas questões foram propostas. Havia mais interesse em sustentar tais afirmações dando a elas um estatuto de “científico” a fim de favorecer sua blindagem à crítica.

Mas se de fato estamos falando de identidade, então o que podemos dizer sobre esses praticantes? Quem são? Não se pode falar sobre um grupo sem considerar os indivíduos que o compõe. Porque será que também não poderíamos estar falando de uma religião que pode estar cumprindo o papel de expressar uma comunidade de gostos, de dar coerência e unidade a uma série de preferências fragmentárias de modo a compor, através da reunião desses fragmentos, uma visão de mundo dotada de coerência para essas pessoas?

Essas questões, dentre muitas outras, talvez permitam perceber que o significado de religião, bem como o lugar que esta ocupa em suas vidas, é bem distinto do que se pode observar nas inúmeras denominações cristãs e mesmo em outras religiões do contexto brasileiro. Qual o significado de ter religião? Em que isto é importante para estas pessoas? E se a prática dessa religião não implica frequência a templos ou obrigatoriedade de participação em um grupo, podendo o indivíduo ser um praticante solitário, por que existe a procura por esta comunidade? Se o discurso afirma que o indivíduo é suficiente para o sagrado, então por que o grupo?

Será que o neopaganismo não oferece ao mesmo tempo a satisfação dos anseios de distinção e socialização, conforme Simmel (1957) observou no seu ensaio “Fashion”, uma reflexão sobre a sociologia da moda? Distingue de uma sociedade maior, criticável, representada como opressora, obscurantista, indiferente e decadente, ao mesmo tempo em que aproxima indivíduos semelhantes em gostos, lhes possibilitando um suprimento indispensável de afetividade. Esta é outra discussão desenvolvida no capítulo 4. Adiantando porém, alguns raciocínios acerca da mesma, esta hipótese não invalida a primeira, que identifica esta espiritualidade com um tipo de identidade de projeto. Podemos pensar que tal identidade de projeto também possa atender à distinção e à socialização mencionadas acima e possa ao mesmo tempo considerar previamente o caráter precário de verdades que, por não se pretenderem imutáveis, já nascem sabendo que morrerão para dar lugar a outras. Por que digo isto? O que se pode perceber como fato unânime tanto nos praticantes com os quais conversei, quanto nos livros que lêem é que o neopaganismo não considera o caráter de imutabilidade como pré-requisito para algo ser sagrado, sendo a diversidade e a eterna mudança em si mesmas, vistas como elementos fundamentais do cosmos. Desse modo, então talvez não houvesse contradição numa identidade de projeto que também atendesse a anseios de distinção e socialização, qual a moda aparece na sociologia de Simmel. Se for desta maneira, talvez gerações de bruxos tenham modos distintos de vivenciar a bruxaria e algumas vezes até mesmo contraditórios, no entanto, sempre se reconhecendo como “bruxos”. Este é um ponto a se investigar e um ponto bastante delicado, que exige uma análise cautelosa. Mas para chegar a tal

conclusão outras questões devem ser contempladas previamente, como por exemplo, se há alguma hierarquia de status relacionada ao conhecimento, prática e expressão de conteúdos cada vez mais inéditos para os contextos em questão. Tal posse desses conteúdos colocaria o indivíduo numa vanguarda da difusão do neopaganismo em sua rede de contatos, possibilitando não só mais status, como também um papel ativo na própria definição e orientação dos conteúdos religiosos nesta rede. Lideranças podem estar surgindo obedecendo a esta lógica. Seria necessário observar a trajetória dos praticantes mais influentes para fazer qualquer afirmação nesta direção.

O neopaganismo é diferente das demais religiões que o circunda no contexto brasileiro não apenas por seu conteúdo, mas também pela sua forma. Um dos pressupostos desta pesquisa é que toda constituição dessa religião é dependente do modo como o individualismo é vivenciado e cultivado por estes praticantes.

Uma das hipóteses principais que norteou esta pesquisa é que o neopaganismo é uma construção da sociedade moderna que busca dar conta de conflitos inerentes à mesma, como a oposição entre ciência e religião, consumo e preservação ambiental, fé e razão, mas principalmente o da existência de uma comunidade religiosa que consiga conviver com a preservação total e até um incentivo à manutenção de uma individualidade respeitada. Mas de que modo são realizadas estas sínteses? Que elaborações culturais surgem com fins de dar conta desses antagonismos?

Para utilizar uma expressão de James Clifford (2011), quando falava sobre a análise antropológica, presumo que esta dialética supra-citada seja “o cerne do grupo estudado”, ou o melhor ponto – sem dúvida, escolhido pelo pesquisador – do qual podemos observar o fenômeno como uma totalidade coerente. Uma espécie de espinha dorsal, o tema central da “cultura como texto”, conforme Geertz (2011) preferia no que ele chamou de “a descrição densa” da realidade social.

Esta pesquisa observou principalmente o coven Chuva Vernal, do qual pude observar os rituais públicos e privados do grupo, no entanto, nos eventos públicos do neopaganismo também conversei com outros praticantes, alguns solitários, outros membros de covens, outros membros de outras “tradições”. Também lancei mão da internet, lugar onde ocorre muito debate seja em blogs, grupos de discussão em redes sociais ou mesmo em chats. No entanto, Chuva Vernal é o grupo que se constitui na minha amostragem principal. Como alguém que conhece os membros mais antigos do grupo e que também foram seus fundadores, conheço a história do grupo nos dez anos de existência que eles já contam. Alguns de seus principais dramas, aqueles que não fazem mais parte por desavenças com o grupo, os que estão distantes

por razões particulares e que o grupo lamenta muito tal distância; o amadurecimento de certas questões no grupo, o abandono de práticas e adesão a outras; as bandeiras políticas e ideológicas que relacionam com a bruxaria; os grupos com os quais têm boas relações e os grupos com os quais mantêm reservas, a tradição a que pertencem e as tradições as quais criticam e por que criticam; o modo como fazem seus rituais, iniciações e critérios para adesão de novos membros; os gostos estéticos que moldam sua sensibilidade. Em suma, embora a observação acadêmica tenha sido realizada entre 2012 e 2014, minha convivência com estas pessoas remonta ao início deles enquanto grupo, visto serem colegas do tempo da graduação.

Quanto a minha posição em relação ao grupo, nunca fiz parte do grupo e nem de sua religião. Somente agora, por ocasião da pesquisa e da observação participante, passei a fazer parte de seus rituais e, como disse anteriormente, iniciei o processo de “Dedicação”, já detalhado nas linhas anteriores. No entanto, minha primeira aproximação com eles – há mais de uma década – se deu por outros fatores relacionados principalmente à música e à literatura. Eram amigos da faculdade em que cursei graduação e também da minha vizinhança. Sua religião, todavia, me pareceu muito interessante em seus conteúdos contestadores e no próprio modo de organização, algo que me pareceu inédito quando tomei contato. Assim, desde a primeira vez que tomei contato com o grupo, considerei a Wicca e, posteriormente todo o neopaganismo, como uma religião que trazia em seu bojo relevantes questões para o estudo da religião na modernidade.

Não restringi, todavia, minha amostragem apenas ao Chuva Vernal. Eles são meu ponto de partida e talvez a minha base de observação, mas durante toda a pesquisa comparei as conclusões tiradas ao observá-los com o que observei em outros praticantes e grupos. É adequado que o tipo de questão desenvolvida nesta pesquisa não se limite apenas a um grupo, ainda mais quando tanta diversidade é possível de caber dentro de uma mesma religião. No entanto, o grupo em questão é antigo no circuito do neopaganismo do Rio de Janeiro, demonstra uma história longa se comparado a maioria dos covens no circuito Rio e São Paulo, tem uma rede de contatos muito grande e alguma autoridade nos eventos de propagação do neopaganismo na região. São organizadores e difusores desta religião, além de contarem com um certo reconhecimento da parte de muitos praticantes mais jovens. Sua história, em certa medida, se confunde com a história do neopaganismo no Rio de Janeiro nos últimos 10 anos. Seus rituais periódicos não contam apenas com membros do coven, mas também com os “aspirantes” e os “amigos do coven”. Praticantes solitários, curiosos de religiões afins e membros de outros covens vêm aos rituais do Chuva Vernal, o que permite observar um número maior de indivíduos e até mesmo tecer contato com outros grupos.

O grupo ainda conta com uma outra característica em sua história que me parece relevante para esta pesquisa. Como afirmei no capítulo 1, ele originalmente era composto em sua maioria por homens e assim permaneceu a maior parte de sua história. As mulheres que hoje fazem parte ingressaram nele nos últimos dois anos e não se pode ignorar o fato de que estão relacionadas a membros do grupo, seja como esposa ou como namorada. Assim o grupo teve a maior parte de sua história uma identidade fundamentalmente masculina, ou seja, trata-se de homens professando uma religião matriarcal e com forte conteúdo feminista numa sociedade patriarcal e com muitos elementos machistas na cultura. Ora, de que modo isto acontece? O modo peculiar como lidaram com estes conteúdos ao longo desses 10 anos é revelador: não negavam, mas também não se debruçavam principalmente nesses pontos; reconhecem o que chamam de “Sagrado Feminino” como central em sua religião, enquanto o masculino é periférico, reproduzem este discurso, mas seus rituais estão repletos de elementos afirmadores do que seria um “Sagrado Masculino” e do que seriam os traços relacionados ao masculino. Sua questão principal pareceu ser a todo tempo a construção de um lugar que lhes coubesse naquele universo religioso que a princípio parecia excluí-los ou minimizá-los, mas que em seu pequeno grupo religioso é reformulado. Dessa maneira as questões de afirmação do gênero feminino, um dos temas mais abordados academicamente junto com a ecologia, quando se trata da Wicca, e que foram extensivamente abordados por Osório (2004 e 2011) não parecem ser centrais na constituição desse grupo. Até agora não encontrei material produzido sobre o gênero masculino na Wicca, sendo este um campo que precisa ser mais explorado. Sendo a problemática de gênero algo tão central na Wicca, então como estes indivíduos vêm a si mesmos, como constroem sua identidade masculina? Essa questão é importante para o Chuva Vernal, enquanto grupo, principalmente porque para justificar sua existência precisa dialogar com grupos cuja maioria são compostos por mulheres. E como aqui o conteúdo feminista da Wicca não ocupa o espaço central, pode-se observar outros aspectos da construção dessa identidade religiosa que permite observar o neopaganismo muito para além de suas questões mais evidente de gênero e ecologia. As motivações que levaram estes homens a aderirem a esta religião não estariam de certo modo relacionadas a uma forma de contestação da cultura e da sociedade a seu redor? Desenvolvi esta questão em um artigo (PINHEIRO, 2013) sobre a construção da identidade masculina na Wicca, mesmo sendo esta uma religião cujo discurso ao longo de sua curta história preocupou-se fundamentalmente com a questão do feminino. Este processo de construção de identidade masculina é um objeto privilegiado para se perceber como certas idéias exteriores à religião, idéias relacionadas ao mundo da política e das questões sociais, são fundamentais para a construção desses sujeitos? Isto corroboraria a hipótese da

identidade de projeto e as idéias defendidas seriam a defesa da própria identidade desses indivíduos.

3 METODOLOGIA: CAMPO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 A Organização da Comunidade

Para ser um bruxo, o indivíduo precisa principalmente incluir-se em duas qualidades: praticar a magia e inserir-se em uma “tradição”. Como afirmei nas linhas anteriores: uma “tradição” é uma “denominação do neopaganismo” (HIGGINBOTHAM, 2002, p. 19), uma vertente do mesmo. Ela inclui o relacionamento com um panteão pré-cristão específico, práticas, sensibilidade e uma mitologia própria. O nome tradição vem da necessidade desses grupos de se relacionarem a algum sistema de organização de mundo anterior à sociedade em que estão inseridos e cujo progresso questionam. O próprio nome é revelador de uma crítica à modernidade: o “t” minúsculo e a palavra colocada no plural revelam uma crítica a uma sociedade tradicional avessa à diversidade.

O indivíduo pode escolher ser um praticante solitário, mas é estimulado a fazer parte de um grupo. No caso da Wicca, este é chamado de coven, um grupo de bruxos que se reúnem por afinidades, boas relações de amizade e por compartilharem uma sensibilidade e um conjunto de ideias em comum. Outras tradições do neopaganismo dão outros nomes a seus grupos de praticantes. O Asatru denomina seus grupos de *Kindreds*. No entanto, como o grupo principal dessa pesquisa se define como *wiccano*, boa parte das vezes estarei fazendo referência a Wicca.

Quase sempre um coven se relaciona a uma tradição, mas isto não é uma condição essencial. São cada vez mais frequentes os covens que se auto-denominam “eccléticos” e estes frequentemente, conforme observei em páginas de covens na internet e também conversando com praticantes, não se definem nem mais como wiccanos, preferindo dizer que “são algo único”. Esta independência em relação a tradições em prol de uma vivência mais emocional da magia é até frequentemente vista como um sinal de maturidade do coven, embora esforços na direção oposta tem sido cada vez mais presentes. Não são poucos os grupos que começam a se organizar em torno de associações a fim de evitar excessos de indefinições da religião. O próprio Chuva Vernal é muito crítico com todo esse sincretismo.

Segundo o Chuva Vernal, por dogma²⁰ definido tradicionalmente, um coven não pode crescer em número de membros indefinidamente. Há um limite depois do qual o coven deve se fragmentar formando dois. Esta quantidade corresponde a treze indivíduos. Esses covens

²⁰ Não me foi explicada a origem desse princípio e, embora o termo dogma possa parecer estranho a uma religião tão aberta a absorver novos elementos, eles usam este termo mesmo.

que se formam pela fragmentação de um primeiro, contudo, não perdem contato com seu grupo original e com seus grupos irmãos, passando a constituir o que se chama “groove”, um grupo de covens com uma prática e uma sensibilidade que os unem. Nas páginas da internet de outros covens, no entanto, pode-se ver a expressão “clã”, cujo significado seria o mesmo. Os covens que compõem o groove se encontram nas celebrações do calendário litúrgico (roda do ano) e reconhecem-se como parentes espirituais.

Porém, segundo o Chuva Vernal, os grooves são muito raros no Rio de Janeiro e mesmo no Brasil. Como por aqui são dominantes tradições que permitem e algumas até motivam a auto-iniciação, a abertura para formulações individuais é muito ampla, o que dificulta a adesão de um grande número de praticantes a um mesmo conjunto de práticas e visões de mundo. Tradições como o druidismo²¹, segundo Bandruir, que se define como arquidruideza, e que é fundadora da “Escola de Druidismo Gergóvia” e da “Ordem Drunemeton” preferem se organizar em “ordens” bastante hierarquizadas e com uma estrutura vertical bem rígida.

Tais ordens não teriam limites para número de membros, porém mesmo assim, raras são as vezes que conseguem atingir o número suficiente para compor o que seria o número máximo de um coven wiccano. A razão para esta dificuldade é frequentemente relacionada a divergências de opinião e de sensibilidade, uma característica que se constitui num atrativo para o neopaganismo, mas que também é sua maior fragilidade.

Conforme constatei nesta pesquisa, não há igrejas ou templos em número considerável, como os Higginbothams pareceram demonstrar haver em seu país, pelo menos até dezembro de 2012. Só há uma igreja de bruxaria no Brasil, que se localiza em Brasília e se chama IBWB (Igreja de Bruxaria e Wicca do Brasil), foi criada em 2010 e gera muita polêmica entre os praticantes devido à difícil aceitação de uma “igreja” da bruxaria, tanto pela proposta como pelo próprio nome de “igreja”. Em todos os espaços virtuais onde vi a igreja ser mencionada, ela é sempre alvo de opiniões as mais diversas. Apesar disso, uma associação – a ABRAWICCA – existe, embora, segundo seus objetivos explicitados no site da organização, mais para fins de representar a religião frente à sociedade e ao Estado do que para fins de regulação doutrinária e clerical.

3.2 Procedimentos Metodológicos

²¹ Para um interessante conteúdo acadêmico sobre o assunto, cf. GUERRIERO e LOPES (2010).

Concentrei-me em realizar a observação de eventos públicos do neopaganismo fluminense, tais como o Dia do Orgulho Pagão (DOP) e o Encontro Social Pagão (ESP), bem como alguns encontros informais de praticantes para discutir a religião e gostos afins. Nesse período também observei vários conteúdos postados por esses indivíduos em redes sociais e blogs, tendo a feliz coincidência de ter realizado esta pesquisa em um momento político intenso na história dos movimentos sociais no Brasil, que foi o ano de 2013. Nesse período vi essas pessoas exporem suas opiniões, proporem soluções bem à maneira de seu pensar influenciado por sua classe social, suas idades e principalmente as bandeiras ideológicas que foram importantes na construção de suas identidades. Nos debates na internet, alguns temas parecem ser recorrentes, como: sexualidade, definição de magia, ativismo político e principalmente, o que toca diretamente o tema da pesquisa, os modos de organização da comunidade que vêm se desenhando.

Nos eventos supracitados, cheguei a conversar com indivíduos ex-membros de covens, mas que hoje preferem uma prática solitária ou que passaram a formar grupos que cultivam sínteses próprias de todo o conteúdo sobre magia e religião de que já tiveram contato. Um exemplo de grupo que tomou este rumo é o coven *Alkateia*, do qual conheci um pouco através do bruxo Morpheus. Cheguei mesmo a manter contato com bruxos solitários e praticantes de outros caminhos de magia, os quais passei a encontrar em outros eventos não necessariamente ligados ao neopaganismo, além de conversar com eles com certa frequência pelo Facebook. Participei de alguns eventos da “Gergóvia Escola de Druidismo e Cultura Celta”, assistindo algumas celebrações e conversei com a dona, diretora e professora da escola, a Arquidruideza Bandruir. Também me aproximei de algumas lideranças consideradas pelas pessoas com as quais conversei, como “referências do paganismo” no Rio de Janeiro e no Brasil.

A escolha em se concentrar, porém, em um coven se deu porque para se obterem informações mais consistentes sobre conflitos intrínsecos dos praticantes na vivência do neopaganismo, tais como o modo como se dá o cultivo do individualismo através dessa religião, observação de eventos públicos não seria suficiente. Por conta disso, concentrei-me em um coven, a fim de obter uma oportunidade de observar a vivência do neopaganismo também em eventos privados.

O fato de conhecer os membros do coven, desde antes de se constituírem num grupo religioso, me permitiu reunir informações relevantes sobre a história de seus membros, seus esforços por afirmação, seu modo de trabalhar pela difusão do neopaganismo assim como seu ativismo sócio-político em questões que consideravam relacionadas com sua religião. Mas não somente isso. Recentemente, há cerca de 2 anos para cá, quando comecei a realizar uma

pesquisa acadêmica sobre o neopaganismo tendo o Chuva Vernal como foco, pude observar inclusive alguns aspectos relacionados à posição do pesquisador no campo. Ao conversar com outros praticantes, exteriores ao coven, mas que se relacionavam com o mesmo nos rituais ou nos eventos públicos, num primeiro momento de contato com estes, quando lhes indagava indiretamente a respeito de suas trajetórias espirituais, ou seja, sobre como chegaram ao ponto em que estavam, eles quase sempre me respondiam com narrativas que se revelavam pouco proveitosas para minha investigação. Falavam dos covens que fizeram parte, das pessoas que conheceram, as tradições com as quais tomaram contato. Mas nenhuma informação sobre os porquês de haverem optado pelo neopaganismo, o que buscavam na religião, o que ela lhes permitia expressar e em que ela se fazia importante em suas vidas. As informações que estas narrativas me revelaram foram importantes para identificar lideranças, modos de organização, sobre o trânsito religioso entre as diversas tradições e também passando por outras religiões, assim como a relação com conteúdos do movimento Nova Era e com o que Colin Campbell denominou de processo de “orientalização do Ocidente” (1997).

Nesta fase inicial eu não havia me apresentado como pesquisador. Participava dos eventos, conhecia covens e organizações neopagãs e falava com pessoas como se fosse mais um dentre os muitos praticantes solitários ali presentes. Esta posição possivelmente levava as pessoas a pensar que, como eu era “um deles” então não faria sentido falar de assuntos que talvez eles vissem como batidos para qualquer um que fosse bruxo.

A situação mudou completamente quando passei a deixar claro que estava realizando uma pesquisa acadêmica e que, embora admirasse e desejasse muito conhecer mais sobre o neopaganismo, não fazia parte daquela religião. Ao explicitar esta minha posição as pessoas quando falavam sobre suas histórias no neopaganismo tendiam a focar-se em outros aspectos que não apenas simpatias e antipatias a respeito das lideranças e grupos regionais.

Ao se colocar como um observador de fora da religião as pessoas tendem a falar mais sobre suas motivações para a escolha do neopaganismo em relação a outras opções religiosas, o que gostam, como chegaram até ele, o que criticam nas outras religiões e na sociedade como um todo. Elas tendem a querer apresentar a religião e com isso evidenciam seus discursos legitimadores e seus principais anseios, em oposição ao momento anterior em que me falavam mais do modo como se sentiam em relação a muitos aspectos da religião e da comunidade. A existência desses dois momentos da pesquisa me permitiu observar importantes distâncias entre o discurso e a prática, o que pode ser bastante revelador quanto ao significado daquele

discurso na vida desses indivíduos que escolheram o neopaganismo como definição religiosa nesse momento de suas vidas²².

Numa fase mais avançada do trabalho de campo realizei entrevistas e preenchi fichas de informações pessoais (Anexos 2 e 3) dos praticantes de fora do Chuva Vernal, com os quais eu tomei contato. Essas fichas e entrevistas visaram responder questões acerca de quem é o tipo de indivíduo que busca o neopaganismo e então perceber que tipo de padrões começam a aparecer. São informações básicas sobre o campo, tais como: idade, gênero, classe social, nível de instrução, estado civil, quantidade de filhos, ocupação, existência ou não de uma militância ou apreço por determinada causa. A maior parte dos praticantes está entre 15 e 25 anos, mas as lideranças estão sempre entre 30 e 40, o que é bastante revelador sobre o modo de difusão da religião: os praticantes mais antigos conheceram a religião numa época em que o acesso a ela era difícil: livros não traduzidos, pouca difusão da internet, inexistência de grupos. Os primeiros livros traduzidos para o português datam da segunda metade da década de 90, o que significa que ser pagão nos anos anteriores era algo para pessoas que tinham recursos para viajar para a Europa ou Estados Unidos ou importar livros oriundos dessas regiões, além de ter um significativo nível de instrução para dominar outro idioma numa época que o ensino de outras línguas não era tão exigido pelo mercado como hoje e mesmo ter certas reflexões críticas acerca da sociedade que não eram largamente difundidas.

Estas características desses “pioneiros” do neopaganismo no Brasil influenciaram sensivelmente o perfil das gerações de pagãos que se seguiram a eles. O que os dados revelaram é que, pelo menos na amostragem que se utilizou esta pesquisa, todos os indivíduos são de classe média e a maioria tem nível superior ou está cursando a graduação.

Há uma presença maior de mulheres do que de homens, mas estes têm se tornado cada vez mais presentes nos últimos anos. Em comparação com a proporção que se percebe em congregações de outras religiões, há uma presença considerável de homossexuais, visivelmente por conta de um discurso que não só é tolerante como também oferece um lugar para estes indivíduos e considerações não preconceituosas para suas identidades sexuais. No caso dos homossexuais masculinos, talvez, tal como Andréia Osório (2010) argumentou ainda

²² Talvez pareça redundante falar de uma confissão religiosa como algo momentâneo na vida do indivíduo quando o que se está em análise é um contexto pós-moderno, de forte trânsito religioso. Aqui, porém, cabe explicitar uma peculiaridade que percebi nesse período prévio de observação: a mobilidade religiosa no neopaganismo é assumida por grande parte dos praticantes e vista como algo benéfico, num exemplo do tipo ideal do “peregrino”. Ao mesmo tempo, outros indivíduos, na mesma religião, parecem ir na direção oposta e afirmar terem encontrado “o seu lugar”. De qualquer modo, segundo as histórias de vida que essas pessoas contam, a intensa mobilidade é algo muito forte, de modo que por conta disso, considero preferível que sempre se leve em consideração esta possibilidade de identificação da religião com dado momento da vida das pessoas, que pode ser um caminho abandonado em outro momento.

existe o fato de o gênero feminino ser posto em evidência e ter sua importância ressaltada em relação ao masculino. Isto tornaria a Wicca especialmente atraente para estes indivíduos. Uma parte considerável das pessoas com as quais conversei e tive abertura suficiente para que pudessem falar sobre suas sexualidades, percebi discursos bastante tolerantes e identidades sexuais heterogêneas: não parecia haver tabu entre as mulheres que tinham uma preferência bissexual em afirmar seus gostos. No entanto, não percebi a mesma naturalidade no tocante aos homens que tinham a mesma orientação. Para estes ainda havia muito receio, mesmo no meio pagão.

Feito o levantamento desses dados gerais, passei a um inventário de “gostos”, que não pretenderam fazer um mapeamento geral, mas foi orientado na direção de testar algumas hipóteses, como, por exemplo, a de que o neopaganismo talvez possa fazer parte maior de um conjunto de preferências relacionadas a determinado segmento social ou comunidade de gostos. São informações acerca de preferências musicais, literárias, cinematográficas, artísticas em geral, que talvez permitam perceber uma sensibilidade que extrapola os limites da religião e que faz dela, talvez, apenas mais um de seus campos representativos. Este questionário de gostos talvez também permita perceber que variáveis incidem na construção desta sensibilidade, bem como delinear contornos maiores acerca da mesma e que a circunscreve. O que se relaciona diretamente com a hipótese de distinção que mencionei acima.

Este inventário revelou uma diversidade muito grande de preferências, mas alguns padrões apareceram. Todos os pagãos apreciavam algum tipo de leitura. O hábito de ler era parte de suas vidas diárias, não estritamente leituras de âmbito profissional, mas um certo leque de assuntos relacionados que me pareceram de certo modo homogêneos: literatura, mitologia, história, esoterismo, astrologia, “filosofia oriental”, poesia, arte e hobbies, em geral. Este hábito de ler denota não apenas uma certa característica de classe social – como disse acima, todos eram indivíduos de classe média e tinham considerável nível de instrução em relação às características da população brasileira – mas também um certo “manancial cultural” de onde se extraem os elementos que costumam o discurso legitimador da bruxaria.

Enquanto uma religião que se difunde através da internet e da leitura de livros publicados em quantidades cada vez mais crescentes no mundo todo, a bruxaria é uma religião que não pode dispensar a alfabetização e o apreço por leitura. Se não é uma religião do Livro, não se pode negar que é uma religião de leitores.

O inventário também revelou alguns dados sobre o que seria uma cultura de administração do tempo. A maioria dessas pessoas são bastante ocupadas, nem sempre a

família aparece como uma prioridade, mas parece haver um esforço para usar o tempo livre com algum tipo de consumo cultural ou prática de algum *hobby*. Este tipo de uso do tempo me pareceu recorrente e até mesmo uma exigência identitária: as pessoas se sentem parte do grupo quando dialogam com propriedade sobre certos tipos de leituras e produções culturais do cinema e da cultura pop. Percebi alguns indivíduos que por diversas vezes se sentiam excluídos por não conhecerem suficientemente sobre tais assuntos. E o modo como os hobbies são cultivados e expressados visivelmente aparecem como reforço de identidade.

Mais importante ainda do que estas conclusões, o inventário me possibilitou perceber que a existência de certas produções culturais de modo recorrente em todos os entrevistados é um elemento criador de debates. A cultura que essas pessoas consomem lhes propõem questões ao mesmo tempo que sugerem respostas sobre temas que não tocam diretamente a religião, mas ajudam a compor uma visão de mundo. Tal visão de mundo em todos os casos ajuda a sustentar o paganismo ao mesmo tempo que se intensifica através do mesmo.

Por fim, um último conjunto de questões visou obter dados sobre posicionamentos políticos, o que permitiu levantar dados relevantes para a hipótese de uma identidade de projeto no neopaganismo, mas não apenas isto, como também as bandeiras políticas que talvez possam servir como elementos agregadores num contexto de tanta diversidade. A observação da expressão dessas demandas permitiu empreender uma reflexão sobre que tipo de mundo essas pessoas consideram mais adequado para viverem e com isto perceber como representam a si mesmos na vida cotidiana (GOFFMAN, 2011), o que os restringe e os incomoda, que espécie de controle consideram toleráveis, aceitáveis ou mesmo desejáveis. Estas informações não só revelaram sobre como estes indivíduos pretendem mover a sociedade como também informa sobre o modo peculiar como vivenciam o individualismo. Revelou muito sobre como tem ocorrido a formação e manutenção de seus grupos e de sua comunidade, bem como o entendimento da própria lógica com que esta funciona e o modo como se relaciona com a individualidade de seus membros.

Há uma crença muito arraigada da capacidade de agência do indivíduo. Como desenvolvi melhor numa discussão que inseri no capítulo 4, esses indivíduos têm uma visão da política como o cenário das disputas ideológicas pura e simplesmente. As ideologias políticas mais distantes, como fascismo e anarquismo, encontram-se nas visões de sociedade perfeita desses indivíduos, mas apesar disso seu maior inimigo me pareceu o fisiologismo político. Seria por uma necessidade de distinção com relação à mentalidade política das classes populares ou em relação aos valores das gerações mais antigas? De um modo ou de

outro, me pareceu evidente que antes mesmo de um apreço por algum tipo de ideologia, ressalta-se o apreço pela política como militância ideológica.

Essas fichas foram preenchidas pelos membros do Chuva Vernal, seus aspirantes e amigos – o grupo de 20 pessoas que mencionei anteriormente – mais alguns outros pagãos com os quais tomei contato na internet. Foram ao todo 32 entrevistados, embora alguns não quisessem preencher fichas e revelar certos dados sobre sua vida. No entanto, em geral este público me pareceu muito disposto a falar sobre si mesmo, em contribuir para uma pesquisa. Por si só isto, a meus olhos, já se configura um dado: é um público que gosta de falar de si, suas escolhas, suas lutas, suas crenças e seus desafetos. Talvez isto esteja relacionado a uma necessidade de reforçar identidade, mas prefiro deixar esta questão para o próximo capítulo.

4 ENTRE A MAGIA, A CIÊNCIA E A RELIGIÃO

Confrontei as hipóteses principais que nortearam esta pesquisa observando alguns eixos principais que, a meu ver, se apresentam como características fundamentais desta nova religião e que são bastante reveladores permitindo observar-se de modo mais evidente o conteúdo de classe da mesma.

Através destas características procurei entender o fenômeno do neopaganismo no Rio de Janeiro não apenas como um movimento religioso, mas algo que ultrapassa isto e é representativo de toda uma sensibilidade moderna – ou pós-moderna, como preferem alguns. Uma evidência disto é como a escolha do neopaganismo como religião frequentemente vem acompanhada de um modo peculiar de pensar a política, a moral e as relações humanas. Os eixos que escolhi para analisar são: o anticristianismo, a ecologia e a relação entre ciência, magia e religião. E posteriormente, depois de considerados esses eixos penso as duas hipóteses que levanto nessa pesquisa para explicar de que modo o neopaganismo se torna particularmente interessante para algumas pessoas com determinadas demandas políticas.

4.1 Magia, Ciência e Religião no Neopaganismo

A magia foi objeto de estudo de vários cientistas sociais, desde grandes elementos fundadores de linhas de pensamento tais como Weber (2008) e Durkheim (2010), como também dos antropólogos: Evans-Pritchard, Marcel Mauss e Malinowski (1988) trabalharam extensivamente o tema, analisando-os nos contextos particulares das etnografias a que se dedicaram. Evans-Pritchard (2008) concebeu a magia como um grande sistema de representações em seu estudo sobre os azande. A bruxaria seria o elemento que explicava o inexplicável e que seria onipresente – a metáfora da “segunda lança”.

Já para Marcel Mauss (2004), em seu artigo “Esboço de uma Teoria Geral da Magia”, os indivíduos sobre os quais se atribui o exercício da magia, já possuem uma condição distinta no interior de uma sociedade que os trata como mágicos. Para Mauss, trata-se, portanto de uma construção social, pois não é mágico quem quer, mas quem possui qualidades já reconhecidas pelo grupo social. O mágico, com esta atribuição construída em torno de sua ação, que efetivamente o qualifica como tal, nem sempre efetua a prática ritual em seu estado “normal”. Estas qualidades são socialmente definidas como “anormal”, principalmente

quando o mágico possui algumas características físicas, tidas como traços ou qualidades de que é mágico, como transes, estados catalépticos, etc.

Entretanto, de todos os supracitados, é Malinowski que oferece a definição mais apropriada para a caracterização do contexto específico aqui analisado, a saber, a bruxaria neopagã, em virtude de em sua antropologia, o autor relacionar 3 sistemas de interpretação da realidade – a magia, a ciência e a religião – que no neopaganismo encontram uma configuração peculiar, da qual falarei nas linhas a seguir.

Ao que pude perceber no Chuva Vernal, no neopaganismo esses 3 sistemas estão de tal maneira imbricados que é impossível falar de um sem considerar o outro. Não existe na bruxaria neopagã a crença em magia tal como se pode perceber entre os azandes de Evans-Pritchard. Não se trata de uma explicação final para tudo o que acontece, mas a própria magia é submetida a um tipo de estudo categorizado e a leis, como se fosse uma ciência. Também não se pode falar de religião sem falar de magia. Não é como no mundo judaico-cristão, onde a magia possui uma conotação negativa e a religião se empenha em construir uma relação do ser humano com o sagrado que exclui este tipo de prática. No neopaganismo isto é completamente impossível. Realizam-se feitiços muitas vezes pedindo a intervenção de certas divindades. Faz-se orações e cânticos aos deuses com fins de fortalecer feitiços de prosperidade e quebras de maldições²³. Assim sendo, poderíamos dizer que no neopaganismo a religião é mágica e não se opõe à ciência, logo o trabalho de Malinowski sobre esses sistemas de interpretação do real parece bastante apropriado para conduzir essa discussão.

De acordo com Malinowski (1988), seriam 3 os grandes sistemas de compreensão da realidade que o homem desenvolveu até então: a magia, a ciência e a religião.

O primeiro deles seria a magia, onde o feiticeiro trabalha tentando manipular a realidade e as forças do sobrenatural com controle direto sobre elas. Seu principal instrumento é a fórmula mágica, um conjunto estereotipado de gestos e sons que, levado a cabo pelo carisma do mago – usando aqui a categoria weberiana – promove o efeito prático desejado. A fonte da

²³ A ideia da existência de maldições pode parecer contraditório com a característica da bênção onipresente, qual apresentada no primeiro capítulo. No entanto, a “maldição”, na definição da sacerdotisa Ana Marques não necessariamente é um desejo consciente de alguém que realiza um feito mágico para prejudicar outrem. Muitas vezes um ente querido pode proferir uma maldição ao dizer algo negativo sobre as capacidades de uma pessoa, como uma mãe que usa a expressão “não acredito que você vai conseguir”. É uma visão bastante psicologizada da ideia de maldição, típico de construções esotéricas pós modernas, como Elisete Schwade (2010) muito bem salientou em seu artigo “Neo-esoterismo no Brasil: Dinâmica de um Campo de Estudos”. Além do mais, quando mencionei a ideia de bênção onipresente como característica do neopaganismo era em oposição à ideia de “danação” e de “miséria humana” do contexto religioso judaico-cristão. Isto, contudo, não nega o infortúnio na vida. Segundo o sacerdote Terra Molhada, há 3 faces da Deusa – a Donzela, a Mãe e a Anciã – e a doença, a morte, a perda e a decadência seriam a face anciã da Divindade, ou seja, o infortúnio não é excluído desse sistema de crenças, mas sim naturalizado, visto como parte de um processo ininterrupto e cíclico que seria a vida.

eficácia do mago, contudo, é a extensão de sua capacidade de realização de feitos mágicos e um conhecimento tradicional sobre o que fazer para que determinado feito aconteça. Não existe aqui uma reflexão sobre como essas coisas acontecem. A manipulação do mago é fundamentada na observância da fiel repetição de uma tradição, sua ação é direta entre ele e a realidade que sofre sua ação e sua relação com os seres sobrenaturais é de dominação.

Na religião ocorre um processo diferente. A relação do sacerdote com o sagrado é de adulação e de submissão: ele se submete aos seres objeto de sua adoração buscando angariar os favores necessários para mudar sua sorte e a dos seus. Na religião ocorre também uma primeira sistematização do conhecimento, na forma de grandes sistemas de representação como a teologia, a mitologia e as liturgias diversas que comporiam o modo apropriado de se conseguir uma boa disposição da parte do deus. A fonte do conhecimento ainda é a tradição, intermediada por uma instituição – o clero – que se coloca como seu único porta-voz legítimo. De acordo com Weber, o sacerdote não teria poder em si mesmo, mas sim por ser um representante da instituição a qual faz parte. O carisma não reside no sacerdote, mas sim na instituição.

Já na ciência esta relação com a realidade muda outra vez, o cientista buscando controle direto através do conhecimento de como funciona os processos os quais está interessado. A relação do cientista com a realidade se aproxima do mago no que diz respeito à tentativa de submeter a natureza, dominá-la e manipulá-la para seus fins, independente de que fim seja este, não existindo aqui a relação de se submeter a forças superiores extra-mundanas. Mas por outro lado, se aproxima do sacerdote a partir do momento que a ciência, tal como a religião, é indissociável de um esforço de sistematização do conhecimento. Penso, a partir da leitura de Malinowski e de Weber, que a prática do cientista é indissociável da noção de processo e de mecanismo. O primeiro pressuposto da ciência, aquele mesmo que diz como ela é possível, é a crença de que o mundo pode ser conhecido por um instrumento sumamente humano e mundano, que seria a razão, independente de qualquer disposição moral do cientista. Assim sendo, a ciência se aproxima das realidades que lhe interessam compreendendo-a não como objetos separados de todo o resto, objetos em si, mas sim como realidades dependentes de outras, realidades fruto de processos e obedientes a leis imutáveis de constituição da realidade. Por isso no modo da ciência agir na realidade não é apenas a eficácia de uma prática que importa, mas sim a compreensão do porquê dessa eficácia para que enfim possa produzir repetibilidade. O mundo é, para o cientista, não um ser dotado de caprichos e disposições emocionais ou um lugar governado por seres poderosos que também seriam caprichosos e dotados de subjetividade. A prática do cientista é indissociável da visão do

mundo como um objeto sobre o qual se deve atuar. O mundo é um mecanismo a ser compreendido ou, se não o mundo, pelo menos os fenômenos objetos da análise e reflexão científica. Dominar um fenômeno seria ter o poder de prevê-lo e repeti-lo nas condições apropriadas e de antemão conhecidas.

Mas se o cientista se aproxima do mago por ter uma relação de dominação com a natureza, se aproxima do sacerdote por conceber grandes sistemas de interpretação da realidade. A ciência traz consigo a ambição de decodificar o mundo, de explicar tudo mediante grandes modelos e leis gerais. Ela concebe a idéia de todo, uma causalidade para os fenômenos que analisa e uma sistematização do real. Ora, o esforço por sistematização já é algo tentado pela teologia. A novidade na ciência consiste na desconfiança para com a tradição. Com ela, a tradição não é vista como fonte eficaz de conhecimento e manipulação do real. A atitude do cientista traz consigo a audácia de buscar conhecer o real através dos meios humanos e atuais de que dispõe e por tal.

Esses três sistemas de representação embora possam ser visto numa escala de desenvolvimento partindo da magia em direção à ciência, passando pela religião, também podem conviver harmonicamente ou conflituosamente numa mesma sociedade real. Uma sociedade pode ter instituições científicas e ao mesmo tempo ter instituições religiosas, algumas vezes até de grande influência no poder político. O mundo atual está repleto de sociedades deste tipo. Poderíamos dizer que o desenvolvimento científico é cada vez mais um imperativo das modernas economias, mas a religião é um fenômeno social de grande importância e muito longe de se tornar uma realidade moribunda remanescente de um passado obscurantista.

Também não é novidade que por dentro e fora das grandes instituições religiosas, nos confins campestres e nos desconhecidos submundos urbanos, a magia é prática corriqueira. Vista com desconfiança por uns, mas vista como única ferramenta de agir sobre realidades muito maiores que o indivíduo que a pratica e que diante das mesmas se vê diminuído, muitas vezes até esmagado. A magia satisfaz anseios proibidos pela religião, mal vistos pela moral e desconsiderados pela ciência. E desse modo ela garante sua sobrevivência no século atual. No entanto, assim como a religião, a magia é vista pela ciência – forma de conhecimento com maior legitimidade num âmbito geral – como um modo de pensar rudimentar, supersticioso e ineficaz. E se por um lado é possível uma convivência entre a magia e a religião em muitos sistemas religiosos, mesmo que esta relação seja de combate – o que por si já reconhece a existência do outro – não há esta relação com a ciência.

E, à primeira vista, nem teria como isto acontecer. A magia, embora tenha como foco o mundo imediato, tal como a ciência, existe mantendo em suspenso o conhecimento das realidades que busca operar, se concentrando na repetição dos ritos que julga ter eficácia tradicionalmente reconhecida. A magia não se pergunta por quê. Por sua vez, a ciência não concede espaço para a subjetividade. A realidade é um dado objetivo e, se o trabalho do cientista já é reconhecidamente visto como dotado de inclinações subjetivas, seus resultados devem produzir um conhecimento capaz de manipular e repetir os processos analisados, ou seja, devem sempre se esforçar por considerar objetivamente a realidade. A ciência se interessa pelo que pode ser objeto e objetivamente tratável; suas leis devem se repetir independente de quem as enuncia.

Na religião que observo, porém, percebo uma curiosa relação entre essas três categorias. Antes de mais nada, vale dizer o que viria a ser cada uma dessas categorias para esses “bruxos” e, a partir de então, entender como seu modo de aproximação e compreensão do real produziu uma síntese que lhes é totalmente particular, síntese esta que, dada a natureza do modo como se difunde e se organiza esta religião, também não pode ser uma generalização estendível a todos, mas pode-se dizer seguramente que tal discurso existe nas lideranças, conforme pude registrar de vários modos: em entrevistas realizadas com os sacerdotes do Chuva Vernal e com um sacerdote asatru M.E²⁴; leitura de textos da druideza E.B; palestra do sacerdote Cláudio Ramos no “Dia do Orgulho Pagão” (DOP) de 2012 e conversas com a sacerdotisa de Wicca Diânica Ana Keidel e com praticantes de uma modalidade de magia chamada Magia do Caos, no mesmo evento. Tal discurso também é aceito pela maioria dos praticantes. Não posso negar, contudo, que existam casos destoantes: no evento “Mistic Fair”²⁵, realizado uma vez por ano no Clube Monte Líbano, no bairro da Lagoa, no Rio de Janeiro, pude tomar contato com algumas pessoas extremamente supersticiosas²⁶, no sentido estrito do termo, daquelas pessoas acreditam no poder da fórmula mágica pura e simples sem muitas exigências intelectuais.

²⁴ Para alguns nomes preferi preservar a identidade dos praticantes colocando iniciais e nomes falsos dado que algumas interpretações realizadas acerca das entrevistas possam ser objeto de desconforto por parte dos mesmos.

²⁵ Trata-se de uma feira de artigos esotéricos com vários estandes onde são vendidos não apenas produtos mas também serviços do universo nova era, tais como: “abertura de chakras”, “limpeza astral” (purificação espiritual), leitura de oráculos, reiki, palestras sobre meditação, neopaganismo, ecoespiritualidade e temas afins. Inúmeras religiões esotéricas se encontram neste espaço, onde o espiritismo e as religiões afro também marcam presença significativa.

²⁶ Utilizo aqui o conceito de superstição tal como apresentado por Jeffrey Russell (2008), um famoso estudioso da história da bruxaria. Russell define superstição como: “uma crença que não está fundamentada em qualquer visão de mundo coerente”. Em outras palavras, uma superstição não é necessariamente algo em relação à ciência, mas sim ao sistema de representação da realidade dominante em determinada época, consistindo em sobrevivências fragmentares de religiões e sistemas de crenças sepultos.

4.2 A Magia no Neopaganismo

A magia é fundamental nessa religião. O próprio nome pelo qual esses praticantes se auto-denominam – “bruxos” e “bruxas” – é representativo deste fato. O que pude apreender, a partir da leitura de alguns autores muito lidos e conhecidos no meio pagão tais como Scott Cunningham (2002), Claudiney Pietro (2004), Mavesper Cy Ceridwen (2003), Tuiteans&Daniels (2006), Joyce e River Higginbottams (2008), Starhawk (2007) e o próprio Gerald Gardner (2003) é que a magia é um feito particularmente individual. Ela está acima de qualquer moral, podendo ser realizada para fins nobres ou fins reconhecidos pelos próprios bruxos como escusos; não precisa de pertença à religião ou grupo algum para ser realizada; esteve presente em toda a história da humanidade, desde seu aparecimento até os dias atuais, nos mais diversos estilos e elaborações individuais ou coletivas, na periferia das sociedades dominadas por religiões que a demonizaram mas mesmo até dentro dessas próprias religiões, como um modo subterrâneo de manipulação de forças ocultas. Manipular a magia é algo que independe de sua classe social, etnia, cor, religião ou gênero, embora em algumas vertentes do neopaganismo o gênero ou a ancestralidade sejam responsáveis por uma “abertura maior para a Arte.”

Sendo assim, o que se apreende dessas leituras é que a magia no neopaganismo não é algo restrito a alguns indivíduos extraordinários. Ela é uma potência natural do homem, talvez o poder mais genuinamente humano de todos e que, ao contrário de todas as outras capacidades humanas, não é dependente de quão acesso o mago tem a recursos materiais por residir no que seria uma própria essência do humano. O que esses livros parecem afirmar é que a magia é um potencial humano ilimitado, porém adormecido. É diferente do tipo ideal do mago, tal como pensado por Weber (2010). O mago, para este autor, seria a primeira forma de diferenciação entre os homens, considerada pela posse ou não do carisma para a realização de feitos extraordinários. A origem desse carisma poderia ser as mais diversas: algo com o qual o indivíduo mago já nasce, um talento natural que desenvolve com algum aprendizado, a posse de algum objeto mágico ou a descendência de uma linhagem de magos. De uma forma ou de outra, contudo, o mago de Weber é uma forma de diferenciar – a primeira delas – e não de igualar os seres humanos e em última instância, a fonte de seu carisma reside na tradição.

No discurso contido nos livros que falam sobre a magia no neopaganismo e mesmo em outras espiritualidades contemporâneas vai numa direção diferente. A magia é, como falei antes, uma potência natural do ser humano, não sendo privilégio de indivíduos especiais e que

teria se tornado adormecido no decorrer da história humana. A primeira pergunta que se coloca aqui e que a meu ver é importante para compreender sociologicamente esta religião é: como esse potencial se tornou “adormecido”? Quem o atrofiou ou como ocorreu esta atrofia? A resposta, dada de diversos modos nos mais diferentes autores supracitados e repetida pelos praticantes vão, contudo, sempre na mesma direção: a de afirmar que a cultura e sociedade desprezaram estas capacidades humanas em nome de outras, mais interessantes e adequadas aos interesses que dominavam tais sociedades nesses tempos primeiros e que nos séculos seguintes se desdobraram de outras maneiras nas nossas sociedades, mas de certo modo permaneceram no controle do mundo. O nome pelo qual esses autores e seus leitores bruxos chamam essas forças sociais depende principalmente das principais vertentes neopagãs da qual estes se vinculam ou receberam contribuições. Para uns²⁷, por exemplo, é o patriarcado, que submeteu a mulher – “por natureza mais apta à magia” e vista como “mais intuitiva” pelos pagãos – em prol de um domínio do homem, afeito à guerra e à violência, criando assim uma sociedade onde imperaria a injustiça e o autoritarismo: a lei do mais forte. Para outros foi a cultura judaico-cristã, seja por ser concebida como um produto do patriarcado, seja pelo monoteísmo que, no modo como aparece no discurso do neopaganismo, seja na literatura relacionada, seja na fala dos praticantes, em sua gênese, já não é afeito à diversidade representada pelo politeísmo – que aqui é visto como um espaço para o plural – mas se constitui numa força disciplinadora e conquanto, delimitadora do indivíduo. Para outros, a Igreja, que em seu esforço por controle da cultura nos últimos dois mil anos buscou eliminar todos aqueles que se lhes apresentavam como concorrentes, ou seja, os magos, druidas, feiticeiros, xamãs e bruxas das culturas por onde a Igreja estendeu sua influência. Outros ainda falam da ciência moderna²⁸ como a força que teria sido a mais terrível para a magia no mundo. Porque se o patriarcado se esforçou por sufocá-la e a Igreja a perseguiu, ambos no entanto reconheceram sua existência, coisa que a ciência moderna não fez. A arma da ciência moderna foi o desprezo e o descrédito alimentados pelo seu discurso de eficácia no domínio da natureza e na superação dos problemas da humanidade. Seus produtos teriam sido seu principal argumento. A ciência moderna, com sua filosofia “inspirada nos instrumentos mecânicos que tinha em mãos ao tempo de seu nascimento com homens como Descartes e

²⁷ Aqui não falo apenas dos membros do Chuva Vernal mas de vários pagãos, qualquer um deles com os quais tomei contato: nas redes sociais, onde expõem sua visão crítica e muitas vezes suas angústias com o mundo; em blogs onde disponibilizam textos; e mesmo em conversas pessoais.

²⁸ Importante ressaltar aqui que não se trata de uma aversão a ciência em si, mas sim uma crítica aos paradigmas dominantes da ciência, a saber, o mecanicismo, o cartesianismo e o desejo de dominação da natureza, tais como apresentou Fritjof Capra em vários de seus livros, dentre os quais destacam-se “O Tao da Física”, “O Ponto de Mutação” e “A Teia da Vida”, bem como a submissão da ciência à uma tecnologia voltada para o mercado.

Bacon, concebeu o mundo como um grande mecanismo” (CAPRA, 1992, p.58) modelo este que não teria sido apropriado, por demasiado simplista, para compreender uma realidade tão profunda, diversa e complexa como a natureza. Esse “modelo mecanicista” não só pensou o mundo como uma máquina como também e em consequência disso, o homem como uma peça nessa engrenagem. Esta visão do homem como “peça” teria gerado um sistema econômico-social cruel que concebe o homem como um recurso a ser explorado e não um elemento dotado de subjetividade e que, por tal, teria uma dignidade maior que os outros objetos passíveis de gerência empresarial. Tal sistema que, segundo esses autores, gestou-se a partir das transformações do pensamento na modernidade, não é cruel apenas com o homem, mas principalmente com a natureza e agora ameaça a própria existência do homem enquanto espécie viva. Ele seria insuficiente para compreender muitos problemas da saúde e da psicologia humana, realidades que não obedecem à lógica mecanicista e fragmentada do cartesianismo que não concebe a organicidade, característica básica do corpo humano. Essa abordagem de Fritjof Capra é extensamente difundida entre os pagãos que conheci, mesmo entre os que não conhecem o autor, o que denota um discurso bastante disseminado e naturalizado no meio.

A segunda pergunta que se coloca é: se a magia é natural e todo ser humano a possui em potencial então por que só alguns indivíduos são magos? É com esta pergunta que se percebem alguns desdobramentos interessantes da religião que mostra como o discurso da bruxaria natural é apropriado pelos diversos grupos de acordo com seu universo de valores e sua cultura, eu diria até mesmo, sua cultura política.

Como afirmei antes, apesar de a magia ser vista como uma potencialidade de todo ser humano, muitos grupos neopagãos veem alguns indivíduos como dotados de “uma aptidão maior” para “a Arte”. Entre a chamada “Wicca Diânica”, uma tradição feminista por excelência, a magia é uma especificidade das mulheres: a mulher é a bruxa, enquanto o homem, estaria distanciado da natureza espiritual da Natureza²⁹. Grupos minoritários mais radicais desta tradição afirmam inclusive a total inaptidão mágica do homem e explicam a ignorância da humanidade no tocante à magia devido ao “domínio do patriarcado”. A mulher teria essa conexão mágica natural porque “vivencia uma natureza cíclica em seu próprio

²⁹ Ver Andrea Osório (2004). Cabe contudo ressaltar, que no artigo da pesquisadora ela em momento algum usa o termo “Wicca Diânica”, tal como fiz aqui. Talvez porque na época de sua pesquisa, o neopaganismo no Rio de Janeiro ainda não tivesse passado pela maior parte dos desdobramentos que resultaram no quadro com que tomei contato hoje e demonstrei na primeira parte desse trabalho. Hoje, esse discurso radicalmente feminista é visto como próprio apenas de uma tradição da wicca, a Wicca Diânica que citei acima. Não é algo comum a todos os covens, pertencentes a outras tradições. Pelo menos não percebi este discurso nos pagãos não diânicos com os quais tomei contato.

organismo” – o ciclo menstrual – o que a aproximaria da “Grande Mãe” (a Natureza), que se manifesta em ciclos. Sendo assim, uma cultura dominada pelas mulheres é vista como a solução para a crise ecológica que o mundo já dá sinais de estar vivendo, sendo esta crise, propriamente dita, representativa de uma transformação crucial para a humanidade, onde o patriarcado teria fim, emergiria uma cultura “centrada no feminino” e, portanto, mais vinculada à natureza e a magia renasceria vigorosa pela derrocada dos grilhões históricos que a mantinha cativa. Variações mais moderadas desta vertente, como as analisadas na cidade do Rio de Janeiro por Andréia Osório (2004 e 2010) afirmam que alguns poucos homens até podem possuir alguma inclinação mágica, mas estes seriam casos extraordinários, o mais representativo de todos seria o xamã, o mais próximo que o homem pode chegar do poder natural da bruxa.

Na bruxaria Strega, mais presente principalmente na Itália, a pertença a determinadas famílias é elemento fundamental para a aptidão mágica (GRIMASSI, 2003). A Strega é fundamentalmente um tipo de tradição familiar da bruxaria.

Na chamada “Wicca Gardneriana”, a vertente mais antiga da Wicca, que se pretende mais fiel ao que teria dito Gerald Gardner, o fundador da religião, a pertença a uma linhagem tradicional que remonte ao coven do próprio Gardner é o elemento que define alguém como wiccano (HIGGINBOTTAMS, 2003). Para os gardnerianos, inclusive, não faz sentido falar em estilos de wicca, somente a sua prática pode ser considerada sob este nome, tudo o mais não passando de excentricidades e confusões de toda ordem. Apesar disso, contudo, mesmo a Wicca Gardneriana, reconhece que a magia não é privilégio de sua religião, mas algo praticado de muitas outras formas na história da humanidade e mesmo no presente. O que os tornaria especiais seria precisamente um conhecimento mais aprofundado do que seria este fenômeno e a pertença a um grupo de seres humanos que poderiam ser considerados à frente do restante da humanidade, por perscrutarem, conhecerem e vivenciarem melhor a natureza mais íntima do fenômeno humano, que seria a sua essência mágica e, conseqüentemente, treinarem melhor tal poder.

Nos grupos do Asatru e do Odinismo aqui no Brasil, tradições da bruxaria moderna que buscam sua inspiração nos antigos mitos nórdicos, também há um velado valor atribuído à ancestralidade³⁰. Ao se conversar com seus praticantes, todos brancos e filhos da classe média sempre de alguma maneira aparece uma conversa sobre ancestralidade germânica. O

³⁰ Na ocasião desta pesquisa, não tomei contato com nenhuma literatura que abordasse as chamadas “tradições de paganismo nórdico”, a saber o Odinismo e o Asatru, aqui no Brasil. Toda informação a respeito provém exclusivamente com o contato que tive com praticantes.

praticante remonta (ou constrói?) uma genealogia de sua família até poder falar de um imigrante alemão que teria vindo para o Brasil. Embora a maioria destes praticantes afirme que esta “origem nórdica” não é essencial para a prática do paganismo nórdico, é inegável a posição de status que esta pretensa ancestralidade parece atribuir a seus portadores. Há também um certo machismo nunca assumido da parte da maioria dos praticantes que eu observei dessa tradição. O discurso da magia como uma potencialidade essencialmente feminina lhes é totalmente alheio. Ao contrário, sua religiosidade parece incentivar uma postura competitiva que vê a vida como um campo de batalha do qual se deve lutar, uma tentativa de se vivenciar o modo de pensar viking tal como é apresentado com frequência nos documentários e séries da TV por assinatura e nas revistas e livros sobre o assunto voltados ao público geral. Na Noruega, na década de 80, grupos mais radicais dessa cultura considerada por alguns com certo exagero de “renascimento pagão nórdico”, atacaram e incendiaram igrejas anunciando um renascimento do “verdadeiro espírito dos povos escandinavos”, que teria sido domesticado pela igreja cristã, de origem latina. Um racismo e um nacionalismo explícito acompanhavam estes grupos mais radicais. Aqui no Brasil, contudo, tal radicalismo não existe, no entanto, algumas simpatias se revelam. Seja por uma aproximação político-ideológica genuína ou apenas por uma necessidade de expressão de uma individualidade dilatada e ressentida com a cultura em que está inserida. Numa conversa com E. K., um divulgador da religião no contexto do Rio de Janeiro, em meio a assuntos variados que envolviam desde o papel da mulher no paganismo nórdico até teorias fantásticas a la Revista Planeta, como a “Terra Oca” e o “Reino de Agarta”, ele mencionou que essa relação que muita gente no meio pagão faz entre o paganismo nórdico e o nazismo não passa de puro preconceito. No entanto, no momento seguinte, ele mesmo afirmou que reconhece haverem alguns praticantes que são declaradamente simpáticos a essas ideologias e que, ele próprio teria se interessado por estas em determinado momento de sua vida e que, “apesar de sua ancestralidade alemã”, não concordava com essas idéias hoje em dia. E ao lhe perguntar por qual motivo hoje em dia ele não concordava com essas idéias, sua resposta foi a de que “ao ler sobre a história da Alemanha é visível que o nazismo poderia ter morrido pelas mãos dos próprios alemães, que havia uma discussão rica na própria Alemanha que propunha outros caminhos, mas que em lugar disso o que acabou ganhando lugar foi uma invasão e imposição dos aliados: a democracia, na Alemanha, é uma derrota de guerra, uma imposição dos vencedores, não teria sido necessário isto para que a Alemanha superasse o nazismo”. De qualquer modo, tanto a ancestralidade como a aproximação com “o modo viking de ser” são principalmente características identitárias do grupo e apenas teriam efeito sobre a pertença ao

grupo religioso ou a proximidade com as divindades nórdicas, não sendo indispensável para a realização da magia.

O que se percebe então com essas variações tão diversas do discurso da bruxaria natural? Duas sugestões se me apresentaram:

1) Podemos estar diante de uma religião se debatendo no escuro da história, engatinhando em direção a um futuro onde ganhe formas mais complexas, que a torne mais eficaz na perseguição de seu projeto de mundo. O apreço pela magia seria então uma certeza típica de um momento embrionário, mais para frente, se tornando algo visto com desconfiança, à medida que instituições comecem a ganhar contornos mais definidos e influência mais ampla. A bruxaria natural seria sintomática de um estágio ainda primitivo de desenvolvimento de uma religião onde o carisma ainda não tenha gerado suficiente diferenciação e, por não haverem ainda lideranças com peso suficiente para concentrar multidões a seu redor e desbravar rumos que dêem outras formas à religião, sustenta-se o discurso da universalidade da capacidade mágica por não haver exemplos históricos suficientes de líderes. São, sem dúvida, pressupostos evolucionistas, mas eu não os descartaria de pronto. Não se pode negar que a religião é um fenômeno que apresenta uma evidente diacronia e que trajetórias semelhantes de disseminação e estabelecimento das religiões ocorreram na história em partes diferentes do globo, permitindo análises como as cautelosas, porém generalizantes, reflexões de Weber sobre o fenômeno em sua sociologia da religião. Nesse caso, não teria decorrido tempo suficiente para que uma diferenciação primeira através do carisma pudesse ser processada.

2) O discurso da bruxaria natural é uma estratégia interessante de disseminação da religião, sendo uma ferramenta necessária à disseminação dessa religião numa sociedade moderna, onde os Direitos Humanos fomentam uma cultura que igualha os homens por serem todos entes livres e racionais, logo passíveis de escolher; onde a dignidade humana reside em uma capacidade que lhe é natural: a razão. Seria então uma estratégia de expansão numa sociedade de forte individualismo, uma espécie de empoderamento individual frente a uma sociedade massificante.

3) A bruxaria universal e natural não é apenas uma estratégia de disseminação da religião, mas talvez a sua própria essência, o seu projeto de mundo e de sociedade, sem o qual ela deixaria de ser. Tal projeto talvez tenha sido tentado em outras épocas, mas não havia as condições sociais adequadas ao seu desenvolvimento como hoje talvez exista – a cultura do individualismo tão fortemente disseminada em nossas sociedades modernas. Assim sendo, o apreço dessa religião pela magia, bem como o próprio conceito que tem acerca da mesma, é o

elemento fundamental que permite que se constitua um discurso religioso coerente com o individualismo: o cultivo da magia é o cimento que os une como parte de um mesmo todo. Este pressuposto é bastante aproximado da resposta dada por Durkheim (2010) à questão proposta pelo mesmo sobre o que geraria a solidariedade orgânica, ou seja, a solidariedade das sociedades modernas, de forte densidade física e social e tão diversas em suas crenças. Para Durkheim, a religião teria perdido sua capacidade de ser o elemento fundamental para manter os indivíduos como partes de um mesmo todo porque a sociedade moderna garante a liberdade individual, logo a liberdade de discordar. E a sociedade orgânica precisa da diferenciação para existir: os indivíduos precisam desempenhar atividades diferenciadas porque o todo funciona pela harmonia e complementaridade dessas partes diferentes; porque cada um se ocupa de determinada etapa da produção e precisa de todos os demais para garantir sua sobrevivência na sociedade. Mas, conforme ressaltou Giddens (2000), a solidariedade orgânica é insuficiente para oferecer um sistema de representação que pudesse ser comum a todos, através do qual todos pudessem ter um sistema de valores compartilhados, sendo assim possível estabelecer leis, moral e mesmo um universo de significados comuns que permitam aos indivíduos se fundamentarem nos mesmos termos. Durkheim responde a esta questão dizendo que o individualismo é essa crença comum. Em meio à diversidade, a única coisa comum a esta sociedade é a liberdade de escolha que permite ser diverso.

Penso então, que talvez se possa aplicar a mesma lógica a esse apreço pela magia que a religião analisada aqui possui. Se a magia é uma força natural e comum a todos os homens, então todos são bem vindos no neopaganismo porque todos são naturalmente capazes de realizar magia. Mas se para realizar a magia é necessário que o indivíduo tenha “um estilo mágico” ela abre o precedente para a expressão individual e a criatividade de grupos, criando a solidariedade entre eles sem precisar uniformizar. O indivíduo se distingue da grande massa que “não acredita em magia” e através do “estilo” se socializa com um grupo seletivo que lhe permite se sentir acima da multidão anônima. Aqui aparece a lógica da moda, de Simmel (1957). Se esta hipótese estiver correta, então temos um fenômeno genuinamente moderno na religião.

No entanto, há aqui uma diferença com relação ao conceito de magia apresentado por Malinowski e também por Weber. Esses bruxos não pensam a magia apenas como dizer uma fórmula mágica e obter um efeito; nem como um feito que se realiza quando uma fórmula mágica de eficácia tradicionalmente aceita é realizada por alguém com o carisma necessário para realizá-lo. O próprio nome com o qual chamam a magia já diz muito: “a Arte”. Ela é uma capacidade natural, mas que precisa ser desabrochada, desenvolvida no ser humano. Esse

processo de desenvolvimento teria a ver com o se libertar das amarras históricas e psicológicas que criaram este bloqueio, quase sempre é uma revisão de valores morais e fundamentos religiosos. Tal desenvolvimento acontece com um processo que envolve principalmente estudo e prática ritualística. Estar em um coven (grupo de bruxos) é visto como um elemento facilitador, mas não indispensável. Um indivíduo pode treinar a si mesmo estudando diligentemente e praticando “de modo cauteloso” seu próprio “desabrochar espiritual”. Esta mesma lógica parece presente nos membros de sociedades secretas iniciáticas como a Rosacruz e o Martinismo. Uma vez, quando visitei a Loja Rosacruz de São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, um frequentador me disse que o principal objetivo da Ordem é “a iluminação interior e o domínio da vida”. De modo breve, essas duas ambições teriam a ver com um desenvolvimento individual de uma espiritualidade natural e dormente no homem, a rosa sendo inclusive o maior símbolo desse “desabrochar”.

Mas o que essas pessoas “estudam”? Voltando aos bruxos pagãos. Existe uma tradição de “sistematização da magia” que podemos chamar aqui pelo nome de “Alta Magia”, para usar um nome que é comum aos bruxos mais dados à leitura e que foi cunhado por Eliphas Levi (2012) um importante ocultista do século XIX e que foi levado em consideração por toda uma linhagem de autores que se seguiram a ele no tema, inclusive o famoso Alester Crowley e mesmo, Gerald Gardner. A Alta Magia seria uma espécie de ciência da magia. Ela se diferenciaria da “baixa magia” porque esta estaria concentrada apenas em objetivos imediatos e práticos do dia a dia, ao passo que a “alta magia” era antes de tudo uma preocupação filosófica: ela era um sistema de símbolos e rituais que obedeceriam a um punhado de leis básicas e gerais, em outras palavras, a “alta magia” é um esforço de racionalização e sistematização de um conjunto de conteúdos tradicionais. Na alta magia nada deveria ser considerado como superstição mas explicado por uma lógica racional, a existência dessas leis sendo uma sistematização necessária para que esta “arte” possa ser transmitida a outros. Há uma preocupação com transmissão, mesmo que apenas para uns poucos escolhidos, visto que se dava principalmente através de sociedades secretas.

Isto não quer dizer que não haja no neopaganismo a prática de uma magia voltada para fins imediatos. Sem dúvida há. Nas dezenas de sites e páginas de redes sociais que frequentei não são poucas as listas de simpatias e feitiços para se obter dinheiro, amor, engravidar, afastar uma pessoa indesejada, obter proteção espiritual e até feitiço para emagrecer ou se tornar mais atraente. Todavia, embora este tipo de prática esteja à disposição do bruxo não é o que mais o atrai na religião.

Pelo menos no Chuva Vernal, quando lhes peço para falarem sobre o tema “magia” percebo pouca ênfase nesses aspectos práticos. Fala-se exaustivamente na importância da magia para promover literalmente um reencantamento do mundo. Reencantar o mundo é devolver ao homem e à Terra uma dignidade que lhes foi tirada pela sociedade moderna, fortemente científica e tecnológica e com uma economia volta para o consumo e a exploração desmedida do meio-ambiente. É curioso como mesmo para um praticante, Guaraucária, do Coven Chuva Vernal, que fazia curso tecnólogo em gestão ambiental, o termo “natureza” sempre aparece mais vezes que meio-ambiente. É como se “meio ambiente” fosse uma palavra que trouxesse consigo uma visão do mundo natural apenas como fonte de recurso, ao passo que “Natureza” – sempre com N maiúsculo – recobriria alguma dignidade espiritual.

(Re)Descobrir a magia dentro de si seria um modo de restabelecer uma conexão íntima perdida dentro do homem, sufocada pela sociedade moderna. Por causa da importância dada a esta reflexão sobre a natureza da magia é que esta, para os bruxos, não deve ter sua importância localizada nos feitiços, mas sim no modo de interagir com a realidade do qual ela é portadora. Se fôssemos fazer uma analogia semelhante com a produção científica seria a diferença entre a ciência teórica, interessada em sondar e compreender os mistérios do cosmos e a técnica voltada para a fabricação de artefatos cujo objetivo é o atendimento de necessidades imediatas. O feitiço, não importa seu objetivo, seria uma tecnologia cuja teoria por trás seriam as leis gerais da magia, a metafísica a que se deu o nome de “alta magia”. E é esta abstração intelectualizada que ocupa o centro dos interesses dos praticantes com os quais conversei.

4.3 **Religião no Neopaganismo**

Embora comungando de um tronco originário comum com o Espiritismo, a Wicca, ao contrário daquele, não vê a categoria religião como dotada de uma valorização negativa³¹. Pelo contrário, eles gostam de se definir como “uma religião” e utilizam esta auto-definição como um modo de se distanciar e criticar a Nova Era.

Achei interessante como a categoria “religião” apareceu no discurso desses praticantes sempre em confrontação com a categoria “Nova Era”. Ora, o que é “Nova Era” e o que é religião para esses indivíduos?

³¹ Em geral, os espíritas gostam de se definir como “uma ciência” e não como religião.

A Nova Era seria um tipo de tendência cultural que teve sua importância por “resgatar” espiritualidades perdidas e por promover um intercâmbio mais intenso entre o Ocidente secularizado com um Oriente visto como mágico e ainda profundamente místico. Este processo foi analisado por Colin Campbell (1997) que o denominou “orientalização do Ocidente” – uma apropriação e adaptação ocidentais de conteúdos religiosos orientais. Para os pagãos com os quais conversei e que tinham alguma reflexão sobre o assunto, notadamente pagãos com mais de 10 anos de prática, a Nova Era é vista como uma mistura confusa, incoerente e superficial de práticas diversas e tomadas fora de contexto. Sua importância, porém, não é nula. Ela foi um esforço por um renascimento espiritual, trouxe discussões e, principalmente, ao disseminar todo tipo de espiritualidade pouco conhecida como possibilidades para o homem moderno, ela fez a Wicca tornar-se conhecida por milhões de pessoas no mundo. A crítica incidiria, segundo o que me disse o Guaraucária que, se por um lado a Nova Era difundiu a Wicca, por outro “a tornou diluída”. Além disso, e este ponto é fundamental para falar sobre a categoria religião no neopaganismo, segundo os sacerdotes do Chuva Vernal, a Nova Era não resolve o problema do homem moderno. Ela é essencialmente individualista e, por tal, concentra-se mais no individual que no social, tendo assim um poder mais limitado de promover as mudanças necessárias que o mundo moderno precisa e das quais o neopaganismo busca ser realizador. Embora no neopaganismo haja muito espaço para o individualismo pude perceber que no discurso o individualismo não parece ser uma palavra muito positiva. Ele é mais um problema do que algo do qual se deva se orgulhar. O mesmo Guaraucária, supracitado, chega a mencionar que um dos maiores problemas do neopaganismo é que “a maioria dos praticantes confundem individualidade com individualismo”.

Mas o que seria ir na direção contrária ao individualismo no caso de pessoas que prezam tanto pela sua individualidade? Esta é uma pergunta que recupera o problema investigado por esta pesquisa. Pelo que pude observar no caso específico do Chuva Vernal esta contradição encontra superação em se construindo uma prática religiosa em grupo que fomente o cultivo da individualidade. Seriam práticas como meditação, a consideração pela preferência do aspirante ao coven de determinado “tutor”, para o processo de Dedicção, que irá “orientá-lo no caminho da auto-descoberta mágica”, a descoberta do “animal de poder” (uma espécie de potência espiritual representada na forma de um animal que trasmita uma aura de força e poder para indivíduo com o qual está relacionado), a “jornada mística inteiramente pessoal” que deve ser vivenciada pelo aspirante, o mapa astral que é único para cada indivíduo, a aceitação de uma vasta gama de divindades através dos “arquetipos do deus e da deusa”

possibilitando assim a vinculação de cada indivíduo com uma divindade com a qual melhor se identifique numa espécie de deus “a la carte”. Já o individualismo é enfrentado pelo grupo através de uma consideração maior que deve ser dada às questões do grupo em detrimento das ambições puramente individuais. Assim sendo, um praticante é compelido a uma postura de humildade quando os “irmãos mais velhos” (membros iniciados mais antigos) consideram negativo e prejudicial para si ou para o coven determinado comportamento do indivíduo em questão. Os “irmãos mais velhos” compõem um conselho que decide pelo coven. Tal conselho também pode questionar e inquirir até mesmo um outro irmão mais velho, lhe dirigindo críticas abertas e exigindo posicionamentos. Pude observar um episódio desses num sabá que participei.

Mas o que o grupo daria ao indivíduo em troca desse sacrifício individual? Ao que pude observar, à primeira vista o grupo se coloca como uma espécie de família cujos laços são a fraternidade espiritual entre os membros. Esta suposta família, contudo, é vacilante, o grupo raramente existindo para além dos rituais. Desse modo, ao que pude perceber não é o calor humano que parece compensar o sacrifício da individualidade, mas sim a possibilidade de um espaço onde o indivíduo pode falar de si mesmo: todo bruxo tem um mapa astral único, um animal de poder que lhe é pessoal, um histórico de vidas anteriores, uma ou mais divindades com as quais “possui afinidade”. Também é um espaço onde o indivíduo pode analisar sua vida ao confrontá-la com a dos outros, seus iguais, e buscar soluções para suas questões, seja com um conselho, uma “leitura de mapa astral” ou um reforço mágico num ritual. Não necessariamente um grupo de amigos, como parece desejar o discurso, mas um grupo religioso unido por afinidades.

E não é apenas nas práticas exclusivas do Chuva Vernal que pude perceber isto. Na prática dos outros covens, de um modo geral, também pude perceber um ou outro desses elementos, mas algo que é geral e constitutivo do neopaganismo em qualquer lugar do mundo e que expressa bem a síntese acima observada no Chuva Vernal são as chamadas “tradições”, tal como as apresentei e defini no capítulo 1. Um coven “escolhe” a tradição a que deseja se vincular ou produz uma síntese particular buscando legitimação em “experiências pessoais” dos membros – em coven ou individualmente vivenciadas – e em alguma espécie de discurso reconstrucionista. Cada grupo que conheci nesses dois anos de pesquisa de campo tinha uma cultura particular de vivência da bruxaria e, em todos eles, o indivíduo sentia sua individualidade ao mesmo tempo que pertencia a um grupo através da tradição do coven, o estilo, que ao mesmo tempo que o moldava também expressava sua individualidade.

De qualquer modo, o fato é que percebi que o neopaganismo se diz religião por tentar oferecer uma comunidade para seus praticantes em lugar de uma vivência puramente individualista; ele tem um projeto de mundo e não restringe sua esfera de interesse apenas à esfera individual, como faria a Nova Era na visão desses praticantes; ele também oferece uma mitologia e um conjunto de rituais que devem ser observados; e, por último, ele oferece uma explicação do mundo e se coloca como uma verdade tradicional que remonta os primórdios da humanidade, uma “linhagem tradicional de crenças”, como diria Hervieu-Léger (2008) a propósito da religião.

4.4 **Ciência no Neopaganismo**

É talvez na sua relação com a ciência que o neopaganismo revela de modo mais exemplar o seu imanentismo. Observei em várias ocasiões o modo como estas pessoas se comportam quando diante de um conhecimento dito científico.

Não acontece aqui uma relação de concorrência ou conflito como a que podemos perceber historicamente no Cristianismo. Também não acontece aqui a relação que se pode observar no Espiritismo, onde a ciência é valorizada como a “grande fonte de evolução para a humanidade” mas estaria sempre um passo atrás da verdade revelada pela “Codificação Kardequiana”.

Não há no neopaganismo um discurso pronto e acabado sobre a ciência e, se este existir nos livros escritos pelos intelectuais da religião, pelo menos não o observei de modo conclusivo nos grupos com os quais tive contato. A religião não compete com a ciência. Seu foco não está em oferecer respostas sobre o funcionamento do mundo natural, por mais contraditório que isto possa parecer. Pelo menos não o mundo natural tal como experimentamos: matéria, extensão, corpo. Todas as respostas sobre a vida na Terra, a origem do universo, o corpo humano e as leis da natureza em geral são buscadas por estas pessoas no recurso à ciência. E explicá-lo de outra maneira é visto como obscurantismo, estreiteza de mente, imediatamente sendo relacionado ao Cristianismo e às religiões patriarcais que seriam praticadas por gente que “permanecem desconectados da Mãe, ignorando a essência mágica que possuem dentro de si, por estarem manipulados por cleros e sacerdotes oportunistas”.

Essa relação “leve” com a ciência se deve, a meu ver, por dois motivos. O primeiro deles diz respeito ao que é chamado de ciência por essas pessoas. Não é apenas o conhecimento produzido pela Academia, este, ao contrário, é até visto de um modo muito ambíguo: ora é visto com desconfiança, como algo que atende interesses políticos e

econômicos hegemônicos e que se orienta por paradigmas que limitariam sua capacidade de produzir um “conhecimento verdadeiro”; ora o fato de determinado autor ser acadêmico aparece como elemento definitivo para a validade de um argumento. A Academia é criticada por seus métodos e o modo como se organizou mas visivelmente tem uma ampla legitimidade. A questão é que a ciência produzida pela Academia é vista por essas pessoas como algo insuficiente e, em boa parte das vezes, deficiente.

Ciência para eles é algo que inclui o que é feito na Academia, mas não se restringe a tal. Fala-se muito sobre uma ciência não oficial, em geral, saberes antigos, pré-modernos, como a alquimia, ou orientalismos³² dos mais diversos. Também aparecem hipóteses marginais do próprio universo acadêmico, tais como: a Hipótese dos Campos Mórficos (SHELDRAKE, 2012), a Mente Vegetal (TOMPKINS; BIRD, 2000), a Hipótese Gaia (LOVELOCK, 2006). Aqui também aparece uma apropriação superficial de conhecimentos científicos avançados como física quântica, psicanálise e magnetismo. De todos os pagãos com os quais tomei contato – em torno de 50 pessoas – somente uma tinha uma noção vagamente substantiva sobre física quântica e magnetismo, uma bióloga. Todos os demais tinham um conhecimento demasiado superficial e quase sempre muito confuso sobre esses assuntos. Importava falar sobre o assunto, todavia, a fim de dar uma aura de cientificidade ao discurso.

Este aspecto é visivelmente uma influência da Nova Era, tal como foi bem explorado nos trabalhos de Elisete Schwade (2010) Michael York (2006) e Collin Campbell (1998). Mas aqui também se fala da alquimia que, é marcadamente reapropriada, suas afirmações sendo vistas como “metafóricas” e que não devem ser levados ao pé da letra, o que teria sido feito pelos cientistas.

A antropologia é amplamente usada para justificar o argumento de que os modos rudimentares e pré-científicos dos povos tribais, dos povos antigos, da idade média e até das nossas gerações anteriores eram “outras formas de ciência” e não uma forma rudimentar de conhecimento e controle da natureza. É, sem dúvida, um argumento também presente na Academia, entre muitos autores, mas mesmo entre estes, quando o assunto é “eficácia”, “resultado” – objetivos característicos do modo de pensar e agir de nossas sociedades modernas – os métodos da ciência moderna parecem preferíveis. Essas formas pré-científicas de conhecimento são vistas pelos pagãos como livres dos interesses hegemônicos de nossa sociedade; dos preconceitos de “uma ciência feita por homens” em oposição ao saber tradicional da bruxa (OSÓRIO, 2010); da sensibilidade de conquista, exploração e domínio da

³² Para saber mais sobre o que seria um processo de orientalização do ocidente, ver CAMPBELL, 1997.

natureza oriundas da uma “visão desencantada do mundo” – é exatamente este o termo – filha de uma cultura dominada por uma religião que demoniza a magia e cuja divindade encontra-se fora do mundo.

Talvez possa parecer estranho o fato de o jargão das ciências sociais serem muito usados por muitas dessas pessoas, muitas vezes até parecendo ser fundamentos da religião. Falar que são fundamentos da religião sem dúvida seria uma afirmação exagerada. No entanto, é inegável que há uma forte carga de instrumental conceitual das ciências humanas nos discursos legitimadores desta religião. Três fatores acredito que explicam tal característica: a contribuição da Nova Era que, tal como observou Schwade (2010), estabelece um esforço para ter “embasamento científico”; o fato de a maioria dos praticantes terem nível superior ou terem algum tipo de estilo de vida que cultiva a leitura; e o fato de o próprio discurso fundador da Wicca provir de um meio intelectualizado da Europa – Gerald Gardner, o fundador, era um folclorista amador, leitor de James Frazer e Margareth Murray, autores que, embora já datados no tempo de Gardner, ainda eram imbuídos de uma aura acadêmica, além de terem, de fato, sido acadêmicos de grande importância em suas épocas. Todo o discurso fundador de Gardner tinha forte carga antropológica, fosse para afirmar as crenças da religião, fosse para criticar o Cristianismo dominante.

4.5 A Análise das Bibliotecas Pessoais

Uma prática que me acostumei a fazer foi olhar as bibliotecas pessoais de alguns praticantes. Por biblioteca quero aqui deixar claro que me refiro não somente a estantes com livros, mas também a pastas de arquivos no computador. Observei estantes de livros nas casas de alguns praticantes e recebi “orientação de leituras” conversando com outros. Observei um padrão interessante. Começamos com as estantes.

O primeiro ponto a se levar em consideração é justamente a importância dada ao fato de ter uma “biblioteca”. Há nisso algo de status. Em geral, essas pessoas gostam de exibir sua biblioteca. Talvez isto confira alguma autoridade ao praticante – uma “pessoa que tem leitura sobre a Arte” – mas principalmente é também um instrumento de identidade: a biblioteca quase sempre informa algo sobre qual foi o caminho percorrido pelo praticante para chegar ao Paganismo e ao matiz pessoal que dá a este. A biblioteca é uma metáfora completa do “caminho” que trilha o tipo ideal do “peregrino”, de que Daniele Hervieu-Léger fala. A maior parte das vezes o praticante não tinha lido totalmente nem metade dos livros que exibia em sua estante, no entanto conhecia os argumentos básicos de todos e conseguia elaborar sínteses

sobre as principais questões e pontos defendidos pelo livro. A leitura do livro era sempre um projeto: o praticante conhecia a importância do livro e por isso planejava lê-lo, no entanto, tal leitura sempre acabava adiada por razões diversas.

Mas então se o livro ainda não fora lido, como seu conteúdo era conhecido e um resumo era possível? Duas fontes: internet e conversas com outros praticantes. Essa constatação é importante porque ela revela a existência de um conjunto básico de leituras que são vistas como importantes, de ampla difusão no meio pagão. Embora nem sempre sejam de fato lidos, estes livros podem ser pontos ao redor dos quais se discute e se fundamenta o modo de viver a religião desses praticantes. Talvez fosse apropriado dizer que eles são uma parte significativa dos tijolos que compõem o edifício do discurso religioso dessas pessoas. Numa religião que não conta com livros sagrados, nem uma instituição clerical, este pode ser um dos principais meios de se observar as ideias e discursos mais importantes para esses religiosos.

Vou usar aqui a ideia de popularidade. O neopaganismo é essencialmente uma religião “em aberto”. Se por um lado, ele possui um conjunto fixo de rituais, por outro as ideias principais estão sempre recebendo contribuições e como tais, sujeitas a mudanças. Nenhum praticante com o qual se converse dirá que ideias como o caráter matrifocal, o respeito e cuidado com a natureza e o respeito à diversidade não são incontestáveis. Sim, é verdade, mas apenas para a vista de quem está de dentro da religião e sente mais intensamente a força de suas ideias e sentimentos. Para quem olha de fora é possível ver outros aspectos. Vejamos.

Se pensarmos a religião no mundo ocidental moderno como um elemento que se comporta muitas vezes com uma lógica de mercado e que o produto vendido são motivações, sentimentos e orientações, acredito que podemos compreender melhor o funcionamento desse tipo de religião. Certas ideias (orientações) são de amplo consumo para o público-alvo: para pessoas com considerável nível de instrução, a mentalidade ecológica e o ato de se contrapor a preconceitos não é muito difícil de obter aceitação. Poderíamos pensar então que ela é como um produto amplamente consumido, de tal modo que a posse do mesmo se torna elemento fundamental para a identidade do grupo. Seria, digamos, uma insígnia identitária do grupo, cuja posse permite ao indivíduo ser reconhecido como tal pelos demais.

Mas em que isto difere de dizer que são elementos centrais, fundamentais, incontestes da religião? Difere por causa da fonte através da qual são fornecidas essas ideias e através das quais elas se estabelecem. Não há um clero que determina o que é a religião e quais devam ser suas principais ideias, metas e dogmas, tal como no Cristianismo. Não há um conjunto básico de livros que sirvam de ponto de partida e possa ser chamado de “Codificação”, como no Espiritismo. Não há profetas ou uma tradição que fale sobre a história e os feitos milagrosos

da religião. O paganismo se define como uma “religião da natureza” e, como tal, sua fonte seria a própria natureza do homem, ou – talvez fosse melhor dizer – natureza “no” homem. Com este argumento, a religião busca se estabelecer como o que há de mais genuíno no homem em matéria de religião e, por tal, o que há de mais antigo, tendo nascido com o homem. Mas este argumento também coloca essa suposta interioridade sufocada e obscurecida pela história e a civilização como um tipo de fonte principal de onde “se descobre a verdade”. A ideia de que “todo o saber do universo” já existe dentro de cada um é muito familiar e bem vista por estas pessoas. A função da religião e, antes mesmo dela, do estudo, deve ser o desenvolvimento do que seria um processo autoconsciente de autodescoberta, talvez uma recuperação moderna da maiêutica. Assim sendo, a bruxaria é um caminho pessoal de “auto-conhecimento” de um vasto interior humano envolto em “escuridão” de desconhecimento, devido a um potencial humano atrofiado.

Preferi as palavras “autoconhecimento” e “escuridão” não apenas por serem termos nativos, mas principalmente porque comportam uma informação a meu ver relevante sobre a religião. Esses opostos não aparecem aqui como sinônimos de bem e mal, divino e demoníaco. O autoconhecimento – “iluminação”, “ascensão” – é a meta, mas a “escuridão” – “trevas” – é o caminho para tal. A escuridão não representa forças demoníacas, inimigas, matriças ou manipuladoras da humanidade, algo como algum tipo de gênio maligno. Ela representa tudo aquilo que o homem desconhece, ignora ou rejeita de si mesmo, daí perscrutá-la e entendê-la ser o caminho para o desenvolvimento do potencial do bruxo.

Agora retomando o raciocínio da lógica de mercado. Temos aqui uma religião onde o indivíduo tece seu caminho, um ótimo exemplo do tipo de “religião mística”, tal como mencionou Ernst Troeltsch (CAMPBELL, 1997). Se a escolha individual com todas as suas sutilezas e subjetividade é a pedra fundamental da religião, então será constitutivo da religião aquilo que for mais coerente com os anseios desse indivíduo. É por causa disso que a “consciência ambiental” se tornou tão central. Ela é um elemento ético de validade fundamentada na ciência, uma preocupação irrefutável quando falamos de sociedade. Para qualquer pessoa que goste de se informar sobre o mundo, ela é uma urgência incontestável. Seu fundamento não reside em fé no desconhecido, mas num misto bem sucedido de ciência e moral. É palpável pelas individualidades mais diversas.

O mesmo raciocínio se aplica à magia. Como disse antes, ela é essencialmente “poder pessoal não desenvolvido”. Ora, desenvolver suas potencialidades, uma espécie de investimento em si mesmo, é um valor moral comum à classe média instruída. “Não ter medo de se conhecer” é uma postura valorizada por todos os pagãos que conheci.

Mas nenhum ideal evidencia melhor esta lógica no neopaganismo do que a centralidade da mulher. O caráter matrifocal sempre esteve na base da Wicca. Já em Gardner, anterior à apropriação da religião por correntes feministas, isto já era fundamental. Durante as décadas de 60 e 70 o feminismo e a contracultura foram de grande importância para a difusão da religião. O caráter matrifocal foi visto como um instrumento oportuno para empoderamento da mulher por correntes feministas que rapidamente se viram representadas naquela forma de espiritualidade. Enquanto isto a contracultura encontrou ali uma ferramenta de crítica e subversão da cultura dominante. Feministas e jovens da contracultura foram nessas décadas o principal “público consumidor” das ideias que a religião comportava e por tal, o caráter matrifocal recebeu tanto investimento da parte dos praticantes a ponto de aparecer correntes radicais que excluía completamente qualquer divindade masculina e não permitiam a entrada de homens.

Nas décadas de 80 e 90, porém, apareceram outros “mercados consumidores”. Talvez por conta da difusão da Nova Era, o “cultivo do eu” se tornou o carro chefe, assim como ganhou mais força do que nunca o caráter ambiental, talvez em virtude de as preocupações do ambientalismo estarem cada vez mais de conhecimento de todos. No entanto, boa parte das novas individualidades que eram atraídas pela religião não se sentiam completamente à vontade com o radicalismo feminista. O resultado disso foi a difusão de “outras tradições” pagãs, como o druidismo, o odinismo e uma miríade de modalidades de Wicca todas bem mais moderadas em relação aos homens. Tais “tradições” contudo, não negam as vertentes feministas mais radicais, mas “oferecem outros caminhos”, sem dúvida, para “outros bruxos”, que não precisam do empoderamento feminino, mas talvez de outros. Amplia-se o mercado.

A ideia de várias vertentes do neopaganismo – as tradições – algo que teria começado apenas como o culto apresentado por Gardner e que se concentrava principalmente nas figuras da “Grande Mãe” e do “Rei Caçador”, se tornou um recurso importante para a religião se expandir no contexto de liberdade e pluralismo religioso do presente. Ela deu uma flexibilidade e uma plasticidade ímpares à religião. Com as “tradições” torna-se possível a religião ter um mercado consumidor muito mais diverso.

A percepção de que para expandir a religião é necessário torná-la desejável para os indivíduos e não uma instância que dita as normas de cima para baixo, sem contudo fazer todas as vontades do mesmo parece ter sido instintivo, algo da sensibilidade dessas pessoas e não um esforço calculado. É algo próximo de uma seleção natural: os grupos se formam, mas não persistem se forem muito rígidos ou muito pouco definidos deixando uma margem muito ampla para a criação individual. Na trajetória da maior parte dos pagãos com os quais

conversei era frequente a passagem por diversos grupos, no entanto, percebo que os grupos em que permaneceram mais tempo ou dos quais faziam parte já por um tempo considerável, eram covens que haviam encontrado um modo de equilibrar adequadamente essas duas posturas: a flexibilidade e a firmeza mínimas. É como dizer que o grupo tem que ter uma postura definida, mas tem que ter um espaço de negociação com o indivíduo. Este espaço salvaguarda a liberdade individual ao mesmo tempo que cria as definições que o indivíduo procurava. Negociação do indivíduo com o grupo, acho que esta é a palavra mais adequada para este aspecto.

Essa “sedução do indivíduo” vai mais além. Nas páginas de conteúdo pagão na internet, os deuses são sempre representados a maior parte das vezes como sensuais, verdadeiros modelos de beleza. Há muita figura oriunda de jogos de computador e visivelmente construída com padrões hollywoodianos de beleza. Esta minha afirmação seria um exagero se estivéssemos nos referindo apenas a divindades historicamente relacionadas à beleza e à juventude tais como Afrodite e Apolo, no entanto, mesmo Zeus e Poseidon, cujas representações sempre foram de homens de idade avançada, aparecem como senhores musculosos, sem camisa, de olhares penetrantes e barbas – que algumas vezes eram eliminadas – bem feitas. Mesmo Atena, uma deusa que no mito é marcadamente dessexualizada, sem atributos de sensualidade, é representada como uma moça jovem, de traços delicados, corpo curvilíneo, seios fartos, às vezes chegando a ser representada com trajés mínimos de personagens guerreiras de universos de fantasia medieval.

Novos públicos aparecem a partir daí. Adolescentes amantes de games, pessoas obcecadas pela promessa moderna da eterna juventude e, eu arriscaria dizer, pessoas cujos personagens de cinema tiveram uma importância emocional muito grande na constituição dos valores morais e da identidade, de modo que se tornaram elementos fortes no subconsciente dessas pessoas.

Pelo que pude observar conversando com essas pessoas, sem dúvida, a seu ver, a capacidade de expansão de sua religião está – ou deve estar – no conteúdo de suas ideias. Como qualquer religião, o neopaganismo busca transformar o mundo real no seu mundo ideal e acredita que vem fazendo isso pela força de suas ideias. De acordo com a lógica que defendo aqui, isto de fato acontece, mas por razões que são de natureza sociológica e não apenas morais. Num mundo de consumidores, mesmo a religião se torna um produto; e sua razão de existir, o atendimento a uma demanda do público.

Retornando à questão das “bibliotecas”. Pude observar um padrão muito revelador nas mesmas o qual apresentarei abaixo. Classifiquei os livros por tipos e vou enumerá-los do maior para o menor:

1) Leituras da “Arte”: livros sobre bruxaria, magia e neopaganismo propriamente ditos. Na maior parte das estantes estes eram os livros que apareciam em maior quantidade, salvo em duas: na estante de Dara, 27, em que aparecia mais livros de literatura de ficção, seu tipo de leitura favorito, mas que era um acúmulo de outras fases de sua vida, agora seu maior interesse é tarô; na estante de Guaraucária, 39, onde a maior parte dos livros são de ciências sociais, sua formação acadêmica, e de anarquismo, sua militância política.

Conforme falei anteriormente não há um padrão muito fixo sobre que leituras a pessoa considera diretamente ligada à bruxaria. Aqui é mais apropriado falar em leituras que informam sobre uma trajetória de espiritualidade. Porque não percebi nenhum dos mais de 50 pagãos com os quais tomei conhecimento pessoalmente ou pela internet que tivesse como leitura sobre espiritualidade apenas o paganismo. Há muita leitura sobre espiritismo, esoterismo, Nova Era, Umbanda, Budismo, Xamanismo, mediunidade, hermetismo, satanismo, religiões do Extremo Oriente, ordens secretas, rozacrucianismo e até versões bem alternativas do Cristianismo e da figura de Jesus. Na estante de Coruja, 23, por exemplo, junto com “A Bruxaria Hoje”, de Gardner, havia inúmeros livros de Reiki e medicina alternativa. Ele próprio se considera um profissional da saúde por ministrar reiki.

2) Conhecimento científico ou profissional “pré-Arte”: são livros relacionados à profissão ou à carreira acadêmica dessas pessoas que de certo modo têm a ver com sua aceção de espiritualidade ou tenham permitido questionar os valores e religiões tradicionais. Frequentemente se encontram autores marginais ao mundo acadêmico como o físico Fritjof Capra, o biólogo James Lovelock e antropólogos como James Frazer e Mircea Eliade, no entanto não raro encontram-se autores de grande importância nas discussões acadêmicas atuais.

3) Militância ideológica: este tipo de leitura aparece numa porcentagem quase sempre muito próxima para mais ou para menos. Ao que me parece algumas dessas pessoas possuem uma militância que quase sempre aparece relacionada ou fundamentada por algum tipo de corrente de pensamento da sua área de formação. A druideza Ninna Pinheiro, 36, é enfermeira, lê muito sobre o que ela chama de “humanização do parto” e empreende uma acirrada militância contra a prática obstetrícia que privilegia a cesariana. Dara, 27, é bióloga, tem livros sobre ecologia e livros sobre a controversa “Hipótese Gaia”, que ela defende, mas que é um pensamento marginal na Academia. Guaraucária, 39, é cientista social, militante

anarquista e seus livros giram bastante em torno desta temática e ele fala muito do que seria uma “ecotopia”, uma sociedade ideal, anárquica e onde homem e meio estivessem em perfeita harmonia.

4) Hobbies: literatura, jogos, cinema e outros interesses. Em alguns casos, este é o assunto que mais aparece na estante. Dara e Terra Molhada, 33, por exemplo, têm prateleiras inteiras de literatura de ficção. Morpheus, 42, coleciona quadrinhos e livros de ficção. Interessante também perceber como, no caso desses dois a ficção os ajudou a questionar a realidade, os valores morais e mesmo políticos. A ficção parece ter para eles, como admito que também tem para mim, o poder de revelar que nem tudo que é verossímil e coerente é real e isto, ao mesmo tempo que questiona o status quo, deixa o indivíduo receptivo a outras possibilidades.

O segundo motivo diz respeito ao fato de que, por buscarem uma religião imanente e terem um nível considerável de instrução, estas pessoas buscam construir um noção de sagrado que contenha sua noção de realidade material, sem se contrapor a esta, sem a necessidade de a noção de realidade vir da religião. Aqui parece acontecer exatamente o contrário. Não há, pelo menos na prática do Chuva Vernal, por exemplo, uma noção de sagrado que diga que algo para ser sagrado tem que ser necessariamente extra-mundano. Até porque, nas próprias palavras dos praticantes, “não existe o extra-mundano”. Quando uma vez conversando com Terra Molhada sobre o uso de substâncias psicotrópicas em rituais lhe inquirei se não seria melhor buscar um transe sem uso de substâncias pois desse modo estaríamos realizando algo mais genuíno em lugar de um efeito químico ele disse que esta questão simplesmente não se colocava. Em primeiro lugar me chamou atenção quanto ao termo que usei: não são “substâncias psicotrópicas”, mas sim “plantas professoras”. Depois que me advertiu em SMS que:

Tudo é química. Não caia no erro de achar que a magia é dissociada do mundo natural. Não é. Para a bruxaria, para a Wicca, para o Xamanismo e sobretudo para o Chuva Vernal as ervas são professoras, o vinho é sagrado e nosso trabalho mágico envolve alteração de consciência. Entendo a validade do seu processo [sem uso de química], mas desde já perca esse preconceito, porque ele está em desacordo com nossa egrégora. (As 10:46, de 22/11/2013)

O que esta SMS deixa transparecer sobre a filosofia do coven é algo que já pode ser visto no modo como chamam estas plantas psicoativas: “plantas professoras”, em lugar de “drogas”, “alucinógenos” ou “psicotrópicos”. Esta questão sobre as “plantas professoras” mais do que nunca evidencia o fato de que a magia, para o Chuva Vernal, reside no natural e não no sobrenatural. É algo anterior à distinção imanente/transcendente, porque mesmo para uma

religião imanente a magia se localiza no sobrenatural: ninguém explica um transe por uso de drogas ou a mediunidade como “um estado de consciência” do próprio indivíduo. O transe é ação de forças misteriosas que assaltam o indivíduo, a mediunidade é um espírito que incorpora no mesmo.

Ao que está implícito na Wicca Xamânica do Chuva Vernal é que o mágico reside no modo como se olha o mundo. Não é algo fora da pessoa, mas uma postura ativa/criativa da mesma diante de uma realidade cujo valor das coisas e das experiências não está posto, mas é construído (“encontrado dentro de si”) pelo bruxo. E isto é, por si só, já o poder mágico do bruxo: o “saber olhar o mundo” é reencontrar a sacralidade do mesmo, é voltar a enxergar a magia. Ao que pude perceber, talvez pela questão de preservar a Natureza, criticar paradigmas ou conseguir produzir encantamento do mundo num mundo fortemente desencantado, a promessa da Wicca do Chuva Vernal, aquilo que eles puseram no lugar dos milagres cristãos, é uma transformação do ser, de modo a permiti-lo experimentar uma felicidade que ele já possui por viver num mundo “onde impera a bênção e não o pecado e a culpa”, mas da qual ainda não se deu conta por estar com a visão embotada, com os olhos espirituais cerrados. A Wicca é uma religião voltada literalmente para este mundo, mas assim como todas as outras religiões, ela também pretende transformá-lo: ela não coloca conquistas materiais acima de tudo porque considera a ambição pela riqueza como fruto de carências e no seu conceito de felicidade, a riqueza, a ostentação, a ideia de império, de reino são antagônicas aos seus valores morais que preconizam uma reintegração do homem com o meio natural: não se trata de transformar o meio natural para dar conforto ao homem, mas de transformar o homem para que ele encontre seu conforto na natureza. B., 46, “druideza”, afirma dormir no chão e não usar chuveiro elétrico porque druida de verdade busca não se sentir mal com o que a natureza oferece. No entanto, a mesma druideza prefere realizar seus rituais em honra à natureza dentro de seu apartamento a fazer na Floresta da Tijuca quando em dias chuvosos.

Nos momentos em que pude perceber o grupo falando sobre coisas em que visivelmente atribuíam uma aura especial de magia quase sempre se referiam a sonhos, visões em meditações, acontecimentos fortuitos do dia a dia, como uma pena que passou diante dos olhos de Trilhadovento, 34, em plena Avenida Rio Branco no Centro do Rio e ele se desligou do caos urbano para contemplá-la e me disse “é incrível como a Wicca me faz ver coisas que eu jamais veria se não fosse bruxo”, ou a carta de baralho encontrada por Nyx na rua, ela que é taróloga. Um assobio de ave, uma pena ao vento, uma carta de baralho, um sonho, uma reação inesperada de um animal, um aparelho eletrônico que misteriosamente para de funcionar (um praticante disse ter acendido um incenso para o Elemental da eletricidade para

que seu computador voltasse a funcionar e obteve o resultado esperado), são esses os eventos mágicos dos bruxos do Chuva Vernal. E ao que pude perceber, eles próprios sabem que tal “magia” está, na prática, em seus olhos, no modo especial com que se dispuseram a olhar o objeto ou momento. Não é também o caso de “forjar” eventos mágicos para si mesmo e para os outros. Este foi meu primeiro raciocínio ao observar o que faziam, mas depois pude perceber que isto é totalmente de acordo com seu conceito de natureza: se “a magia está em toda parte”, então enxergá-la é questão de dispor a enxergá-la. É essencialmente uma mudança de sensibilidade. Starhawk (2007), uma das escritoras mais importantes da história da Wicca, dizia: “A Bruxaria é uma religião de poesia”.

Em termos de distinção sagrado/profano dizer que a magia está em todo lugar ou não está em lugar algum, a meu ver, é a mesma coisa. Sua diferença reside no que este raciocínio promove nas disposições do sujeito.

Mas se a magia está em todo lugar então por que é necessário abrir um “círculo mágico” para realizar rituais? Ao que pude perceber em todos os rituais que participei, o ato de “abrir o círculo” serve para promover uma mudança de modo de estar. O círculo não cria a magia, ele serve para desconectar os indivíduos das questões triviais e preocupações ordinárias e os coloca em outro estado de espírito: o de comunhão mágica com os deuses e entre si, abertos às “energias mais sutis” para as quais o cotidiano nos fecharia. O Chuva Vernal define o círculo como “um lugar fora do tempo e do espaço”. Penso se este não é o modo como acham mais apropriado para comunicar o fato de que o círculo não existe no espaço, nem no tempo, mas sim na mente, na sensibilidade de quem o traça e de quem nele deposita fé.

5. O ANTICRISTIANISMO E A ECOLOGIA

5.1 O Anticristianismo

Durante esses dois anos de observação participante nenhum aspecto me pareceu mais revelador sobre o neopaganismo do que a conflituosa relação que os bruxos mantêm com o Cristianismo.

Antes de mais nada, cabe informar nesta pesquisa o que é chamado de Cristianismo e o que é posteriormente criticado. Conversei com aproximadamente umas 50 pessoas do “meio pagão” fluminense ao longo desses 2 anos, recolhi textos e desabafos na internet, reuni uma série de dezenas de imagens das redes sociais que demonstram uma relação de antagonismo – às vezes velado, às vezes explícito – para com o Cristianismo.

Ao que pude perceber, o Cristianismo é antes de mais nada a religião de alguma pessoa ou instância com a qual o bruxo desenvolveu ao longo de sua vida uma relação conflituosa. Ele é a representação da sociedade que se critica, da qual não se quer fazer parte; a sociedade que serve de referencial negativo. As acusações são sempre as mesmas. Selecionei algumas frases que por seu caráter recorrente parecem ser reveladoras do modo como alguns bruxos consideram o Cristianismo e o quanto parece importante da parte dos bruxos ter em conta negativamente o Cristianismo na construção de sua religiosidade. Algumas dessas frases foram ditas em redes sociais, outras foram ditas em ambientes informais, outras mesmo em conversas as quais me identifiquei como pesquisador, ou seja, eram conversas que a pessoa sabia que estava falando algo para uma instituição de pesquisa e que sua opinião seria considerada de um modo oficial para representar sua religião:

“Cristão tem a mente fechada. Não dialoga. Acha que só ele é certo”.

“Odeio proselitismo cristão”.

“Nosso caos ecológico é fruto da nossa espiritualidade judaico-cristã que dessacralizou a Natureza”.

“Somos politeístas porque respeitamos a pluralidade. Monoteísmo é arbitrariedade”.

“Meus deuses são guerreiros, são nobres. Não faz sentido adorar um filho de carpinteiro que ainda foi derrotado e pregado numa cruz” (o praticante que disse isso fazia questão de frisar diversas vezes a condição social de Jesus de modo pejorativo, sua religião não é afeita a considerar a humildade um valor moral desejável).

“O que é Maria? Maria é uma deusa mutilada, que teve seu direito de ser mulher roubado. Não fez sexo, não gerou um filho porque quis, mas sim porque foi usada por um projeto de outra pessoa – o deus judeu” (frase mencionada por uma praticante de Wicca Diânica, a vertente mais radicalmente feminista da Wicca).

“Brasil de Todos os Deuses” (lema do evento “Dia do Orgulho Pagão” realizado em várias capitais e regiões metropolitanas do Brasil e que, segundo um praticante, é um modo de responder à sentença “Brasil, país cristão” usada por vários movimentos cristãos e até por alguns movimentos como o MV Brasil que pretendeu frear a influência da cultura norte-americana simbolizada na festa de Halloween através de uma suposta demonização da mesma: “Halloween é satanismo: Brasil país cristão”).

As queixas e insatisfações são as mais diversas. Critica-se o Cristianismo porque se afirma que ele criou uma sociedade que “não respeita as diferenças” e que teria uma visão de mundo que leva o homem a exercer um domínio predatório sobre a natureza. É muito freqüente se ver críticas de que o Cristianismo, principalmente o de viés neopentecostal, promove uma religiosidade alienada e agressiva que leva os indivíduos a identificarem o sentido da vida estritamente com a prosperidade material, o que fomentaria indivíduos mesquinhos e ambiciosos numa sociedade de consumismo irracional em plena época de ameaças ambientais. Não são raras as vezes em que pude presenciar essas pessoas se queixando – mas também fazendo piada – do que seria uma pouca instrução presente nos cristãos mais radicais, muitas vezes até de erros ortográficos na internet ou erros por ausência de propriedade sobre o que era falado, como por exemplo, quando um pagão falava de sua adoração a Thor e um cristão respondeu: “Quero ver se quando você estiver à beira da morte você vai pedir ajuda de um desses seus deuses gregos aí”.

São formas de ação e reação para com um elemento que visivelmente figura como um adversário ou, no mínimo, um obstáculo ao projeto pagão de mundo. Uns mais, outros menos, mas de alguma maneira todo pagão guarda alguma forma de antagonismo com o Cristianismo.

Ao que pude perceber não há nenhum valor pagão que tenha sido construído sem alguma forma de crítica ao Cristianismo. Afirmando, contudo, diante do que observei, que tais críticas são decorrentes mais pelo fato de o Cristianismo representar para estes bruxos a sociedade tradicional do que pelo simples fato de ser a religião do outro. Se isto não aparece explícito na literatura pagã, torna-se evidente nos primeiros dez minutos de conversa sobre visão de mundo ou valores morais com qualquer um dos pagãos com os quais conversei.

Quando o assunto é religião, criticar o Cristianismo quase sempre pareceu ser o início da conversa.

A relação com a natureza seria o primeiro ponto. Como afirmei antes, os pagãos costumam ver a degradação do meio-ambiente como resultado de uma dessacralização da natureza que teria sua raiz nas religiões monoteístas judaico-cristãs, com seu deus transcendente, localizado fora do mundo. Este é um raciocínio que não é nativo do meio pagão. A questão da dessacralização ou desencantamento* do mundo surgiu no ambiente acadêmico com Max Weber (2010) e, dentre tantos autores mundo afora que analisaram extensamente a questão, podemos citar Antônio Flávio Pierucci (2003), que escreveu um livro com mais de duzentas páginas abordando o conceito. E a relação desta dessacralização com a degradação do meio ambiente já foi bastante comentada por escritores como o físico Fritjof Capra (1992) e o teólogo Leonardo Boff (2008), não exatamente uma literatura acadêmica ou científica, mas que também não figuram entre escritores pagãos. A existência, contudo, de ideias como as de Capra e Boff são reveladoras de um fenômeno que não pode ser ignorado: a de que a maior parte dessas ideias que permeiam o chamado “meio pagão” também estão permeando círculos notadamente distantes uns dos outros, como a ecologia profunda, da qual Capra é um expoente e a Teologia da Libertação aqui do Brasil, que tem em Leonardo Boff seu maior continuador e atualizador. Isto parece sugerir que estamos falando de várias tendências culturais que ultrapassam o neopaganismo e se constituem em elementos do que talvez pudéssemos chamar de uma nova cultura. E esta é uma consideração muito relevante para as hipóteses desta pesquisa.

As inúmeras formas de discriminação social, sejam elas de gênero, raça ou religião, são vistas como subprodutos de uma cultura hegemônica de matriz judaico-cristã que promoveria a exclusão e perseguição de todos aqueles que fogem ao seu ideal de humanidade. Ao que pude perceber, o pagão se incomoda com o modo com que o Cristianismo lida com o que lhe escapa no mundo social – uma relação que é vista como basicamente violenta, de rejeição e marginalização. O Cristianismo criaria uma sociedade hierárquica na qual estariam no comando os mais próximos de seu projeto e estariam expostos a mil misérias aqueles que ele estigmatiza: os homossexuais, as outras religiões, outros modelos familiares, a mulher. Se apropriando do discurso do feminismo, os bruxos e bruxas pensam o machismo como fruto do patriarcado e de uma sociedade que já tem seu fundamento primeiro numa forma de injustiça: a dominação.

Também se acusa o Cristianismo de “limitar a evolução do conhecimento” com inúmeras restrições que tentam imputar ao progresso da ciência e à difusão dos pressupostos

científicos que esbarram em seus dogmas, tais como a teoria da evolução e o Big Bang. Na visão neopagã sobre o Cristianismo, essa mesma lógica é que estaria por trás também da perseguição aos cultos afros. Para os pagãos com os quais conversei, o Cristianismo de hoje, principalmente o neopentecostal, “não existiria não fosse todas as acusações que fazem à macumba”. Na opinião dos bruxos, o discurso neopentecostal sobre o afro-brasileiro se calca numa série de preconceitos tradicionais e os exacerba ao extremo produzindo ainda mais discriminação. Incomodaria mais ainda o fato de a mesma religião que faz tais acusações ainda desmotivar, e às vezes até proibir, o estudo dessas outras formas de espiritualidade, numa relação de poder totalmente alheia a qualquer forma de diálogo. Em geral, o Cristianismo é visto pelos bruxos como a religião principal dos que não querem estudar, conhecer e dialogar. Não que todo cristão seja assim, percebi que alguns bruxos mantêm até uma relação de respeito com alguns cristãos, quando esses estão mais dispostos a uma discussão que eles considerem respeitosa, mas dentre os que são vistos como “os ignorantes”, o Cristianismo é visto como a religião por excelência. Tanto na relação com os cultos afro-brasileiros quanto na relação com a ciência, o Cristianismo tenderia a se fechar em seu próprio conjunto de verdades, demonizando o que lhe é exterior sem nenhuma preocupação em ao menos buscar conhecer aquilo que está demonizando.

Os pagãos vêem a si mesmos como pessoas que sofrem esse mesmo tipo de estigmatização e, por tal, tomaram para si a mesma luta pela pluralidade religiosa e defesa da sociedade laica. Esta relação de identificação com os cultos afros torna-se mais explícita ainda no evento “Caminhada Pela Liberdade Religiosa”, um evento que foi uma iniciativa principalmente das religiões afro em resposta ao evento evangélico “Marcha para Jesus”, que segundo algumas opiniões ajudava a promover a intolerância religiosa no Brasil. Na caminhada os pagãos trabalham junto com umbandistas, candomblecistas, espíritas e outras religiões na defesa dessas bandeiras de tolerância e laicidade, visivelmente estratégias de enfrentamento ao Cristianismo hegemônico.

Talvez se possa dizer, sem cometer excessos, que há no discurso neopagão uma espécie de genealogia da intolerância, onde na gênese de todas as formas de intolerância de nossa sociedade estivesse o Cristianismo. Intolerâncias estas que se estenderiam até o extermínio das populações indígenas e a guerra no Oriente Médio. Na época da questão da chamada “Aldeia Maracanã”, em 2013, onde o Governo do Estado do Rio de Janeiro exigiu desocupação à força, houve uma intensa participação de alguns indivíduos que entrevistei nesta pesquisa, em prol dos índios. Reação mais emocional ainda aconteceu na época da questão dos índios Guarani-Kaiowá, com inúmeros pagãos adotando o nome da tribo ao lado

de seu próprio nome na rede social Facebook como forma de expressar que “todos nós somos Guarani-Kaiowá”, conforme dissera um bruxo na internet, como forma de dizer que o enfrentamento das forças hegemônicas e a construção de uma sociedade que verdadeiramente respeita o diálogo era o que estava por trás da questão indígena e, por isso, era algo que cabia a todo pagão.

Penso que talvez tudo isto possa estar ligado à ideia de construir uma sociedade com relações humanas baseadas no diálogo e não na força que seria oriunda do discurso feminista, muito importante na constituição da visão de mundo da Wicca, de longe a tradição pagã com maior número de praticantes no Brasil. Um discurso não só presente no feminismo, mas também em outros movimentos de afirmação de minorias; um discurso representativo da busca por afirmação e inserção política desses atores.

É interessante como mesmo um tema aparentemente tão distante da realidade dessas pessoas, como a invasão do Iraque realizada pelo Governo Bush alguns anos atrás, é visto como a ação de um governo cujo discurso arrebanhador de eleitores é fundamentalmente um discurso de moral cristã. Apesar de todas as questões econômicas e de política internacional que algumas dessas pessoas não deixaram de levar em consideração, salta aos olhos como todas consideraram que a postura intolerante não só do governo americano, mas, na visão dos mesmos, também do povo americano, é uma postura que tem raízes profundas, na própria constituição religiosa cristã daquele povo.

O fato é que, considerando essas pessoas, uma questão como esta do Iraque apenas parece distante, mas não é. A noção de mundo, do que diz respeito ao indivíduo, é bem maior do que o círculo imediato de relacionamentos. Há uma crença pessoal muito forte na capacidade de agência individual no mundo e por isso, as questões globais são de interesse do indivíduo. Sua religião busca apresentar-se como um projeto crítico.

No entanto, aqui cabe uma consideração. Se para a Wicca Xamânica do Chuva Vernal, por exemplo, o Cristianismo é a gênese de mil intolerâncias e portanto, criticá-lo e buscar uma outra visão de mundo seria construir um mundo mais plural, situação diametralmente oposta pude observar no grupo de “Paganismo Nórdico” da cidade de Arraial do Cabo, com o qual realizei entrevista em janeiro de 2014. Às vezes em que o praticante M. E. se referia ao Cristianismo havia em sua fala um descontentamento evidente, mas nem tanto por toda intolerância que este teria promovido ao longo da história e mesmo na atualidade, conforme outros grupos pareciam defender. Havia outro descontentamento que parecia mais premente. Sua insatisfação vinha do tipo de sensibilidade cultivado pelo Cristianismo, notadamente 3 questões: a culpa e o pecado, a valorização da pobreza e da humildade, a

ideologia pacifista. Para este praticante, estes valores são ruins para a humanidade porque despotencializaria o ser humano. É um discurso muito próximo da “Genealogia da Moral”, de Nietzsche, mas quando lhe perguntei se conhecia o referido autor, o praticante me falou nunca ter lido. A ideologia pacifista é no ver deste praticante uma forma de hipocrisia. Ao que pude perceber em suas falas, o Cristianismo não defende a paz, mas sim a passividade e este tipo de postura gera uma sociedade de pessoas conformistas e alienadas.

Este jovem asatru com o qual conversei se declara “de direita”, descendente de alemães e se diz simpatizante da ditadura e de governos militarizados porque, segundo ele, promove uma sociedade mais organizada, com referenciais menos ambíguos. Embora leitor de obras sobre o nazismo, colecionador de vídeos sobre o assunto e estudante tão apaixonado pela temática a ponto de tirar uma foto com o “Minha Luta” e postar no Facebook, quando perguntei a M.E. se ele tinha alguma ideologia neonazista, ele negou, mas acredita que o modo como o Ocidente entende o nazismo é indissociável do fato de que “a história é contada pelos vencedores”. Ele chegou mesmo a dizer que Auschwitz seria um dos lugares do mundo dos quais ele mais sonha em ir porque seria um lugar de onde ele sabe que nunca mais voltaria o mesmo. Uma sensibilidade muito semelhante pude encontrar em E.K., outro praticante do Asatru no Rio de Janeiro e que, tal como M.E., também afirma ser descendente de alemães. E.K. sustenta uma opinião idêntica a de M.E. acerca do nazismo. Outro praticante do paganismo nórdico, D.T. diz abertamente ser fascista, machista, “odiar gays”, achar que nordestino é parasita na Região Sudeste e que o Bolsa Família, o PT e todos os seus projetos assistencialistas “deveriam ser extirpados da face da Terra e que se a pessoa quer ganhar dinheiro então que estude e trabalhe porque o mundo é dos mais capazes”. Em uma vivência pagã promovida por uma entidade empenhada na difusão do neopaganismo, esse mesmo praticante se recusou a dormir no mesmo quarto que um praticante druida gay dormia, preferindo dormir na rede na varanda.

Por que trouxe todos esses dados para esta discussão? Porque aqui evidencia-se um aspecto interessante quanto à relação do neopaganismo com o Cristianismo: um grupo o critica por ser intolerante, outro o critica por ser tolerante demais e ambos os grupos são pagãos, ou seja, se dizem fazer parte do mesmo todo, embora assumam que são demasiado diferentes. Esses mesmos grupos participam do mesmo evento de afirmação do neopaganismo, o “Dia do Orgulho Pagão” e, apesar de suas diferenças, se relacionam muito bem durante o evento, dialogam sobre suas crenças, seus gostos e suas angústias com o mundo. O Dia do Orgulho Pagão é o melhor momento para observar como esse “termo guarda-chuva” (HIGGINBOTTAMS, 2003, p. 8) chamado neopaganismo ganha consistência.

O que faz com que gente tão diferente se sinta parte da mesma coisa? O que os aproxima, apesar de suas incontáveis diferenças?

Quando no evento supracitado perguntei a praticantes de diversas vertentes o que havia de semelhante entre eles e as outras vertentes, a resposta quase sempre girava em torno de frases como: “acreditamos em todos os deuses e mesmo assim nos respeitamos” e “o que nos une é o culto aos deuses antigos”. Ambas essas afirmações contêm alguns não-ditos muito relevantes. Ao afirmar “mesmo assim nos respeitamos”, estas pessoas parecem se referir ao fato de que no mundo em que vivem suas vidas cotidianas, respeitar o diferente é uma tarefa árdua e conseguir realizá-la é um grande exemplo de conquista moral que os tornaria mais respeitáveis. Mas quem seriam estes “outros” que não realizam este ideal? Mais representativo é a segunda frase que faz menção aos chamados “deuses antigos”. Quem seriam estes? A resposta é que são chamados de antigos todos aqueles que cujo culto foi suprimido pela expansão das religiões monoteístas. O monoteísmo é visto aqui como um tipo de dominação imperialista, completamente avesso à pluralidade e cujo principal objetivo é a disciplinarização dos corpos e mentes em torno de instituições totalitárias. Para estes indivíduos, no monoteísmo não há espaço para ser indivíduo, os valores seriam outros, demasiado antagônicos aos seus. Para evitar delongar-me mais nesta discussão, citarei abaixo um trecho do livro de Gerald Gardner, que, como disse no início, é visto por uns como o fundador da Wicca, por outros como codificador e por outros como um divulgador. A despeito dessa questão que não é importante aqui, neste trecho de “O Significado da Bruxaria” (2004), livro escrito já no final de sua vida, Gardner, fala de sua religião em relação ao que chamou “As Grandes Religiões”:

As grandes religiões, o Cristianismo em suas diferentes formas, o Maometanismo, e em grande parte o Budismo e o Comunismo *in excelsis* (pois o Comunismo é uma religião, como aquela dos primeiros hebreus: ‘Lute ferozmente para conseguir pilhar as maiores quantias para a tribo, sacrifique suas vidas aos milhares, assim o Templo será rico e os sobreviventes terão parte nas riquezas’); todas são religiões projetadas para controlar as massas de forma que elas trabalharão duro para que as classes governantes possam criar uma sociedade abastada e poderosa.

Este controle pode ser chamado de reis, sacerdotes, nazistas ou comissários comunistas, não faz diferença; eles são todos o mesmo, embora alguns sejam mais cruéis que outros. Qualquer que seja a forma que se rotulem as políticas, elas são essencialmente idênticas, e estão vinculadas ao eterno ‘policimento moral’ de seus súditos; e é necessário entender que qualquer força que de alguma forma obstrua ou interfira neste constante ‘policimento moral’ sofrerá imediata oposição dos Poderes de Ser dessas ‘religiões’. Pois em nenhuma delas será permitido que se tenha os próprios pensamentos secretos e os doces sonhos com a Mãe de Todos e com a Eterna Mãe que é gentil, carinhosa, afável e generosa. A beleza e a doçura são um terror para todas estas tiranias organizadas; portanto elas devem ser rebaixadas e escondidas ao máximo.

Os comunistas e os nazistas, sendo totalmente cruéis, não apenas proibiram a liberdade de expressão e ação, mas também os cosméticos e roupas bonitas. Outras religiões menos poderosas tentam evitar roupas bonitas. Quanta monstruosidade as

mulheres foram persuadidas a vestir, em nome da ‘modéstia’! As religiões na realidade ‘conduzem’ os desfiles de modas em Paris e em outros lugares, a fim de forçar as mulheres a usarem enormes e volumosas saias que escondem as pernas, e todos os tipos de acessórios são colocados para evitar que o corpo fique à mostra. As curvas devem ser cobertas ou aplainadas, e as garotas devem se esforçar ao máximo para parecerem garotas. ‘Viva a homossexualidade!’ é o grito. Contanto que possamos manter as mentes dos homens afastadas de qualquer coisa doce e amável! Nossos rapazes e nossas meninas devem estar protegidos do que quer que os faça produzir ‘pensamentos’. Assim, a arte deve consistir em rabiscos de crianças com significado obsceno. Na realidade, as pessoas acham melhor uma obscenidade reprimida, do que serem naturais e abençoados com a bênção de Pan. Portanto seu senso de beleza, sexo e natureza devem ser sistematicamente destruídos e eles devem ser ensinados que o ‘Matrimônio foi estabelecido apenas para a procriação’, reduzindo o amor humano ao nível da criação de gado.

Pois se eles considerarem a beleza, nunca serão grandes Comissários. Eles nunca estarão prontos para trair sua pátria às ordens do ‘Partido’. E, acima de tudo, eles nunca terão um emprego desalmado, ou a vocação de um fomentador de greves, ou um carrasco nazista, ou um dos ‘Caçadores de Deus’ Dominicanos que lideraram a Inquisição. Eles nunca teriam ajudado Savonarola a destruir todas as coisas adoráveis. Eles nunca seriam puritanos, tais como aqueles que fizeram da Inglaterra um enorme deserto e de cujos abusos ainda sofremos.

Sejam eles Comissários Vermelhos da Europa ou agentes ‘MacCarthyite’ na América; chefes da Gestapo no século XX ou padres caçadores de bruxas na Idade Média; espiritualmente eles pertencem à mesma família. O mesmo veneno negro os corrói; ânsia de poder, brotando dos medos e repressões das profundezas da mente inconsciente. (GARDNER, 2004, 129-130)

Isto nos coloca a questão acerca de o que essas pessoas representam quando mencionam o Cristianismo? Seja para Gardner, seja para os praticantes do Rio de Janeiro com os quais tomei contato, o que pude perceber, à luz dos dados é que o Cristianismo é a representação da tradição; ele é a sociedade que exclui, que demoniza os prazeres e da qual se pretende implodir de alguma maneira para construir algo novo. Wiccanos e “pagãos nórdicos” definitivamente não são muito parecidos em seus pressupostos morais e visão de mundo, sequer em seu modo de organização. A Wicca é visivelmente feminista – “matrifocal”, nas palavras do Chuva Vernal – ao passo que, embora eu não tenha me aproximado suficientemente dos rituais dos asatrus e odinistas para saber que tipo de direcionamento de gênero existe em sua religião, foi-me perceptível que seus praticantes cultivavam valores bem conservadores. A Wicca, embora advogue para si o papel de primeira religião do homem, dado o caráter natural e supracultural que atribuem à magia e à bruxaria, é uma religião que parece se afinar mais com ideologias da sociedade moderna, ao passo que o Asatru parece estar voltado para uma tentativa de reconstrução de um mundo ideal deixado no passado, numa espécie de idade mítica viking, onde as pessoas pertenciam a clãs que os definiam no mundo e onde se comia churrasco, bebia cerveja e hidromel, se faziam rituais para Odin, Thor e Freya, se encontravam elfos nos bosques e os homens podiam ser violentos na guerra sem que nenhuma ideologia pacifista os imputasse sentimento de culpa ou nenhum projeto civilizador tecnocrático os identificassem com bárbaros irracionais. A idade média idealizada

da qual falam os “nórdicos” é essencialmente um lugar onde as coisas eram mais espontâneas e não havia ambiguidade em nenhum tipo de referencial de mundo. Embora afeitos ao individualismo como qualquer pagão, sua grande questão parece ser a fragilidade dos laços familiares e sociais nos dias de hoje; eles criticam a sociedade a partir de seu individualismo, mas sua visão de paraíso é uma sociedade onde o pertencimento está posto e não é relativizável. Eles querem raízes bem definidas e das quais possam se orgulhar e se sentirem perpetuadores. Ao que pude perceber, para os “pagãos nórdicos” com os quais conversei, sem o Cristianismo o forte teria licença para exercer sua força e não seria imputado de culpa pela miséria alheia. Seguindo a esteira da argumentação weberiana presente na sessão “Classe, Estamentos e Religião”, em “Economia e Sociedade” (2010), estes modos de pensar dos pagãos nórdicos são bem consonantes com uma classe média, pequeno burguesa que em outras épocas usava o consumo como sinal de distinção e agora precisa lidar com um contexto de maior democratização do consumo que permite às classes mais baixas ter acesso a seus sinais de distinção. E tudo isso ainda por intermédio de programas de um governo que achata suas rendas e lhes sobrecarrega de impostos. Essas pessoas não sentem o presente como uma época de ascensão dos pobres, mas sim de declínio na direção das classes que outrora viram com desprezo.

A Wicca aceita os homossexuais e, dependendo da vertente, até busca empoderá-los, qual sempre fez com as mulheres. A Wicca também sustenta um certo caráter hedonista, com um preceito que diz que “Todas as formas de prazeres são as bênçãos da Deusa”. Por outro lado, o Paganismo Nórdico parece buscar uma moral austera e, muitas vezes, implacável, até mesmo com a elaboração de um código moral explícito: “As 9 Virtudes”. Nesta moral não há lugar para piedade com o que é considerado “o mais fraco” e também não há perdão para a transgressão dos valores. E apesar de não haver nenhuma menção homofóbica e declaradamente machista nas “9 virtudes”, todos os praticantes do paganismo nórdico com os quais conversei me pareceram muito pouco à vontade com essas questões. Em suma, essas duas vertentes neopagãs – a Wicca e o Asatru – possuem percepções, pressupostos e valores que muitas vezes estão muito distantes uns dos outros. Mesmo assim, dizem-se parte do mesmo conjunto de novas religiões a que chamam “paganismo”.

O que se torna evidente aqui é que o anticristianismo é antes de mais nada o elemento aglutinador. Se, conforme dizem alguns pagãos, não haveria igreja neopentecostal sem a crença da ação malévola de Satanás, o que se percebe é que também não haveria neopaganismo não fosse a crítica ao Cristianismo. É a oposição ao que o Cristianismo representa, a saber, a sociedade tradicional, que faz com que odinistas e wiccanos sintam-se,

pelo menos em algum momento, parte da mesma coisa. Por si só, este termo na prática não representa nenhuma prática religiosa em si, mas sim um conjunto de religiões novas, todas politeístas, com forte valorização da magia e, a maior parte delas, cultuando divindades antigas, anteriores à expansão judaico-cristã. É um dado muito relevante observar como a nenhuma divindade pré-cristã é vedada adoração nas diversas vertentes neopagãs. Mesmo divindades com mitos de certo caráter tenebroso e sombrio como Morrighan, do panteão celta, Hécate, do panteão grego e Kali, do panteão hindu são adoradas, aliás, devo dizer que estão até entre as mais mencionadas. O que a religião prega é que todos os deuses existem, desde que para eles existam adoradores e que nenhuma adoração deve ser estigmatizada ou mal vista, dado que cada culto pessoal representa uma individualidade.

Mas e se uma pessoa decidir adorar o deus cristão? Fiz esta pergunta a uma liderança pagã certa vez, mas suas respostas foram evasivas, provavelmente eu havia tocado num ponto mal definido da religião. Observando, porém, os diversos discursos desses praticantes foi possível perceber que não há incoerência alguma nesta postura. Todas as divindades são bem vindas porque todas representam individualidades, ao passo que o deus cristão representa a tradição padronizadora e uniformizadora.

Isto nos leva ao conceito de identidade de projeto, tal como elaborado por Manuel Castells, onde “os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social” (2010, p. 24). Penso, ao observar este comportamento com relação ao Cristianismo, que esse antagonismo para com o mesmo é um modo de conchamar os interesses de vários atores sociais descontentes com a sociedade em que se encontram e através da eleição de um inimigo comum, aglutinarem forças para derrubar a tradição que os exclui ou frustra seu projeto de mundo. Isto é realizado através do que Weber (2010) chamaria um “grupo de status”. Em outras palavras, o neopaganismo é o aparato simbólico que estas pessoas encontraram para permitir uma reunião de forças contra um inimigo maior.

A despeito das diferenças ideológicas, quem são esses pagãos? São todos indivíduos de classe média, com considerável nível de instrução, com grandes possibilidades materiais através do estudo e do trabalho, mas que esbarram numa sociedade onde ainda há muitas relações clientelistas, diversas formas de enriquecimento ilícito principalmente através da política, da transgressão das leis e do controle do Estado; um lugar onde ainda impera uma política predominantemente fisiologista e que lhes nega a participação política de fato que, a seu ver se dá pelas ideologias, o debate de ideias e os movimentos sociais e não pela troca de

favores. Se por um lado, o grupo asatru e o grupo wiccano têm ideologias tão distantes sobre política e sociedade, é fato que ambos concordam que a política deveria ser construída em cima de ideias e não de fisiologismo. Isto parece se aproximar bastante do conceito de projeto que Gilberto Velho lançou mão para analisar o que ele denominou uma “cultura de classe média” e que diria respeito à “dimensão consciente da ação em que o sujeito se organiza para a realização de objetivos definidos” (1997, p. 110). Com este conceito Velho se referia a um escopo de ações muito amplo que considerava principalmente os objetivos pessoais dos indivíduos – “morar em Copacabana, viajar à Europa, organizar um partido, ficar rico, fundar uma igreja” – mas ele não ignorava o fato de que “o sujeito da ação pode ser um indivíduo, um grupo ou uma categoria social”. No caso aqui em análise, o conceito serve para analisar um grupo. Como eu afirmei acima, há nesses grupos um modo de pensar a política como algo que deva ser movido por ideias e não por interesses fisiologistas. É uma preocupação com o social a fim de que o indivíduo possa estar em um mundo melhor. É talvez uma consciência do papel limitado do indivíduo para cuidar de si frente as forças sociais que o compelem. Sendo assim, modificar o social e resolver questões individuais são ações que se confundem. Não foram poucas as vezes que vi algumas dessas pessoas se lamentarem de mazelas de suas vidas porque “vivemos em uma cultura que é...”

Há em todos esses grupos um forte senso de comprometimento com a coisa pública num sentido lato: não os órgãos do Estado, mas sim a ideia de um governo onde seus direitos de cidadão sejam respeitados pelo mérito de ser um cidadão e não por estar aliado de pessoas influentes. Sem dúvida há nisso individualidades muito dilatadas, mas também um forte sentido de dever cidadão. De maneiras distintas, com ideologias muitas vezes antagônicas, o grande inimigo dessas pessoas é o passado. E é aí que se localiza o anticristianismo: o Cristianismo é a representação da sociedade tradicional.

O que há de coerente em todas as “tradições” neopagãs, aquilo em que se pode perceber que todas concordam, reside exatamente nesses pontos: o politeísmo é antes de ser uma crença de que todas as divindades existem por si, uma crença de que todas as individualidades são igualmente capazes de se relacionar com o divino, de encontrar o sagrado a sua própria maneira sem precisar de mediação institucional; o imanentismo busca uma religiosidade desse mundo e, da maneira do neopaganismo, não há contradição alguma no fato de este mundo ser descrito pela ciência, visto que esta é a capacidade do homem de conhecer. A religião teria a função de dar outra valoração estética ao que se conhece pela ciência.

5.2 A Ecologia

No entanto, é na ecologia que, a meu ver, encontra-se o segundo ponto fundamental desse projeto de mundo. De todos os valores morais cultivados pelas mais variadas vertentes pagãs, há sem dúvida da parte de todas elas, um apego muito grande a esta bandeira que, na maior parte das vezes é uma bandeira não apenas política, mas também social, econômica e também a base fundamental de um código moral. Se o politeísmo pode ser preterido ao duoteísmo, como no Chuva Vernal; a luta pela pluralidade em prol de um fortalecimento da identidade de grupo, no Asatru; as lutas de gênero por uma invenção de tradição, no druidismo; por que a única bandeira que é demasiado erguida é a ecologia, sem sofrer contraponto em momento algum ou ser posta num segundo plano, como ocorre com as que mencionei acima?

Aqui quero lançar mão de alguns conceitos da sociologia de Durkheim que me parecem muito eficazes para compreender o que acontece aqui. Quando pensava a sociedade, Durkheim (2010) estava especialmente preocupado com a questão da solidariedade. Por esta, entende-se o que força os indivíduos a agirem em sociedade, o cimento que liga os indivíduos como parte de um mesmo todo do qual se sintam parte. Porque para Durkheim, a sociedade não era um somatório de unidades completas, mas uma realidade *sui generis* composta pela unidade de todos os indivíduos que a constituem.

Durkheim identificou 2 tipos de solidariedade: a mecânica e a orgânica. Na solidariedade mecânica, cada indivíduo é capaz de realizar todas as funções e a sociedade permanece unida pela força de ideias comuns que se impõe aos indivíduos de modo absoluto, incontestável e bastante específico. A sociedade depende dessas ideias então é preciso que elas estejam bem claras, bem esmiuçadas, com um mínimo possível de margem de negociação entre o interesse individual e a força do coletivo. Já na solidariedade orgânica, há um nível muito desenvolvido de especialização do trabalho, o que impossibilitaria aos indivíduos ter conhecimento de todas as funções necessárias ao funcionamento da sociedade. Assim sendo, cada indivíduo necessariamente tem que se especializar e ser responsável por apenas uma etapa de tudo aquilo que a sociedade realiza. Com tamanha especialização, um indivíduo não é mais responsável pela realização de todas as atividades necessárias para a manutenção de sua vida, ele precisa do trabalho que é realizado por todos os outros indivíduos, igualmente especializados. E assim, ao passo que a sociedade precisa do trabalho especializado do indivíduo, este não pode prescindir da sociedade para sua sobrevivência no mundo. Na

solidariedade mecânica, incentiva-se a uniformização dos indivíduos, ao passo que na solidariedade orgânica, a diferenciação.

Este conceito de solidariedade, contudo, não é aplicável somente a sociedade como um todo e seria um equívoco pensar que a solidariedade mecânica era típica de sociedades pré-capitalistas ao passo que a orgânica se aplica ao mundo moderno. Isto é verdadeiro, mas apenas em parte. Mesmo no mundo moderno há realidades onde impera a solidariedade mecânica, convivendo com instâncias maiores, de solidariedade orgânica. Esse conceito de solidariedade não se aplica apenas à sociedade como um todo, mas também às diversas áreas da atividade humana. Na baixa idade média, um sábio daria conta de áreas tão distantes como teologia, astronomia e medicina, tal como um homem de uma sociedade de solidariedade orgânica poderia ser caçador, coletor, pescador, artesão e artista. Com o avanço das descobertas científicas e o acúmulo de conhecimento, hoje isto se tornou impraticável, de modo que existe o teólogo, o astrônomo e o médico. E mesmo que uma pessoa possa ter várias especializações, mesmo assim não dominará a totalidade como fazia o sábio medieval que lidava com um acúmulo de conhecimento bem mais modesto. E esta tendência segue na história do conhecimento, especializando cada vez mais.

Mas como é gerada a solidariedade? Segundo Durkheim, isto ocorre através dos chamados “rituais sociais”. Este conceito não se restringe apenas ao sentido estrito da palavra ritual, embora estes, no estudo das religiões sejam de grande importância. Um ritual social é um momento de grande densidade emocional realizado por vários indivíduos agindo junto com a atenção focada em um mesmo símbolo. Este pode ser um ritual, propriamente dito, pode ser um culto a uma divindade, mas também pode ser o culto à nação no nacionalismo ou o apego à bandeira dos times de futebol, no caso das torcidas organizadas. Esse momento em que várias pessoas estão focadas num mesmo símbolo e compartilham de uma experiência emocional em comum decorrente do impacto psicológico deste símbolo seria o momento em que são geradas e alimentadas as “ideias sociais”. O apego emocional a essas ideias é que faz com que o grupo continue existindo mesmo quando os indivíduos não estão próximos fisicamente uns dos outros. Seria por isto que um naufrago solitário numa ilha, ao mesmo tempo que é um indivíduo, traz em si toda a sociedade a que pertence. Essas ideias, contudo, não são auto suficientes, não se mantêm por si próprias, elas precisam ser alimentadas nos indivíduos, do contrário, corre-se o risco de as contingências individuais fazerem-nas perder força e até desaparecer. Quem as alimenta são os rituais sociais. É a periodicidade e a intensidade desses rituais que mantêm as ideias sociais vivas.

É o compartilhar desse corpo de ideias que faz com que os indivíduos se identifiquem como parte da mesma coisa. As sociedades de solidariedade mecânica são completamente dependentes desse mecanismo. Algo diferente, contudo, ocorre nas sociedades onde é predominante a solidariedade orgânica. Como a uniformidade estrita de ideias já não é o elemento fundamental para gerar a solidariedade, que agora é gerada pelo mundo do trabalho, há um amplo espaço para a diversidade e isto permite a convivência numa mesma sociedade, de indivíduos com ideias tão diferenciadas, muitas delas até antagônicas.

No entanto, conforme ressalta Anthony Giddens (2003), acerca de Durkheim, mesmo nas sociedades onde impera a solidariedade orgânica, faz-se necessário haver alguma forma de unidade moral, condição sem a qual a sociedade não passaria de um somatório de indivíduos, conforme o pressuposto dos utilitaristas que Durkheim criticava. Tal unidade moral se daria através do individualismo. Segundo Giddens:

A diferenciação da divisão do trabalho está inevitavelmente na origem do declínio da universalidade da consciência coletiva na sociedade. O desenvolvimento do individualismo é uma consequência inevitável da divisão do trabalho: e o individualismo só se pode acentuar na medida em que as crenças e sentimentos coletivos percam parte de sua força. (GIDDENS, 2003, p. 126)

E mais a frente, no mesmo texto, o autor reforça esta posição de Durkheim acerca do individualismo, porém fazendo a ressalva de que o caráter de unidade moral oferecido pelo culto ao indivíduo é demasiado limitado e por tal, deixa lacunas:

(...) O ‘culto ao indivíduo’ é o equivalente moral do progresso da divisão do trabalho; porém, difere consideravelmente, no conteúdo das formas tradicionais de comunidade moral, e não pode constituir a base única em que assenta a solidariedade das sociedades contemporâneas. É sem dúvida uma fé comum; mas, em primeiro lugar, só é possível devido à extinção de todas as outras, e conseqüentemente não pode produzir o mesmo efeito que essa multidão de crenças extintas. Nada as pode compensar. Além disso, embora seja comum na medida em que nela comunga toda a comunidade, é individual no seu objeto. (pp. 126-127)

Quero partir deste ponto. Este raciocínio de Durkheim sobre a unidade moral da sociedade me pareceu demasiado atual e apropriado ao objeto dessa pesquisa. Por dois motivos principais dos quais discorrerei a seguir.

Primeiramente, o individualismo se torna o elemento moral fundamental das sociedades de solidariedade orgânica através da relativização de todas as outras crenças. A crença na capacidade do indivíduo de por si só apreender a realidade é o que sobra em um mundo onde a crença nas instituições e na tradição já não são tão fortes. Isto parece muito semelhante ao que ocorre no neopaganismo. Os pagãos têm trajetórias de vida que marcam a passagem por várias religiões e sistemas de crenças. Alguns aproximam-se da figura do “crente passeador” mencionado por Hervieu-Léger (2008), mas não são poucos os que se

aproximam da figura do “convertido” – tipo ideal criado pela autora para falar do indivíduo que uma vez que conhece determinada religião mergulha num regime de vivência intensa e exclusiva. É marcante na religiosidade de todos a existência de um leque de práticas e crenças específicas do indivíduo e não do grupo. Só no Chuva Vernal, por exemplo, há um especialista em reiki, uma taróloga, uma astróloga, dois “xamãs urbanos”, uma mulher que acredita alcançar o divino através da poesia, dentre outras peculiaridades que são exclusivas de cada um. Não conheci sequer um bruxo que não tivesse várias práticas esotéricas para além da vivência dos dogmas wiccanos. Qual nas realidades onde impera a solidariedade orgânica, as regras tendem a não serem específicas e tendem a buscar a generalidade de modo a dar condições para que os indivíduos existam em grupo apesar de sua diversidade. Isto explicaria o porquê de num contexto de tanta diversidade de crenças como são as sociedades ocidentais modernas, notadamente no âmbito do que Champion (1993) denominou “nebulosa místico-esotérica”, o individualismo ser não apenas um valor fundamental, mas também o ponto de partida e espinha dorsal das trajetórias religiosas dos bruxos. Mas, conforme ressaltou Durkheim, o individualismo por si só não possui a mesma força moral da “multidão de crenças extintas”. Isto nos conduz ao segundo ponto em que a teoria durkheimiana nos é relevante nesta pesquisa.

Se por um lado o neopaganismo critica a sociedade tradicional e trabalha na direção de sepultar toda crença que seja imposta ao indivíduo ao invés de escolhida pelo mesmo, por outro lado, ele buscou um sistema de apropriação da realidade e interação do homem com o mundo que não dependesse de nenhuma tradição para se valer, mas sim de um discurso científico que, como tal, em tese possa ser alcançado por todos bastando que o indivíduo oriente cientificamente sua reflexão. Tal sistema é a ecologia. Afirmo, sem reservas, e à luz da observação de campo e dos dados recolhidos num questionário sobre “valores morais” e “questões atuais importantes para você”, dado a uma amostragem de 50 indivíduos das mais diversas tradições, que a ecologia é o ponto do qual todos concordam. E esta unanimidade acontece porque a preocupação com ecologia se tornou para essas pessoas um valor moral, que não precisa de nenhuma espécie de ameaça sobrenatural para ser mantido, mas sim apenas de uma leitura crítica do que acontece no mundo e de um conhecimento científico mínimo. Coloquei-me, porém, a objeção de que este apreço pela ecologia poderia, contudo, ser um valor de classe, sendo anterior à religião e ultrapassando a alçada da mesma. A fim de testar a hipótese e a objeção, realizei a mesma entrevista com dois grupos que nada tinham a ver com neopaganismo, mas tinham um nível de instrução semelhante e condições econômicas de mesmo nível. Propositamente escolhi um grupo cuja

unidade se dava através de pressupostos de origem religiosa e outro cuja unidade se dava em torno de outros aspectos. O primeiro era um grupo de ateus de um grupo de discussão sobre o ateísmo na internet. Para eles, a principal questão era a “ignorância das massas”. O outro grupo, de 15 jogadores de jogos de estratégia num bairro de classe média baixa no Rio de Janeiro se concentrou em afirmações vagas como “a corrupção, a maldade e a sede de poder”.

Acredito ser bastante provável que as respostas dessas pessoas a este questionário são bastante dependentes da presença material – ou mesmo psicológica – do que eles acreditam ser o grupo a que pertencem. E se estas perguntas são colocadas diante do grupo, me parece bastante claro que as respostas de cada indivíduo é dada pensando em representar uma resposta do grupo. No entanto, considerado com cautela este detalhe, há que se considerar que os 3 grupos comparados: os pagãos, os ateus e os jogadores eram compostos por pessoas da mesma composição etária, econômica e de nível de instrução. E apesar disso, as respostas foram diferentes. A noção de projeto a que Velho se referiu permeava as falas dos 3 grupos, mas as preocupações centrais eram diferentes. E para os pagãos, tal valor que se constituía em espinha dorsal era a ecologia. Tornou-se evidente que, se por um lado não foi a religião que lhes apresentou esta preocupação, pelo menos é através dela que esta se mantém viva em suas mentes.

Além disso, ao se analisar o discurso religioso desses bruxos sobre a ecologia, é possível se perceber como esta questão oferece elementos que historicamente são fortes catalisadores de disposições religiosas, como por exemplo:

- O medo de uma catástrofe iminente que ocorreria pelo que aqui é visto como uma incapacidade moral do ser humano: a ausência de responsabilidade com o coletivo em prol de uma mentalidade exploratória que só considera os interesses individuais;
- O oferecimento de parâmetros para se evitar excessos e buscar uma existência pautada pelo equilíbrio: a ideia de preservação do meio ambiente se liga com uma nova forma de cuidado de si (SCHWADE, 2010), visto que não existindo mais uma fronteira entre o homem e a natureza, mas sim a segunda como um conjunto da qual o primeiro não é distinto, evitar o que seria uma exploração predatória do próprio corpo é a parte da sensibilidade conservacionista para com o meio ambiente. Mesmo para os grupos que mencionam a importância do uso de substâncias

psicoativas em suas práticas, afirmam fazê-lo para fins de “ampliar a percepção”³³, nunca chamando de drogas, mas sim de “plantas professoras”. Além disso, drogas como maconha, cocaína e outras amplamente criminalizadas são vedadas nos grupos com que tomei contato porque trazem consigo uma “aura muito negativa”, decorrente de todos os problemas sociais com os quais estão relacionadas. As substâncias preferidas por esses grupos seriam: ayahuasca, sálviadivinorum e o Chá do Santo Daime.

- Um projeto de mundo ideal, que seria a recuperação de todas as áreas degradadas e o desenvolvimento de um modo sustentável de vida. Tal projeto funciona como elemento de transformação do mundo, um aspecto que toda religião de certo modo sempre oferece. Além disso, tal projeto oferece a esperança, um aspecto que sempre esteve de certo modo também ligado à religião (LEHMANN, 2001).

- Uma orientação filosófica e moral amplamente aceita em outros círculos fora da religião e mesmo na sociedade em geral. Tal como o “fazer o bem” do Cristianismo, o “cuidar do planeta” do pagão é um modo de conversar com a sociedade.

Esses são alguns motivos que percebi explicarem o apego à ecologia e a inviolabilidade deste fundamento ideológico no neopaganismo, apesar da ampla diversidade – e mesmo antagonismos – de crenças em seu interior. Retornando ao pensamento de Durkheim sobre o papel do individualismo como unidade moral nas sociedades com elevada diversificação do trabalho, podemos dizer que a ecologia supre o vazio deixado pela “multidão de crenças extintas”, tornando-se o fundamento moral maior da religião, invulnerável à boa parte das críticas visto que tem sua origem numa ciência. Estar relacionado a uma ciência é algo que reforça sua validade como sistema de referência porque, apesar de a ciência não ser de domínio do público geral, é fato que a grande quantidade de produtos e realizações que ela produziu nos últimos 600 anos deram a ela um estatuto de referencial legítimo incomparável a qualquer outro na atualidade.

Como estudo qualitativo e exploratório, a análise dos dados tem como objetivo levar a hipóteses explicativas apenas e não necessariamente verificar essas hipóteses. Levanto a seguir duas hipóteses. A ecologia ainda oferece um outro elemento que conduz à primeira hipótese desta pesquisa: a lógica da distinção.

³³ Há inclusive, o uso de toda uma literatura para justificar o uso dessas substâncias para estes fins, dos quais pude perceber que os 2 nomes mais relevantes foram Carlos Castaneda e Aldus Huxley.

6. MODA OU IDENTIDADE DE PROJETO

6.2 Neopaganismo como uma “moda” religiosa

Se a ecologia é uma ideologia cujos benefícios são apreensíveis por uma ampla gama de sujeitos, não compreender sua importância acaba sendo representativo de um indivíduo de pouca instrução ou sem nenhuma espécie de responsabilidade para com a coletividade. Não é raro ouvir mesmo de pessoas das condições sociais mais precárias que “o homem destrói a natureza porque é mau” ou que “a ignorância do homem destrói a natureza”. Ao contrário do que pensam muitos pagãos, que foram objeto de estudo dessa pesquisa, mesmo entre os cristãos, a ecologia é uma preocupação. Não são raras as vezes que se escuta um cristão dizer que “o homem destrói a natureza porque se afastou de Deus”. A preocupação com o meio-ambiente na atualidade vai ganhando estatuto de dever cívico.

Mas compreender a importância da ecologia é algo que demanda instrução e sensibilidade e a realização de seu ideal de mundo, denota responsabilidade com o bem comum. Por causa disso, penso que o apego à ecologia oferece também um sinal de distinção. E o neopaganismo está repleto de valores morais nascidos de discussões éticas centrais do mundo moderno. Não só a ecologia, mas também a busca pela sociedade laica, o respeito à pluralidade de crenças e a diversidade etnoracial e de gênero, a valorização da ciência e a aceitação de um hedonismo moderado.

Conhecer e dominar essas discussões, contudo, denota certo nível de instrução. Inúmeras vezes pude ver como os pagãos se orgulham de seu grau de instrução, o quanto deploram as atitudes políticas e sociais impensadas e irresponsáveis, fruto de desconhecimento dos problemas do mundo e o quanto o estudo é valorizado nunca apenas como modo de ascensão profissional, mas principalmente como forma de crescimento pessoal. Todos os pagãos que conheci gostavam de falar de seus pontos de vista como fundamentados em leituras, cujos títulos que faziam questão de citar nem sempre haviam lido de fato. A instrução como distinção, o neopaganismo como resultado da instrução.

Essa lógica da distinção foi estudada por Simmel (1957) em seu ensaio “Fashion”, onde considerou a moda como uma síntese entre os anseios antagônicos de distinção e pertencimento. Ela distingue da massa e ao mesmo tempo cria identificação com outros indivíduos que igualmente têm a necessidade de se sentir vanguarda.

Ao que pude perceber, no caso dos bruxos, esta necessidade não nasce apenas por uma questão de vaidade pessoal, mas também como fruto de uma insatisfação com determinado estado de coisas da modernidade.

No entanto, há um obstáculo a considerar o neopaganismo apenas por esta lógica. É que a grande maioria dos pagãos com os quais conversei e observei parece considerar seu nível de imersão na bruxaria como um elemento de distinção apenas dentro dos próprios círculos pagãos e nunca em relação à sociedade em que estão inseridos. Pelo contrário, quase sempre seu sentimento em relação ao mundo é o de uma profunda sensação de ser incompreendido, de ser estigmatizado e não se sentir aceito. A maioria tem uma ou outra história de como foi ridicularizado ou objeto de chacota por causa de sua religião.

Assim sendo, declino da hipótese de um neopaganismo que obedeça apenas a uma lógica de distinção, salvo no que diz respeito ao relacionamento dos bruxos com a sua própria comunidade. Neste caso, é bastante perceptível que quanto mais um praticante demonstra conhecimento nas áreas que interessam diretamente à religião – mitologia, filosofia, esoterismo, astrologia, história – mais ele é levado em consideração. E não somente em demonstrar que tem certo domínio desses conhecimentos, mas também em quanto mais aparecer publicamente para divulgar a religião através de eventos palestras, oficinas, imersões e livros. Também é eficiente em projetar um praticante na direção da construção de sua autoridade no meio pagão o fato de criar sínteses novas e promover entrecruzamentos inéditos. Embora esses pagãos de postura mais arrojada sejam criticados por muitos, as polêmicas e debates que geram em torno de si os projetam no meio pagão, ao mesmo tempo que gerando antipatias, também arrebanhando “aprendizes”. O caso mais emblemático é o da bruxa Eddie Van Feu, autora da Revista Wicca, uma publicação que apresenta a religião como um sincretismo pouco criterioso onde tudo é possível e que causa repúdio na maioria esmagadora dos bruxos, mas também é responsável por uma ampla divulgação da religião, principalmente entre adolescentes.

Percebi então que é deste modo que se constroem as lideranças, as “autoridades no assunto” do meio pagão. A capacidade de difusão da religião e o domínio de uma certa diversidade de conhecimentos projeta um indivíduo, que transborda sua vivência pessoal do paganismo para outros formando assim as chamadas “tradições” – as vertentes, cada vez mais ínfimas e plurais, do neopaganismo.

O conhecimento dessas tradições e a vivência no interior das mesmas funciona numa lógica muito próxima da moda, de Simmel. Existem verdadeiras “tradições da moda” e até “deuses que estão na moda”. Estas palavras foram ditas a mim por Trilhadovento quando

se referia às chamadas “deusas negras” – Hécate, Morrighan e Kali – que segundo ele, vez por outra vão para “a crista da onda” e aparece um monte de gente adorando uma delas. Segundo ele, “há uns anos atrás era Morrighan, pra todo lado tinha pagão adorando Morrighan, agora é Hécate. Em todo lugar tem alguém se dizendo adorador de Hécate. “Hécate está na moda” – ele usou exatamente estas palavras.

Sintomático. Afirmações como esta de Trilhadovento denotam uma religião que se expande através de tendências. Tal como a música ou a literatura, o neopaganismo tem seus “temas” consagrados, seus “clássicos”, mas se difunde em ondas que obedecem a tendências de momento. E também se mantêm dessa forma, visto que dessa forma oferece a seus praticantes um leque de possibilidades novas a serem exploradas.

A adoração às chamadas “deusas negras” é um tema muito apropriado para se perceber a lógica da moda no interior do neopaganismo. Quem seriam estas deusas? São divindades relacionadas a aspectos soturnos como a morte, a doença, pragas, guerra ou a magia³⁴. Ora, supõe-se que adorar este tipo de divindade geralmente chama atenção para si, cause curiosidade nos outros, coloque o indivíduo adorador em evidência. É inevitável não colocar a questão “Por que adorar uma divindade relacionada a aspectos aparentemente tão negativos?”

Analisando mais de perto a devoção desses praticantes pude observar dois pontos importantes: 1) Essas divindades são expressões de poderes impiedosos, mas que são vistos como afirmadores do indivíduo no meio; 2) Em todos os casos, os adoradores não viam os domínios dessas deusas como “negativos”, mas gostavam de se referir a eles como “mal-compreendidos”. A morte, o envelhecimento, a doença e a decrepitude são todos aspectos naturais da vida e, conquanto, fazem parte da natureza, que no neopaganismo é a divindade maior – Mãe Terra. Assim sendo, uma deusa da morte é também uma deusa da renovação, visto que na natureza um ser morre para alimentar outro, a vida sempre se reciclando. Uma divindade da guerra não é só uma deusa da luta encarniçada mas pode ser vista como uma deusa que afirma o seu adorador na constante batalha que é o cotidiano.

De qualquer modo, foi perceptível para mim que há um interesse em não adorar o óbvio. Buscar ser misterioso, profundo e até impactante parece ser um fluir natural de muitos pagãos. Não podemos esquecer aqui que estamos falando de uma religião fortemente individualista, onde a construção da identidade e a valorização da criatividade individual são elementos da sensibilidade dessas pessoas.

³⁴ Neste caso, a magia na sua forma mais crua, independente de qualquer limitação moral.

Mas essa projeção individual, essa distinção, este chamar atenção para si, acontece apenas em relação aos demais pagãos, ou seja, é interior à religião. Em relação ao mundo exterior pude perceber que há pagãos que inclusive não assumem publicamente sua religião a fim de evitarem serem “mal-compreendidos pela massa preconceituosa”. Posto isto, declino da hipótese da moda para compreender as motivações para o pertencimento a esta religião. Retomo agora a questão da identidade de projeto.

6.3 Hipótese 2: A Bruxaria como Identidade de Projeto

Manuel Castells (2010) estava interessado em pensar como os indivíduos constroem sua (s) identidade (s) no contexto moderno do que ele chamou de “sociedade em rede”. De acordo com ele, há 3 modos principais como os indivíduos se auto-definem neste contexto: a identidade legitimadora, a identidade de resistência e a identidade de projeto.

No primeiro tipo é onde melhor se faz eficiente o poder das instituições dominantes na atribuição do lugar dos indivíduos na ordem do mundo. Aqui a identidade é atribuída pelas instituições dominantes. No segundo tipo, os indivíduos são atores sociais marginalizados ou estigmatizados que constroem sua identidade baseada em princípios diferentes daqueles que norteiam as instituições dominantes da sociedade e muitas vezes até antagônicos. Geralmente constituem comunidades e empreendem um enfrentamento acirrado com as estruturas legitimadoras do status quo. Em alguns casos este enfrentamento pode se manifestar numa crítica tão expressiva à sociedade que, como afirma Castells, o indivíduo pode vir a ter “o orgulho de denegrir-se a si próprio, invertendo os termos do discurso opressivo” e o autor cita como exemplo a “cultura das bichas loucas” de alguns grupos do movimento gay. Isto está longe de se constituir numa falta de apreço por si. Ao contrário, aqui acontece de o indivíduo considerar mais importante algumas características pessoais que lhes são muito relevantes para sua definição no mundo do que a aceitação e conseqüente inserção na sociedade através das instituições dominantes. Esses indivíduos buscam então os seus semelhantes e constituem comunidades que enfrentam a sociedade.

Será que poderíamos dizer que esta é a lógica por trás da identidade de “bruxa”? Tradicionalmente representada como uma mulher velha, decrepita e malévola pelos contos de fada, ou como uma mulher lasciva, perigosa e concubina de Satã nos relatos históricos das perseguições ou mesmo como criaturas monstruosas, conforme a mesma tradição e ainda alguns filmes recentes como “João e Maria: os Caçadores de Bruxas”, a figura da bruxa é sem dúvida uma figura estigmatizada. Principalmente diante do Cristianismo dominante em nossa

sociedade, notadamente o neopentecostal que frequentemente lança mão da explicação do infortúnio pela bruxaria.

Como já foi exposto anteriormente, a utilização deste termo “bruxaria” já remonta ao próprio fundador da Wicca Gerald Gardner, que não deixou de explicitar em seus livros a sua crítica às “grandes religiões monoteístas” no sentido de limitar a liberdade e a expressão individual a fim de fazer das pessoas, peças de uma engrenagem social que atende a interesses dominantes.

O anticristianismo já era evidente mesmo em Gardner. E não apenas esta antipatia pelas religiões dominantes, conforme o trecho destacado páginas atrás, mas havia algo que era anterior a esta antipatia. Tratava-se de uma aversão a qualquer rígido controle institucional sobre os indivíduos, o que segundo o autor roubava dos seres humanos “os pensamentos secretos e os doces sonhos com a Mãe de Todos e com a Eterna Mãe que é gentil, carinhosa e afável” (GARDNER, 2004, P.129). O autor refere-se ao nazismo e ao comunismo como “religiões de controle de massas” e tão perniciosos ao ser humano quanto seriam as “grandes religiões monoteístas”.

Ao que se pode perceber do que escreveu Duarte (2008) acerca de alguns eventos relevantes da vida de Gardner que teriam tido alguma influência na constituição inicial da Wicca, a própria trajetória deste autor também é marcada por uma série de acontecimentos que provavelmente o fizeram refletir sobre a cultura e a civilização como um todo. Embora não fosse acadêmico, Gardner era um apaixonado por outras culturas. Enquanto trabalhou como inspetor da Coroa Britânica nos seringais da Malásia, ele pôde cultivar seu interesse pelos costumes e crenças nativas. Em certa época de sua vida, quando retornou à Europa, desenvolveu algumas enfermidade decorrentes do clima da Inglaterra, ao que seu médico recomendou a frequência a um clube de nudismo. Apesar de relutante, Gardner aceitou e isto pareceu favorecer a sua saúde. Com isto tornou-se adepto do naturismo. Acredito que experiências como estas tenham favorecido uma postura crítica para com a cultura. Processo semelhante, também relacionado à saúde, esteve presente na história de vida de outra personalidade de postura muito crítica à cultura: Friedrich Nietzsche.

Assim sendo, acredito ser bastante razoável pensar que Gardner estava bastante incomodado com a “civilização” e que seu pouco apreço e confiança pela mesma talvez o tenha conduzido a uma postura de enfrentamento. Ao longo de sua vida se associou a diversas sociedades secretas e conheceu muitos ocultistas famosos, como por exemplo, Alester Crowley, mas estes não chamavam a si mesmos de “bruxos”, mas sim de magos ou

ocultistas. Por que Gardner teria preferido chamar a religião que trazia a público de bruxaria e seus seguidores de “bruxas” e “bruxos”?

A resposta mais imediata oferecida a esta pergunta é aquela que relaciona esta denominação com as influências literárias de Gardner. Ele teria sido leitor de Margareth Murray, autora de “O Culto das Bruxas da Europa Ocidental” (2003) que tratava a bruxaria como um culto ancestral dos camponeses europeus que era relacionado a divindades de fertilidade. Murray foi extensamente criticada por especialistas nos anos que se seguiram, de modo que seu livro se tornou de grande vendagem para o público geral, mas completamente desacreditado na Academia.

Além disso, Gardner alega ter se iniciado em um coven de bruxas em New Forest que seria um perpetuador desta pretensa tradição ancestral. Segundo ele, o interesse em tornar pública a bruxaria remontava a muito tempo em sua vida, mas ele não o realizava por um impedimento colocado pelo próprio coven que não gostava da ideia de deixar de ser secreto. Assim sendo, só o autorizaram realizar esta divulgação através de obras ficcionais, só o permitindo fazer de modo direto muito tempo depois, o que ele realizou com “A Bruxaria Hoje”, obra originalmente lançada em 1954.

A despeito da veracidade desses relatos de Gardner e da vulnerabilidade intelectual dos argumentos da pesquisa de Murray é fato que em ambos os casos se efetuou um esforço de revisão da cultura que identifica atores estigmatizados e busca reverter seu status perante a sociedade através da pesquisa científica. No caso aqui em questão tratou-se principalmente das mulheres e das populações camponesas que tiveram sua religiosidade original demonizada pelas instituições religiosas cristãs. Desse modo, o assumir a identidade de bruxo, já em Gardner, tratava-se de enfrentar todo um discurso de legitimação tradicional.

Os anos que se seguiram revelaram mais ainda a Wicca como um campo fértil para a criação de identidades que se antagonizavam com os discursos morais e políticos tradicionais. Nas décadas de 60 e 70, houve uma forte simpatia do feminismo e da contracultura por esta religião. Esses movimentos sociais e culturais modificaram e contribuíram substancialmente para o que hoje ela é. A Wicca, tal como concebida por Gardner é hoje um grupo minoritário chamado Wicca Gardneriana que, embora advogue para si o título de única e verdadeira Wicca, as demais não passando de modismos e deturpações, nunca conseguiu convencer outros além dos próprios gardnerianos acerca disso.

Um dado que chamou atenção durante a fase de coleta de dados era sobre como as pessoas chegavam na Wicca. Em todos os casos ela era uma religião “escolhida” pelo indivíduo, exatamente um exemplo de religião a La carte. Apesar de a grande maioria relatar

uma ou algumas experiências mágicas que teriam sido decisivas para o indivíduo sentir que teve “o Chamado da Deusa”³⁵, é fato inegável que em todos os casos o indivíduo se aproximou da Wicca atraído pelos valores por ela defendidos e pela forma da religião. Em primeiro lugar estava uma busca por uma espiritualidade consonante com valores que lhe antecediam. A busca do wiccano era menos uma orientação moral que um renascimento mágico, um reencantamento do mundo, propriamente dito.

Tais valores morais e visão de mundo em geral não provinham de contextos familiares. De todos os pagãos com os quais conversei apenas 1 não tinha um histórico de um certo número de atritos com a família por conta de valores morais ou ideais de toda ordem. Há, contudo, que se considerar que este debate – acirrado ou não – sobre valores é comum à maior parte dos jovens no contexto moderno de intenso fluxo de mudanças culturais, ultrapassando em muito o círculo das religiões neopagãs. Contudo, nos relatos de trajetória religiosa dos mesmos salta aos olhos como falar da ignorância e arbitrariedades da família é importante. E, tal como mencionei anteriormente, há um forte apego a alguma forma de ideologia. Nenhuma dessas pessoas passa sem alguma forma de reflexão ideológica que considere importante.

No entanto, essas pessoas tomaram contato com estas reflexões morais e políticas em um momento anterior ao “Chamado da Deusa”. Tais reflexões se tornaram elementos importantes na construção de suas identidades, a Wicca tendo principalmente o papel de dar um estatuto de sacralidade àquela visão de mundo. Se num primeiro momento, esses valores eram uma crítica à tradição mas ainda numa atmosfera de desencantamento, a Wicca oferece um reencantamento do mundo, possível apenas com uma revisão de valores já empreendidas por estas ideologias: não é possível ser wiccano sendo machista, indiferente ao meio ambiente ou proselitista. Tal aspecto é perceptível até no processo de invenção de tradição de que se constitui o neopaganismo (DUARTE, 2008): os bruxos representam o passado remoto da humanidade – a pré-história neolítica – como uma época em que dominou o matriarcado, concepções ecológicas e não predatórias de interação do homem com a natureza e uma época em que o ser humano teria adorado a Grande Mãe. Tal passado remoto seria o vasto período desde que o *homo sapiens* se tornou consciente de si e, conseqüentemente produtor de cultura,

³⁵ Segundo Mario Martinez (2005), um dos mais renomados sacerdotes da Wicca Gardneriana no Brasil, o Chamado da Deusa seria um processo que culmina numa mudança de percepção da realidade, conseguindo captar sua essência mágica. Tal processo começaria numa profunda sensação de vazio existencial que, segundo ele, seria necessário para o bruxo encontrar o despertar mágico. Na maioria dos covens, contudo – e Martinez está consciente disso – o “Chamado da Deusa” é entendido como um tipo de maravilhamento instantâneo. De qualquer modo, para os fins aqui perseguidos, cabe definirmos o Chamado da Deusa de um modo mais geral: ele seria o momento em que ocorre a mudança de percepção da realidade pelo praticante através da religião, iniciando um processo que culminará no reencantamento do mundo.

até o momento de surgimento do patriarcado e das grandes religiões dele derivadas, há cerca de 4000 anos. Assim sendo, na representação do passado da humanidade que esses bruxos fazem, a sociedade que os circunda e que se coloca como tradição, aparece para eles como um breve e recente intervalo de uma história muito maior, que conta com muitas dezenas de milhares de anos e de cujo modo de ver o mundo eles seriam os reminiscentes ao mesmo tempo que resgatadores. Eles seriam os que vivem na verdadeira “tradição”, enquanto o mundo monoteísta ao seu redor estaria perdido numa confusão conceitual que desconectou os homens, não só da natureza, como da “verdadeira” tradição. Torna-se evidente aqui a proposta de um fim da oposição natureza x cultura.

Aqui há contudo um empecilho a chamar a Wicca e mesmo o neopaganismo como uma forma de identidade de resistência. Porque sua identidade não se forma em torno do enfrentamento às forças hegemônicas apenas com a intenção de encontrar um lugar de coexistência respeitosa com as mesmas. Sua proposta é uma reformulação total da sociedade através de uma revisão dos paradigmas principais da cultura. Isto a aproximaria da identidade de projeto, principalmente pelo fato de que ela cria sujeitos. Segundo Castells:

“Sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência. Neste caso, a construção da identidade consiste em um projeto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém expandido-se no sentido da transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade”. (CASTELLS, 2010, p. 26)

A bruxa é essencialmente na visão do neopaganismo, uma identidade oprimida pela sociedade cristã e patriarcal. Ela é mulher numa sociedade machista, ela lança mão da magia numa sociedade que demonizou a mesma. A figura da bruxa, contudo, oferece o contraponto à cultura dominante: ela foi uma vítima de uma história em que o opressor é o mesmo que hoje se deseja enfrentar. Ser bruxo é um modo de dizer que a sociedade como todo merece ser revista e posta em outros termos.

Esta hipótese parece bastante adequada aos relatos de trajetória de vida que analisei. Os bruxos com os quais conversei são pessoas críticas com muitos aspectos da sociedade e, mesmo os mais jovens e menos instruídos são no mínimo bastante insatisfeitos e críticos com as limitações a sua individualidade postas pela religião de seus pais e o conceito de família que estes sustentam; os homossexuais e as feministas encontram na Wicca um modo de questionar os papéis de gênero e pensar uma sociedade inteiramente diferente a partir deste ponto; indivíduos de valores mais conservadores encontram no Asatru um modo de lutar por uma sociedade onde os laços da família tradicional patriarcal se revitalizem, tenham a oportunidade de não cometerem os mesmos erros do passado e se mantenham

através de uma religião a seu ver mais eficiente que o Cristianismo para esta tarefa; o politeísmo é visto como uma expressão da pluralidade enquanto o anticristianismo é um modo de lutar contra a uniformização dos indivíduos por uma tradição imposta.

É a relação com as instituições que está no centro aqui. O neopaganismo deve ser compreendido num contexto mais amplo, onde forças modernizantes se debatem com forças conservadoras numa sociedade em transformações galopantes, como é o caso do Brasil: milhões de pessoas saindo da pobreza para a classe média, outros milhões saindo da miséria, enquanto certos segmentos da classe média se viram feridos em seus valores tanto quanto em sua capacidade de enriquecimento, elementos que criam outra configuração da relação entre as classes no país; a difusão da educação e o maior acesso à universidade e aos cursos no Exterior, notadamente Europa e América do Norte, sociedades com democracias mais sólidas; a revolução das telecomunicações e a difusão do uso da internet, o que não apenas facilita a difusão do conhecimento, como a transmissão de notícias em tempo real e o acesso a ideias e debates de questões de âmbito mundial. Enfim, a sociedade brasileira que desponta assusta o brasileiro que, mesmo em alguns círculos instruídos, ainda lê o mundo com as ferramentas da década de 60.

O neopaganismo aparece então como um projeto de mundo, que propõe inclusão ao invés de exclusão, não necessariamente conseguindo levar isto a cabo na realidade, dada a própria estrutura dos covens, frequentemente – embora não inexoravelmente – muito apegados a algumas ideias políticas e morais; que propõe uma reformulação completa da sociedade e da sensibilidade humana – mais ecológica, solidária, plural, cooperativa em lugar de competitiva. Diante disto, afirmo ser o neopaganismo uma forma de identidade de projeto, antes mesmo de se constituir numa nova religião.

Não são apenas as divindades, os ritos e crenças que são diferentes, mas a forma da religião como um todo também é. Trata-se de uma religião totalmente consonante com uma nova cultura do individualismo e um contexto social repleto de incertezas quanto ao futuro e ambigüidades morais decorrentes das transformações aceleradas nascidas do mundo da economia e da política.

As instituições dessa religião ainda têm contornos demasiados flexíveis, mas vão rapidamente mudando, se conformando ao contexto social das religiões no Brasil. Se ela continuará ocupando este lugar de uma religião atraente a atores sociais, boa parte deles estigmatizados, mas todos interessados na modernização da sociedade, disto não é possível ter certezas. Outras classes e atores sociais podem tomar a dianteira da expansão da religião ou esta pode ganhar inclinações mais voltadas para outros segmentos da sociedade, que possuem

outras bandeiras, ofereçam maior energia e recursos para a expansão da religião. Uma religião traz os valores da principal classe que trabalha pelo seu estabelecimento, não necessariamente tratando-se da classe que deu origem à mesma, conforme argumentou Max Weber em “Psicologia Social das Religiões Mundiais” (2003). A religião também pode desaparecer, seja por não ser mais atraente a ninguém ou, o que aconteceu diversas vezes com outras religiões em outros contextos históricos, por ser absorvida por outras, de instituições mais robustas, embora eu perceba como problemáticas essas generalizações sociológicas num contexto social onde as instituições estão com contornos cada vez menos definidos e ambíguos. Por conta de todas essas incertezas não se pode precisar ao certo o tamanho e a importância histórica que a religião objeto desse estudo virá a tomar. Mas este não é um ponto que interesse aqui.

Por causa dessas incertezas é que, neste estudo preferi ver o neopaganismo como um fenômeno cultural maior de nossas sociedades modernas e não apenas uma religião. Resolvi estudá-lo como um produto da história do individualismo no Ocidente, que em si, parece uma sugestão de algo que talvez pudéssemos denominar uma nova cultura religiosa. Nele a religião parece buscar uma configuração ímpar e, a meu ver, inédita: onde a religião para se afirmar não precisa competir com a ciência para a explicação do mundo visto que à primeira cabe a valoração da experiência do existir, enquanto à segunda cabe a explicação dos fenômenos³⁶. Desse modo, o conflito religião e ciência aqui parece desaparecer.

No neopaganismo, a “religião mística” da qual falava Troeltsch parece ganhar realidade, como bem observou Colin Campbell (1997). Aqui o indivíduo é menos dependente de instituições rígidas e comunidades fechadas. E isto, por si só, se pensarmos com Troeltsch já é indicativo de algo inédito na história das religiões.

A modernidade liberou em nossas sociedades industrializadas, científicas e tecnológicas forças produtivas que, se por um lado ofereceram conforto e superação de antigos problemas, criaram novas ameaças, como o desgaste do meio ambiente, por exemplo. Deste modo, este quadro criou um imperativo capaz de unir todas as sociedades num esforço comum pela preservação da própria espécie: a ecologia, embora não seja conhecida por todos e nem vista com a mesma urgência por todas as opiniões, tem sua importância e sua validade moral bem reconhecida. Assim, o neopaganismo encontra uma justificativa material e até mesmo paupável para sua existência. Ele parte de uma questão que a humanidade não pode mais ignorar.

³⁶ Starhawk (2007), escritora anarquista estadunidense que escreveu sobre o tema da bruxaria, afirmava que “a Bruxaria é uma religião de poesia”.

O neopaganismo é uma religião. Mas não considero um exagero afirmar ser ele uma revolução do modo de pensar a religião no século XXI. Uma revolução ainda jovem, mas em perpétuo e acelerado processo de mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos grandes centros urbanos cosmopolitas de todo Ocidente uma nova cultura religiosa floresce, descendente da Nova Era, que apareceu como opção para um cenário de crenças religiosas bastante fragilizado e questionado. A Nova Era pretendeu uma religiosidade demasiado individualista, donde inúmeras sínteses pessoais eram possíveis diante dos incontáveis fragmentos de crenças “copiadas” do Oriente.

A Nova Era, se por um lado questionou as instituições tradicionais e colocou em foco uma espiritualidade pessoal, por outro lado também não conseguiu construir nada além de um misticismo individualista, de valores relativizáveis, sem poder de constituição de grupos religiosos. A Nova Era, pode-se dizer com relativa segurança, foi então um movimento espiritualista e passou longe de se tornar uma religião ou algo de coerente em si mesma.

Recebendo contribuições da mesma, aparece um outro movimento espiritual, este sim na tentativa de formar religiões: o neopaganismo. O termo é generalista e apropriado apenas para designar um amplo conjunto de religiões que se pretendem reconstruções do passado politeísta e pré-cristão do Ocidente, recebendo inspirações do Oriente, seja no tocante aos panteões adorados como também na prática e na filosofia.

Sendo composto de várias “tradições” – vertentes do neopaganismo – esse conjunto de religiões tem a Wicca como a sua representante mais antiga, datando da década de 50 do século XX, quando Gerald Gardner a apresentou como um culto antigo praticado por grupos secretos de bruxos e bruxas que mantinham em sigilo suas práticas em virtude de possíveis perseguições religiosas. A Wicca é também a religião neopagã mais difundida no Brasil, mas não é a única, existindo também: o Druidismo, o Asatru, o Odinismo, o Reconstrucionismo Helênico, o Reconstrucionismo Céltico, dentre muitas outras tradições, muitas delas contando apenas com um único grupo.

A pesquisa procurou entender o neopaganismo como um fenômeno cultural da modernidade, marcado principalmente por uma cultura onde o indivíduo busca salvaguardar a esfera de sua individualidade e ao mesmo tempo pertencer a um grupo, constituir uma comunidade. Com todos os revezes e desafios, este espinhoso conflito vai desenhando as formas com as quais o neopaganismo vai se desenvolvendo em nossas sociedades contemporâneas, tais como: o coven – o grupo religioso, que deve inexoravelmente ser limitado em número –, o processo contínuo de invenção de tradições, as inúmeras práticas que visam auto-conhecimento, mas na prática acabam sendo modos de expressão do indivíduo.

Diante deste quadro, foi realizada uma pesquisa qualitativa em grupos do Rio de Janeiro com a proposta de estudar as motivações para a escolha do neopaganismo como religião e as razões para a permanência no mesmo. Os dados coletados sugerem uma curiosa relação entre espiritualidade, identidade e ação política, que coloca a questão dentro do conceito de “identidade de projeto” tal como mencionou Manuel Castells. O neopaganismo reforça a individualidade de determinados indivíduos ao mesmo tempo que os insere em um grupo. São indivíduos, em sua maioria esmagadora, críticos com a sociedade em que estão inseridos, seja no tocante à tradição – representada pela cultura judaico-cristão, notadamente o Cristianismo – seja no tocante ao projeto modernizante que as sociedades ocidentais vêm assumindo.

Uma vez reunidos em grupos, fazendo parte da comunidade pagã, estes indivíduos agora sentem-se mais protegidos para cultivar um conjunto de valores que quase sempre é muito pouco aceito nas famílias de origem ou nos meios a que freqüentam. Esta discrepância de valores entre estas pessoas e os que estão ao redor evidencia o processo de modernização acelerada a que o país vem passando, onde algumas discussões vão ganhando a cena pública e respostas conservadoras se chocam com propostas inovadoras. Nesse choque do passado e do presente, a maioria dessas pessoas parecem optar pelo que consideram o futuro, “uma cultura melhor e mais justa”, onde teriam fim o patriarcado, a degradação ambiental, os preconceitos, o autoritarismo político.

Fazer parte de um grupo pagão é para estas pessoas não só um modo de cultivar uma espiritualidade. É uma maneira de ter uma espiritualidade sem para isto ter que se afiliar às instituições tradicionais do crer, que negam as identidades que estes sujeitos assumem como suas, bem como a maior parte de seus valores morais. No neopaganismo, ao conviverem com outros que pensam de modo similar, eles encontram um modo de reforçar seus valores e ao mesmo tempo lutar para que estes sejam aceitos na sociedade e, em última instância, cheguem a mudar o panorama da cultura e da política.

A pesquisa baseou-se em dados recolhidos no período de 2012 a 2014, utilizando como instrumentos: a análise de sites e textos pagãos na internet, conversa com praticantes em eventos públicos do neopaganismo fluminense tais como o Dia do Orgulho Pagão (DOP) e o Encontro Social Pagão (ESP), observação desses eventos e de ritos públicos, bem como a observação participante dos eventos relacionados a um coven em específico – o coven Chuva Vernal. Foram realizadas entrevistas, todas devidamente filmadas e questionários distribuídos através da internet. O Chuva Vernal, contando os membros, os aspirantes ao coven e os amigos do coven, contam cerca de 20 pessoas. Além destas, outros pagãos ajudaram a compor

as fontes de dados dessa pesquisa. Todos esses juntos compõem ao todo 43 pessoas, dentre indivíduos da área do Rio de Janeiro, da Região Metropolitana e do Interior.

A contribuição desta pesquisa para a sociologia da religião como um todo reside no estudo desse papel da religião como agregadora de indivíduos desencaixados lhe oferecendo a possibilidade de pertencer a uma comunidade de iguais onde possam se sentir protegidos contra as investidas do mundo exterior, bem como mais fortes para enfrentar e transformar a realidade da qual não se sentem parte. A religião aqui aparece como um elemento de agregação de atores políticos que sem ela permaneceriam dispersos, sem condições de defenderem suas escolhas e seu projeto de mundo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na nova era*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BERGER, P. *O Dossel sagrado*. São Paulo: Paulus, 2011.
- BOFF, L. *Ecologia, mundialização e espiritualidade*. São Paulo: Record, 2008.
- CAMPBELL, C. A Orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, n.18, 1997, p. 5-23.
- CAPRA, F. *O Ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- _____. *O Tao da física*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CASTELLS, M. *O Poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- CERIDWEN, M. C. *Wicca Brasil: guia de rituais das deusas brasileiras*. São Paulo: Gaia, 2003.
- CLIFFORD, J. *A Experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
- COLLINS, R. *Quatro tradições sociológicas*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CUNNINGHAM, S. *Guia essencial da bruxa solitária*. 5. ed. São Paulo: Gaia, , 2002.
- _____. *A Verdade sobre bruxaria*, Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.
- DUARTE, J. *Os Bruxos do século XX: neopaganismo e invenção de tradições na Inglaterra do pós-guerras*. Dissertação (Mestrado em História das Religiões) - Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 2008.
- DURKHEIM, É. *As Formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- EVANS-PRITCHARD, E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GARDNER, G. *A Bruxaria hoje*. São Paulo: Madras, 2003.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- GIDDENS, A. *Capitalismo e moderna teoria social*. Lisboa: Presença, 2000.
- _____. *As Consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GOFFMAN, I. *A Representação do eu na vida cotidiana*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GREER, J.M. *Dicionário enciclopédico do pensamento esotérico ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2012.

GRIMASSI, R. *Italian witchcraft*. St Paul, Minesota: Llewellyn Publications, 2003.

GUERRIERO, S.; LOPES, M. S. Druidismo à brasileira: um exemplo de ecorreligiosidade na sociedade atual. *Caminhos*, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 11-11 24, jul./dez. 2010.

HERVIEU-LÉGER, D. *O Peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEYSS, J. *Aleister Crowley: a biografia de um mago*. São Paulo: Madras, 2010.

HIGGINBOTTAM, J. & R. *Paganismo: uma introdução à religião centrada na Terra*. São Paulo: Madras, 2003.

HOBBSAWM, E. ; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LEVY, E. *Dogma e ritual da alta magia*. São Paulo: Pensamento, 2008.

LOVELOCK, J. *A Vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

MAGNANI, J. G. C. O circuito neo-esotérico. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

_____. *O Brasil da nova era*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MALINOWSKI, B. *Magia, ciência e religião*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MARIZ, Cecília. Instituições Tradicionais e Movimentos Emergentes. In: *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 301-312.

MAUSS, Marcel. *Esboço de uma teoria geral da magia*. São Paulo: EPU, 1974.

OLIVEIRA, Karina. *A Wicca no Brasil: adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

OLIVEIRA, Rosalira. Religiões da terra e ética ecológica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p. 26-44, abr./jun. 2010.

_____. Ouvindo uma Terra que Fala: o Renascimento do Paganismo e a Ecologia. *Revista Nures*, n. 11, jan./abr. 2009.

OSÓRIO, Andréa. Bruxas modernas: um estudo sobre identidade feminina entre praticantes de Wicca. *Campos* 5(2):157-172, 2004.

_____. Dons das bruxas e trajetórias wiccanas: narrativas sobre ser e tornar-se uma bruxa moderna. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011.

PIERUCCI, A. F. *A Magia*. São Paulo: Publifolha, 2001.

- PIETRO, C. *Wicca para bruxos solitários*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.
- RUSSELL, Jeffrey; ALEXANDER, Brooks. *História da bruxaria*. São Paulo: Aleph, 2008.
- SCHWADE, Elisete. Neo-esoterismo no Brasil: dinâmica de um campo de estudos. *BIB*, São Paulo, n. 61, 2006a, p. 5-24.
- SHELDRAKE, R. *The presence of the past: morphic resonance and the habits of nature*. Rochester, Vermont: Park Street, 2012.
- SIMMEL, Georg. O conflito da cultura moderna. In: *Religião – ensaios*, v.2. São Paulo: Olho d'Água, 2011.
- Simmel, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.), *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SIMMEL, G. Fashion. *The American Journal of Sociology*, v. 62, Chicago, p. 541-558, 1957.
- STARHAWK. *A dança cósmica das feiticeiras*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2007.
- STEIL, Carlos ; CARVALHO, Isabel. A sacralização da natureza e a naturalização do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v. XI, n. 2, jul.-dez. 2008
- TUITÉAN, P. ; ESTELLE, D. *Wicca essencial*. São Paulo: Pensamento, 2006.
- TOMPKINS, P. ; BIRD, Christopher. *A vida secreta das plantas*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 2000.
- YORK, Michael. New age commodification and appropriation of spirituality. *Journal of Contemporary Religion*, v.16, n.3, 2001.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade*. 4.ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.
- _____. *Psicologia social das religiões mundiais*. In: *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- _____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ANEXO A - A Roda do ano

“Vamos começar por Imbolc, que assinala a fase de crescimento do ano, embora iniciar por qualquer sabá seja a mesma coisa, já que estamos observando um simbolismo cíclico e perene.

Imbolc assinala o fim do inverno e o próximo despertar da natureza, que esteve morta durante os meses de inverno. No hemisfério sul, é comemorado a 2 de agosto. Iniciamos um período de aumento de calor, a vida retorna lentamente aos campos e é o tempo de se fazer purificações, expulsando as trevas que ainda reinam e preparar o terreno, tanto interior como exterior para tudo o que pretendemos plantar e colher no ano que se inicia. Aqui a Deusa é representada como uma menina que traz todas as possibilidades criativas, simbolizando a própria Natureza que renasce. Ela é potencialmente o início de tudo o que se deseja realizar junto com o crescimento do ano. Enquanto as marés de energia ganham força e crescem, tudo o que foi projetado e planejado vai se tornando realidade. A purificação realizada nessa fase visa preparar nosso próprio interior, esvaziando-o de todas as cinzas do ano passado e preparando-o para empreender o novo. O crescimento da Deusa menina se reflete no crescimento de nosso eu, tanto em nível material quanto em nível espiritual. O Deus nessa fase também é um menino pequeno, representa o calor do sol que começa a renascer, ainda fraco, iluminando pouco o mundo, mas já com a promessa de trazer a fertilidade e a nova vida. A Terra vai se preparando para receber as sementes que a fecundarão futuramente, enquanto o Deus vê sua força ir aumentando gradativamente para fecundá-la.

O Mistério vivido em Imbolc é o do renascimento, o da preparação para a vinda de um novo ciclo vital, e isso se dá não só nos campos, mas também no interior de todos nós. Imbolc é o festival do fogo e os antigos celtas festejavam a deusa Brigit acendendo fogueiras e tochas, fazendo com que as luzes afastassem cada vez mais as trevas. No interior de cada um, a luz precisa expulsar a escuridão negativa do passado. Quando se afirma que o ciclo vivido pelos novatos para a iniciação, é de um ano e um dia, procura-se iniciá-lo em Imbolc, no sentido de que o processo de crescimento espiritual acompanhe o ciclo natural da existência. Desse modo, o novato vivencia o ciclo de vida e morte sendo iniciado (renascendo) em Imbolc.

Ostara, ou equinócio de primavera, é comemorado no hemisfério sul entre 21 e 23 de setembro. Nele, a Deusa é uma linda adolescente, pronta para ser cortejada pelo Deus que

surge como um jovem cheio de vigor. Dias e noites têm duração igual, o que no simbolismo de Ostara significa que a Lua e o Sol percorrem juntos o firmamento e que a Deusa e o Deus estão mais próximos um do outro.

Ostara é um sabá de fertilidade, é a época do plantio, tanto nos campos quanto no nosso interior. Durante esse período a terra será preparada para receber as sementes, o Deus aos poucos vai perdendo as características de filho da Deusa para tornar-se seu consorte. Num plano pessoal, tudo aquilo que foi planejado e arquitetado em nossa mente, para ser realizado no ano que começa, é a partir de agora semeado para que frutifique. No sabá de Ostara, um dos Mistérios a ser vivido é o de que tudo o que é semeado será por nós colhido inexoravelmente. Aquilo que plantarmos no terreno de nosso espírito crescerá, frutificará e será colhido. O poder do ano crescente é usado aqui para que impulse a concretização do desejo, tornando-os realidade.

Em Beltaine, outro festival solar e do fogo, a Deusa é uma exuberante mulher e o Deus um jovem adulto. Ambos consumam sua união, transmitindo ao sabá um cunho notadamente sexual. O Sol, cujo poder de luz e calor aumenta cada vez mais, penetra na terra, impregnando-a com as sementes que frutificarão (plantio). No hemisfério sul, Beltaine é comemorado a 31 de outubro e marca o início do verão. Inicia-se a época de maior plenitude e força na Natureza, período em que as marés energéticas de crescimento e poder deverão ser utilizadas para tudo aquilo que queremos construir e engrandecer.

Em contato com a Natureza, podemos traçar um paralelo entre o que acontece fora e o que sucede dentro de nós. Sentimo-nos plenos de poder, com a certeza de que todas as coisas almejadas estão diante de nós.

Com a união mística da Deusa e do Deus, ela engravida dele e guarda no seu ventre a sua semente viva.

Litha, ou solstício de verão, comemora-se entre 21 e 23 de dezembro em nosso hemisfério. É o dia mais longo do ano e assinala o auge do poderio do Sol e do Deus de Chifres, que, atingindo a maturidade, encontra-se na sua plenitude e felicidade. A Deusa encontra-se grávida, assumindo os atributos de Deusa Mãe. Talvez seja a época de maior alegria em toda a Roda, uma vez que vivemos na plenitude do poder e da abundância. Luz e calor trazem o pico de energia traduzido num ritual de fogo e vida.

Para todos os wiccanianos, Litha representa a materialização de todas as esperanças. Todos os projetos e pretensões que haviam sido lançados desde a época do plantio começam a se tornar realidade. Notamos, desse modo, que o ritual de meio de verão é um processo vigoroso de transição, no qual as realizações ainda não foram colhidas mas estão quase

maduras para tal. Com o tempo de transição, percebemos que atingimos o ápice do ano, mas ao mesmo tempo entramos na fase de declínio, na qual a progressão natural é o início do ano decrescente que culminará no solstício de inverno.

Na Tradição Gardneriana, essa fase de transição (tanto o solstício de verão quanto o de inverno) é celebrada através do mito do Rei do Carvalho e do Rei do Azevinho, tema este que se tem mostrado uma constante em quase todas as religiões da Antiguidade, tendo até mesmo sido incorporado pelo Cristianismo. Para entendermos melhor este simbolismo, dividimos a Roda do Ano em duas metades, sendo o Rei do Carvalho o Deus do ano crescente que no solstício de verão cede o seu lugar ao Rei do Azevinho, o Deus do ano decrescente. Como vimos, é no ponto mais alto do verão que se inicia o declínio ou o movimento natural em direção ao inverno.

Nessa tradição ancestral, o Rei do Carvalho morre nas mãos do Rei do Azevinho, para renascer no solstício de inverno e substituí-lo nos ritos de Yule. Essa rivalidade entre os dois deuses gêmeos, que na realidade são aspectos do próprio Deus Cornífero, girava em torno do amor e das atenções da Deusa. É a própria Deusa, em seu aspecto exuberante e sensual quem preside a substituição do Rei do Carvalho por seu gêmeo sombrio, símbolo da decrepitude.

Na Tradição Gardneriana, Litha possui o aspecto de ritual do fogo e da água, um representando o poder fertilizador encarnado no Deus e outro o poder a ser fertilizado, representado pelo Caldeirão de Ceridwen e pela Deusa. Como sabá solar, Litha era visto como um dos maiores festivais na Europa Antiga. Alguns autores afirmam que a tradição dos ritos solares foi trazida para a Península Ibérica pelos árabes e mouros que lá se estabeleceram durante séculos. De qualquer maneira era a época em que inúmeras fogueiras eram acesas por toda parte. O antigo costume de acender fogueiras no solstício de verão era muito comum no Marrocos e na Argélia. Essas fogueiras eram acesas nos pátios das casas, praças, ruas e nos campos, onde era encontrada grande variedade de ervas que produzia uma fumaça agradável, entre elas a arruda, tomilho, camomila, gerânio, etc. O costume local era passar pela fumaça das fogueiras, saltando-as sete vezes, já que se acreditava que elas possuíam propriedades curativas que proporcionavam fertilidade.

Outra tradição que remonta a épocas muito antigas, e que está ligada aos ritos de fertilidade do solstício de verão, refere-se a realizar o sabá de Litha “vestido de céu” (nudez ritual). Antigamente, era costume que as mulheres dançassem nuas pelos campos na véspera do solstício para que colheitas abundantes fossem asseguradas. Elas cavalgavam suas vassouras pelas plantações, pulando até a altura que as colheitas deveriam crescer. Tal

costume continua até nossos dias, quando se faz uma paródia desse ritual, com as danças de fertilidade no círculo.

Com Lammas ou Lughnasadh, comemoramos as primeiras colheitas e a chegada do outono. Em nosso hemisfério é celebrado a 2 de fevereiro, e assinala o início do declínio do poder solar e do próprio Deus, que se torna um homem velho. Como Sabá centrado nos ciclos agrícolas, Lammas é importantíssimo, no sentido em que registra o sacrifício divino em prol da humanidade. O Deus doa sua força e seu poder, assumindo o papel mantenedor e protetor da vida. O Deus é o fruto do ventre da Mãe, representa o trigo maduro pronto para o corte. Ele é ceifado, transformado em pão e consumido. Os produtos naturais, como o trigo e as uvas, são os maiores representantes desse momento místico, pois transformados em pão e vinho, encarnam a essência do Deus sacrificado, oferecida no sabá. Comer do pão e beber do vinho é o mesmo que ingerir a essência divina do Deus de Chifres, que deu a sua vida para nos prover de alimentos. O alimento sagrado e místico, compartilhado em comunhão no Círculo, é um dos mais antigos ritos da bruxaria, e que mais tarde foi usurpado pelo Cristianismo.

Como tempo de colheita, devemos refletir que tal simbolismo se traduz em realizações tanto materiais quanto espirituais. Começamos a colher tudo aquilo que plantamos no início do ano crescente, agora transformado em realizações concretas e existenciais. Ao doar sua força e sua vida, o Deus enfraquece. Como uma época de enfraquecimento de poder, é o tempo ideal para realizarmos banimentos e afastarmos coisas indesejáveis, tanto em nível material quanto espiritual. O que desejamos ceifar de nossa existência? Trata-se de aproveitarmos a maré vazante do ano para fazermos com que determinadas coisas que não mais queremos sejam arrastadas pelo turbilhão natural de declínio.

Enquanto o Deus se transforma num homem velho, a Deusa, por sua vez, também se transforma numa mulher mais velha. A Natureza começa a enfraquecer, o calor do sol diminui, a exuberância da vegetação anterior cede lugar a uma paisagem mais amena, na qual se prevê ao longe a vinda do inverno.

Mabon, ou Equinócio de Outono, é comemorado entre 21 e 23 de março. Marca o fim das colheitas que irão garantir a sobrevivência durante os meses de inverno. As noites e os dias se igualam novamente e a Deusa e o Deus são anciãos, apesar de ela ainda trazer no ventre o fruto de sua união sagrada. O Deus prepara-se para a morte, enquanto a deusa assumirá uma fase de recolhimento, durante a qual aguardará a vinda da Criança da Promessa.

É o tempo final de escoamento das forças energéticas, mas num nível mais perigoso. Utilizar as energias de declínio em Mabon requer muita prática na Arte. A origem dos ritos de Mabon é muito antiga e é quase certo que os celtas o tenham assimilado através de contatos

com os gregos. Nas antigas lendas de Perséfone, encontramos ecos longínquos desse simbolismo. O Mito da Descida da Deusa também nos remete a antigas celebrações realizadas em Elêusis, onde a Deusa descia às profundezas da Terra, surgindo novamente mais tarde para conceber o Filho da Promessa, que renascia como a garantia do retorno da fertilidade e da vida.

O período de recolhimento da Deusa traduz-se no próprio recolhimento da força da Natureza. As árvores começam a perder suas folhas, os campos novamente estão sem vida, e o clima torna-se mais frio. Tal recolhimento deverá ser observado também em nosso interior, e devemos nos preparar para encararmos um novo e duro ciclo de declínio e morte.

Samhain assinala o final do ano celta e o início de um tempo de trevas, o início de uma lacuna entre o último dia do ano e o Yule, época de incertezas sobre o retorno da vida, de longas noites e dias curtos. No hemisfério sul, é cultuado no dia 1º de maio. O Deus de Chifres morre, e é pranteado pela Deusa. É o fim de um ciclo, e a morte é um momento importante de reflexão. Em termos energéticos, a existência parece submergir num buraco negro sem fundo, no qual as tênues cortinas entre os mundos proporcionam uma ligação nítida com os ancestrais e com a própria energia em declínio. Na Tradição Gardneriana, o Mistério vivido em Samhain é a morte e a promessa do renascimento. A morte chega, mas a semente da vida está latente no útero da Deusa. No plano terreno, a semente está viva no ventre da Terra.

Yule, ou Solstício de Inverno, é a noite mais longa do ano, e no hemisfério sul é comemorado entre 21 e 23 de junho. A Criança Divina nascerá da Mãe, num simbolismo claro de que após a noite mais longa e de maior escuridão do ano, já um prenúncio da vinda da fase de crescimento e revitalização. A vida sempre renasce. A semente rompe sua casca na escuridão da Terra, fazendo surgir a raiz e o pequeno talo.

No simbolismo dos Mistérios wiccanianos, em Yule devemos estar preparados para romper com a nossa inatividade. A semente representa o estado de latência e imobilidade pelo qual todos nós passamos ao final de um ciclo na vida. A grande dificuldade é romper com a falsa segurança da semente, que tem todas as possibilidades em si mesma de se tornar uma grande árvore. Aqui, precisamos fazer uma difícil escolha: permanecer seguros, protegidos pela casca da semente, ou enfrentar as dificuldades do lado de fora. Entretanto, na segurança da semente não existe vida. A vida só é possível quando saímos e nos expomos às intempéries. Em termos iniciativos, representa a saída da escuridão protetora da ignorância para a luz”.

ANEXO B - Roteiro de entrevista

Nome:

DADOS PESSOAIS

idade		R		Est		I		Ba	
		aça		ado Civil		nstrução		irro	
exo		Fi		Or.		P		M	
		lhos		Sexual		rofissão		ora com	

GOSTOS

1. Cinco coisas que mais gosta de fazer.
2. Música:
3. Filmes:
4. Livros:
5. Assuntos os quais gosta de conversar:
6. Atitudes que mais detesta:
7. Atitudes que mais admira:
8. Seu nível de convivência nos seguintes círculos (numa nota de 1 a 5):

() Família () Vizinhaça () Trabalho () Escola, faculdade ou curso
9. Seu círculo principal de amigos é de onde:

() Trabalho () Escola, curso ou faculdade () Associação política () Sua religião

() Amigos Virtuais () Vizinhaça () Amigos de infância ou de outras épocas da vida

() Não tenho grupo de amigos

DADOS DE TRAJETÓRIA

1. Qual o nome do seu caminho espiritual, caso haja um nome para ele?
2. Como era a religião da família em que você cresceu?
3. Como e em que ano você conheceu o paganismo?
4. Desde que começou sua busca espiritual, você passou por outros caminhos ou se interessou por outras religiões ou formas de espiritualidade? Se sim, por quais caminhos você passou?
5. Qual o principal modo pelo qual você aprende sobre seu caminho espiritual?
6. O que mais lhe atrai na sua religião?

ENGAJAMENTO

1. Há alguma causa, ideologia ou movimento que esteja engajado ou considere importante se engajar? Alguma luta política ou ideológica do paganismo ou mesmo de fora do paganismo?
2. Há alguma idéia cuja defesa você considere muito importante?
3. Que idéias ou práticas você considera muito importante combater?

RELIGIÃO

1. Você segue alguma tradição pagã específica? Se sim, qual?
2. Como você aprende sobre ela?
3. Você faz parte de algum grupo ou é praticante solitário? Quantas pessoas são?

4. Você considera importante fazer parte de um coven? Por quê?
5. Você tem mais intimidade com alguma divindade específica? Qual o nome dela e suas principais características?
6. O que geralmente ele exige ou requer daqueles que se relacionam com ele?
7. Você possui um altar? Poderia descrevê-lo?
8. Qual o principal modo de você se conectar a seus deuses e cultivar a magia?

ANEXO C - Dados do ORKUT

1. Relação com religiões afro: Positiva Negativa Sem menção

2. Expressão Política: Expressa opinião Não expressa opinião

3. Posicionamento Político:
 reacionário moderado radical de esquerda indiferente
4. Quantidade de comunidades relacionadas a temas de religião e espiritualidade: _____

5. Principais omissões:
 Dados pessoais Orientação sexual Informações políticas
Gostos

6. Relação com temas de Nova Era (Orientalismo, medicina alternativa, holismo):

7. Relação com outras religiões:

8. Expressão de anti-cristianismo:

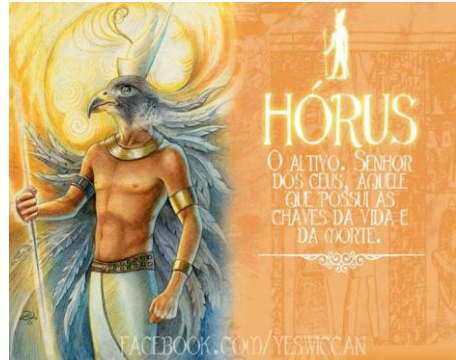
ANEXO D - Imagens e conversas em redes sociais

1. Representação dos deuses de acordo com o “Yeswiccan”³⁷, uma página pagã no Facebook muito freqüentada. Em junho de 2014, a página contava com 5983 participantes. A página concentra-se principalmente no humor.

Como se pode observar, a representação das divindades tem um forte apelo estético – às vezes até erótico. Isto talvez tenha alguma relação com o fato de que no neopaganismo, sobretudo na Wicca, há um esforço para que a sexualidade feminina seja vista como algo do qual a mulher deve não apenas cultivar, mas também se orgulhar, algo visto como constitutivo de sua identidade e até do seu empoderamento. Aqui as divindades não apenas representam domínios, mas também a personalidade daqueles que a elas se afinam. No caso das divindades masculinas, percebe-se um estilo muito comum em games que envolvem fantasia e mitologia. Esta característica denota a presença maciça de um componente jovem nesta religião.



³⁷ Link <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.497180850312076.126703.483013148395513&type=3> acessado dia 11 de junho de 2014.



2. Cartazes do evento “Dia do Orgulho Pagão”, mencionado diversas vezes nesta dissertação. O evento é bastante significativo para se estudar as posturas políticas dos grupos neopagãos num contexto de pluralidade religiosa como o Brasil.



3. Cartaz publicado no Facebook na época dos protestos do ano de 2013 que revela o apoio dos neopagãos às manifestações populares.

**ANTIGAMENTE AS BRUXAS
ERAM VERDES...**



BRASIL

**AGORA ELAS SÃO
VERDE, AMARELA, AZUL E BRANCO**

A BRUXA TÁ SOLTA!!!

4. Mais um cartaz relacionado ao Dia do Orgulho Pagão, dessa vez revelando o posicionamento desses religiosos no tocante à laicidade do Estado.



5. Imagem da página “Bruxaria Hipster”³⁸ revelando um pouco da relação dos grupos neopagãos com as religiões afro brasileiras. Summerland e Valhalla seriam reinos espirituais sagrados dos grupos neopagãos, tal como Aruanda o é para a Umbanda.



³⁸ Link <https://www.facebook.com/BruxariaHipster?fref=ts> .

6. Cartaz revelando a importância da distinção social para estes grupos. Também do site “Bruxaria Hipster”.



7. Esta imagem que foi postada no site mencionado na parte inferior traz algumas informações sobre valores morais dos praticantes.

Não lido com quem...

...acha que só há um caminho.

...se preocupa mais em criticar do que em fazer.

...se importa com títulos e hierarquias.

...ignora suas próprias raízes
e as de seu caminho.

...diz uma coisa e
faz outra.

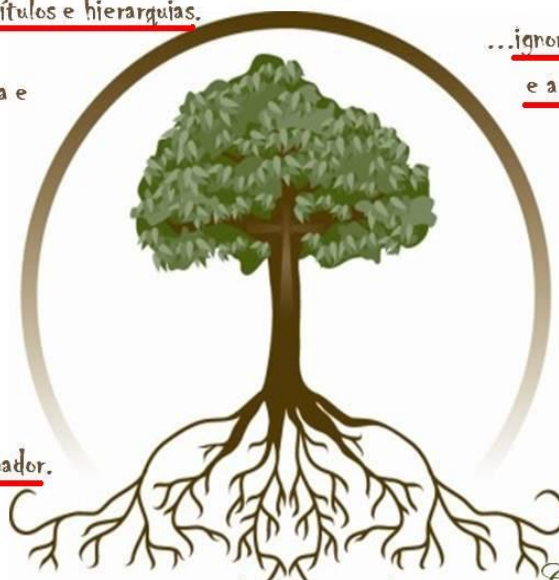
...acha que prática
é repetir o que os
outros fizeram ou
disseram para
fazer.

...se limita a rótulos.

...acha que 'aprender'
é memorizar datas
e fatos.

...critica o questionador.

...não questiona a
si mesmo.



www.claudiocrow.com.br

Claudio Quintino Crow

8. Sobre a ideia de verdade. Também do site “Yes Wiccan”.



9. Abaixo imagem de alguns altares publicado em uma sessão específica do site Yes Wiccan onde os bruxos deveriam postar fotos de seus altares pessoais. Como se percebe, há uma forte tendência sincrética na maior parte dos grupos, misturando panteões dos mais variados, algumas vezes até utilizando ídolos do Cristianismo ou das religiões afro brasileiras. O primeiro é do praticante Theis Marques. O segundo, de Darach Pwerus. E o terceiro, de Margareth Sotelo Rodrigues³⁹.



³⁹ Os nomes dos praticantes são “nomes da arte”, ou seja, não são seus nomes civis, mas sim como chamam a si mesmos entre os outros pagãos.



10. Outra imagem mostrando posicionamentos políticos.



11. Texto que me foi cedido pelo praticante Will Green, 28 anos, assistente em administração e aspirante do coven Chuva Vernal em resposta à pergunta que lhe fiz sobre como definiria sua religião.

A Arte da Teia

Há no homem algo de aranha, castor e abelha. Ele está inexoravelmente fadado a construir e desconstruir continuamente um mundo precário onde possa habitar. Precário, posto que sempre inconcluso e deficiente; mundo, posto que, diferentemente dos outros irmãos mais velhos – os outros animais e as plantas – nosso mundo nunca nos é dado pela natureza, mas interpretado pelos nossos símbolos, nossa cultura.

E é aí que eu vejo o milagre, a magia a que promete a Wicca. Não se trata de transformar chumbo em ouro, água em vinho, fazer jovem o velho Fausto ou fazer voar o imprudente Ícarus, a menos que todos esses feitos não passem de metáforas. A grande Arte mágica a que a Wicca pode nos dar é uma tecelagem

sofisticada. Vejo o homem como eterno tecelão de seu mundo; ele cria e recria a casa onde vive e sente e a Wicca é um aprimoramento da arte de tecer o mundo.

Eu vejo nosso mundo como uma casa velha, úmida e de estruturas comprometidas e os irmãos humanos de nosso tempo como preguiçosos, tímidos e temerosos de assumir sua vocação de artesãos. Há pessimismo, falta de auto-confiança e carências de toda ordem em toda parte. E há também subterfúgios – intelectuais ou não – para corações cansados esquivarem-se da responsabilidade por esta casa a que se chama história. Mercado, natureza humana, destino, dentre outras são palavras que o homem inventou para gozar o mundo sem assumir a responsabilidade pelo mesmo. A imutabilidade é uma invenção sórdida e conveniente do artesão cansado ou incompetente. Sofremos o mundo, mas não há como negar que agimos nele.

A Wicca, por sua vez, apesar das ambigüidades e heterodoxias, oferece novos alicerces para as estruturas e novas cores para o acabamento. Aqui, conforme disse no outro texto, os conflitos fundamentais da modernidade – ciência x religião, individualidade x pertencimento, crítica x resignação, natureza x cultura, magia x realidade – encontram sua superação ou, no mínimo uma proposta de superação. A Wicca, é antes de qualquer coisa, uma fundação e não uma reação, apesar daqueles que focam mais no anti-cristianismo do que na magia. Seu mundo é uma interrogação dada a todos e uma exclamação – ou afirmação – encontrada somente nas profundezas do íntimo de cada bruxo, mas nunca uma negação niilista das respostas existentes. Ela não responde as questões existentes, mas as despreza em prol da colocação de outras questões, mais substanciais.

Sua grande magia é a tessitura de um novo e melhor mundo dentro e fora do homem para que este possa viver. Ela não é um retorno ao primitivo, embora assim se sugira; mas uma sofisticação da civilização na única direção possível para a continuação da mesma, posto que as antigas crenças do que esta significava eram na prática uma terrível violência do homem sobre si mesmo e sobre o mundo.

Will Green 25/11/13

12. Resposta do praticante acima mencionado sobre o que “não” seria Wicca:

O QUE A WICCA NÃO É

Acho que já disse isto também acima, mas só para obedecer a estrutura que você, Terra Molhada, sugeriu, vou listar este em tópicos:

- Não é Harry Potter, RPG ou Senhor dos Aneis;
- Não é Cristianismo primitivo;
- Não é Bruxa de Blair, não é satanismo;
- Não é misticismo puro, nem magia do caos;
- Não é individualismo, embora seja em boa parte individualidade;
- É feminista, mas este não é um machismo às avessas;
- Não é proselitismo;
- Não é igreja.

13. Cartaz de um praticante sobre o Festival de Beltane, um festival relacionado à fertilidade, com forte teor de sexualidade.

Meu Eu Beltane

Eu sou o Sol que brilha em teu caminho,

Homem verde da mata que te espreita,

Sou macho viril, filho de Bel,

Amante entregue a ti na noite sagrada.

Eu sou o temor, eu sou sua vida,

Homem que fecunda a terra em ti,

Sou o iniciado, representante dos Antigos,

Olhar que estremece a alma, enquanto humana.

Eu sou o fogo que aquece e ilumina teu corpo, noite,

Dia sem luz, por entregar-se a ti,

Sou eu o guerreiro, teu amante, guerra.

Fogo Sagrado, aceso, Imortal nesta Terra!

- Magnus Anala Morgann

FELIZ BELTANE!!!



13. Foto de artesanato mostrando “A Roda do Ano”, o calendário litúrgico da Wicca, contendo os nomes dos 8 sabás.



14. Imagem mostrando a difusão do evento “Encontro Social Pagão” (ESP) no Brasil.



15. Abaixo um interessante texto do praticante Morpheus publicado no site da Abrawicca⁴⁰ que pode ser usado para pensar a questão do neopaganismo como reconstrução, bem como evidencia o anticristianismo.

Descobrimo Novos Meios para se Atingir Antigos Fins

novembro 3, 2012 em Projeto Gaia Paganus - Encontro Social Pagão

“É preciso romper com certos paradigmas na Magia nos dias de hoje. É precioso descobrir novos meios para se atingir antigos fins. Isto não significa abandonar, romper ou descaracterizar antigos Ritos, costumes e práticas e sim, de que precisamos aprender à nos adaptar aos novos tempos.” Escrevi isto no dia 24/09/2012 pensando sobre como algumas pessoas que se agarram à certos conceitos (e preconceitos) tão infundados que em tempos mais atuais perdem todo o sentido e razão de ser. Ouço, leio e vejo muitas pessoas se referirem à suas opções Religioso-Filosófica que sejam fundamentadas nas práticas de Magia como “Antiga Arte” ou “Velha Religião”... isto talvez aconteça para evocar uma certa aura romântica ou para conferir credibilidade e legitimidade à suas práticas e crenças. Sei que nem todos são, agem ou pensam dessa maneira... mas e os que pensam: por que tanta resistência à aquilo que é novo e moderno?

É claro que se deve ter um mínimo de coerência naquilo que Realmente diz respeito e se relaciona à Magia, pois nos últimos anos, tem havido muita confusão e loucura por parte de algumas pessoas confusas (para não dizer loucas) que tentam misturar coisas que não tem nada à haver. Peguemos por exemplo um termo que surgiu à algum tempo atrás: “Wicca Cristã”. Gente alguém poderia me explicar (se é que isso é possível) porque disso? Na minha opinião, são pessoas reprimidas e mal resolvidas que não sabem o que querem de verdade e tentam misturar coisas que não tem nada à haver entre si... na minha opinião, não são nem bons Pagãos e nem bons Cristãos. Vejo e ouço muitas pessoas se referirem à si mesmos como “Pagãos”... mas o que seria ser Pagão nos dias atuais? Com certeza, não poderá ser o mesmo que o seu antigo significado que na sua tradução mais literal seria camponês, trabalhador ou morador que trabalha e vive no campo e me áreas rurais. Estas pessoas tinham um relacionamento íntimo, profundo e vital com as Divindades, a Natureza, a Terra e seus Ciclos vida, Morte e Renascimento. Nós podemos afirmar que agimos assim? Nestes tempos modernos, a gente não come o que planta; não vivencia e não percebe com facilidade as passagens das estações por conta da vida atribulada das grandes cidades e também por conta das comodidades destes “tempos modernos”. Então, como fazer para conseguir reestabelecer este elo antigo e tão especial que os antigos possuíam? Creio que é isto que estamos tentando fazer com nossos atos, gestos e palavras; Com nossas atitudes, Ritos e Rituais; Estamos descobrimo novos meios para atingir antigos fins... e Isto não significa abandonar, romper ou descaracterizar antigos Ritos, costumes e práticas e sim, de que precisamos aprender à nos adaptar aos novos tempos de maneira coerente.

Bênçãos Plenas.

Morpheus

*Coven
ESP – RJ*

Alkathia

16. Abaixo outro texto do praticante Morpheus, dessa vez problematizando a imagem do bruxo. Publicado no grupo “O Ser Pagão”⁴¹.

Repensando a imagem do Brux@ nos dias atuais

Fico pensando às vezes na maneira em que algumas pessoas que são (ou que se dizem) Brux@s⁴², Feiticeir@s, Wiccan@s ou que seguem algumas das várias Religiões ou Tradições que se sintonizam e celebram

⁴⁰ Disponível em <http://www.abrawicca.com.br/?p=186>, em 11/06/2014.

⁴¹ Disponível em <https://www.facebook.com/groups/259621034099694/?ref=ts&fref=ts>, em 11/06/2014.

os Ciclos da Natureza e o Culto às Divindades Ancestrais se apresentam na sociedade. Percebo que muitas pessoas tendem ao exagero, achando que precisam se evidenciar de alguma maneira para que assim, sejam reconhecidas ou identificadas como praticantes de algumas das vertentes do Paganismo ou Neopaganismo.

Mas será que isto é realmente necessário? Qual o real sentido em se expor desta maneira?

Na minha opinião, isto não se faz necessário, pois não preciso e nem quero ser taxado ou rotulado como isto ou como aquilo... até por que aquilo que a gente quer passar e aquilo que as pessoas interpretam está à anos luz de serem as mesmas coisas. Já foi tempo em que se vestir de preto, usar um pentagrama ou qualquer outro símbolo ligado à Magia servia (se é que em tempos atuais isto serviu) para identificar quem alguém era Brux@. Todos nós sabemos da maneira preconceituosa como a Sociedade vê estas pessoas que seguem este modo de ser, agir e pensar... será que ainda precisamos alimentar mais ainda esta visão deturpada e preconceituosa que as pessoas tem de quem segue estes caminhos? As pessoas precisam compreender que estas pessoas que seguem estes caminhos, são pessoas normais. Elas estudam e trabalham; são pais, filhos e irmãos; sofrem, sentem alegria e raiva como qualquer pessoa normal. Eu particularmente, não quero ser taxado de anormal ou louco. Não exijo que ninguém entenda a minha opção religiosa, mas sim que a respeitem... e isto me basta. Quanto ao que eu sou ou deixo de ser, não são as minhas roupas ou adornos que vão dizer, mas sim as minhas atitudes para com os Deuses que cultuo, os valores morais e éticos que cultivo é que poderão falar algo sobre mim.

Bençãos

Plenas

Morpheus
22,28/11/2012-13:11

do

Coven

Alkathia

Coordenador do ESP® BR – Projeto Gaia Paganus

17. Sobre auto iniciação. Pela praticante Ana Marques⁴³.

O que você pensa sobre auto-iniciação?

O caminho da bruxaria e da Wicca é bastante árduo: uma religião que não é de massas, que exige responsabilidade de seus praticantes, desconhecida da massa e da família, cheia de conotações distorcidas e com muito charlatão intitulado-se "Supremo Sacerdote do Barro Preto Mágico da Ordem Convexa de TODO Mundo"...

Além de tudo isso, a Wicca - por ser uma religião sacerdotal - faz com que aquele que a pratica necessite passar por transformações interiores poderosas. Que o tornam a cada dia uma pessoa mais e mais consciente de suas fraquezas e de seus erros.

Ou seja, é um processo muito difícil para ser feito sozinho. Não somos totalmente imparciais conosco, qualquer trabalho interno, sem a ajuda de terceiros, é sempre mais longo e mais difícil. Somos em essência regidos por hábitos e padrões e o Sacerdócio envolve questionar TODOS os nossos hábitos e padrões, além de muitas vezes compreendê-los (em sua origem) para extirpá-los.

Feito todo esse preâmbulo, digo: acho que quem se auto-inicia - sem sequer um grupo de estudos de apoio - é muito corajoso e enfrentará um caminho de espinhos muito maior e mais difícil do que aquele que o faz com um coven e Sacerdotes de suporte. Ele pode cair no auto-engano - todos podemos - e ele pode - com a conexão dos Deuses - superar isso tudo. Ou não.

A iniciação - independente se feita sozinha ou pelas mãos de quem veio antes de você - é um processo que acontece dentro da gente. Toda iniciação é válida se quem passou por ela morreu e renasceu. Não importa como ela aconteceu. Menos ainda se foi auto.

Mas de qualquer forma, não ficaria tranquila se não fizesse minha advertência: quem deseja passar pela auto-iniciação deve - mais que tudo - estudar e meditar de forma quase compulsiva. Estudar muito, estudar tudo. Não se limitar aos livros comuns de Wicca. Estudar antropologia, psicologia, arqueologia e história. Estudar mitologia comparada. Ler textos de pessoas de diferentes tradições. Estudar Gerald Gardner, Patricia Crowley, Casal Farrar, Viviane Crowley, Doreen Valiente e demais precursores da Wicca. Ler Gilberto de Lascaris. Ler e conhecer sobre magia. Olhar para si mesmo sem dó. Conversar com as pessoas que tem mais experiência e abrir a mente para ouvi-las. Apenas quando o conhecimento for extenso, o controle sobre o foco na meditação for forte, a capacidade de projetar e atrair

⁴² Mantive o "@" no lugar do "a" para manter-me fiel ao texto do praticante publicado no site.

⁴³ Disponível em <http://ask.fm/AnaMarquessss/answer/109209005924#> = em 8/2/2014.

energia estiver desenvolvido e tiver se sentido morrer e renascer algumas vezes diante dos insights que receber sobre si mesmo tiver transformado algumas coisas... somente assim adentre nesse processo de auto-iniciação. É isso.

18. Estatística de um site sobre como os visitantes tomaram ficaram sabendo da existência da IBWB (Igreja Brasileira de Wicca e Bruxaria), uma instituição que pretende representar o neopaganismo na esfera pública no Brasil. A estatística revela a importância da internet na difusão do neopaganismo.



19. Coven Chuva Vernal acerca dos protestos no Brasil em 2013⁴⁴.

O coven Chuva Vernal está indo pra rua. Vamos nos unir à multidão, lutar pela mesma causa, juntar bruxaria e pajelança às exigências sociais. Se preciso for, derrubaremos satélites e sinais de TV com feitiçaria. Somos com ANTEU: nossa força é a força da MÃE-TERRA, e enquanto estivermos com nossos pés no chão, seremos invencíveis.

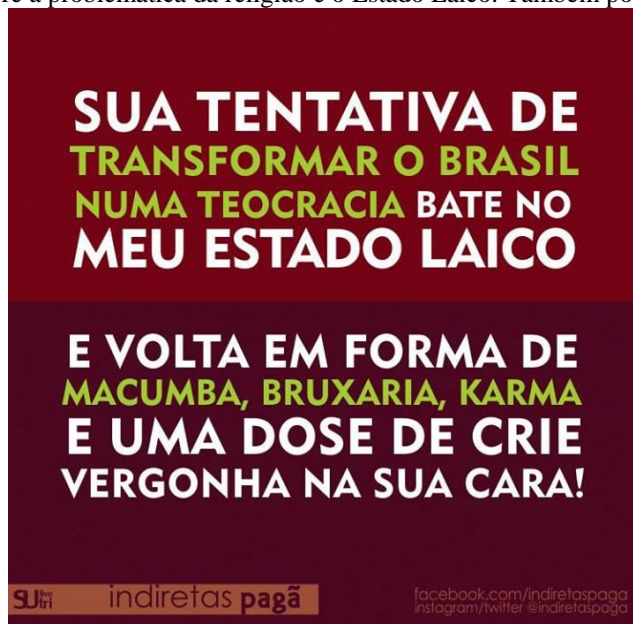
O pentagrama é nosso escudo, a gargalhada da floresta nosso brado, os cartazes nossa lança e os tambores nossa música!

Assim que voltarmos, pois VOLTAREMOS, teremos feito mais magia pela mudança do mundo do que jamais foi possível.

KÛSHE HA! Assim seja pelo poder do Três vezes o Três!

⁴⁴ Postado no facebook, na página do coven, no ano em questão.

20. Sobre a problemática da religião e o Estado Laico. Também postado em rede social.



21. A imagem abaixo, postada no perfil do Facebook de um bruxo wiccano é bastante ilustrativa do conceito de magia que é mais recorrente nesta religião.



22. “Manifesto Alkhateia”, onde o coven Alkhateia revela bastante sobre suas crenças e posições ideológicas. Cedido pelo praticante Morpheus e transcrito sem alterações.

Manifesto Alkathéia: Nossas intenções, compromissos e propostas:

Intitulamo-nos Neopagãos, por entendermos que os ensinamentos do Paganismo original praticado por vários povos na antiguidade se perderam no tempo. Para nós, toda e qualquer tipo de Religião intitulada Pagã contemporânea, foi fundamentada nos poucos registros que restaram dos antigos costumes, culturas e práticas dos povos da antiguidade e foram recriadas nos dias atuais, bebendo das mais diversas fontes.

Não pertencemos à nenhuma Tradição conhecida, porém, usamos o que de melhor e funcional para os nossos propósitos o que todas as Tradições Pagãs ou Neopagãs tem à oferecer. Para tanto, fez-se necessária uma adaptação da ritualística como a conhecíamos. Isso se deu por tentativa e erro, observando o que melhor se aplicava e adaptava ao nosso país, nosso clima, nossos costumes, realidade e tempo.

O principal objetivo dos celebrantes, praticantes e estudantes que se reúnem sob o nome de Coven Alkatheia, é o contato com o Divino nas suas mais variadas formas e manifestações. À essa energia ou Divindade, chamamos de "Deuses", "Invisível" ou "Inominável". Usamos esses termos para definirmos o que para nós é o Divino, por falta de um nome, palavra ou expressão que pudessem descrever e englobar o conceito de Divindade.

Acreditamos na polaridade, igualdade e imanência de tudo o que existe e consideramos os conceitos de bem e mal, luz e sombra, feminino e masculino, como uma tentativa do ser humano de descrever em palavras ou idéias o que a sua limitada compreensão não consegue entender ou explicar.

Buscamos o contato com o Divino, com a Natureza, com o ser humano e com o universo. Para tanto, realizamos Rituais e Práticas que são muito comuns à maioria das Religiões e Tradições Pagãs ou Neopagãs, com algumas modificações. Declaramos o nosso respeito à todas as Tradições Pagãs, Neopagãs ou não, celebrando sempre a Diversidade e a Liberdade de Fé e Expressão. Não desejamos de maneira alguma, entrar em atrito ou confronto com nenhuma das Religiões, Tradições ou Filosofias existentes. Queremos apenas encontrar a nossa maneira de celebrar e expressar a nossa Fé, o que é um direito assegurado por Lei e consta na Constituição Brasileira e no Código Penal. Estaremos no final deste manifesto de Intenções, disponibilizando os links com as referidas entidades para quem quiser se informar mais sobre o assunto. Intitulamo-nos "Coven Alkatheia". Usamos a palavra "Alkatheia", uma pequena variação da palavra Alcatéia, por causa da idéia que essa palavra evoca: grupo, coletividade. Os integrantes dessa Alkatheia, se intitulam Lobos, pelo significado de forte apelo Xamânico e Animalista que essa palavra exprime. Seguimos o modo de ser e viver dos Lobos.

Encerramos essa declaração, saudando todas as Tradições, Religiões, Crenças, Caminhos e Filosofias. Saudamos também, os nossos amigos, colegas e conhecidos e pedimos que nos abençoem nessa nossa caminhada, na nossa busca por uma maneira diferenciada de celebrar o Divino.

Harmonia, Paz e Respeito.

Bênçãos Plenas.

Finho e Morpheus, do Coven Alkatheia.

"O Lobo é a força da Alcatéia e a Alcatéia é a força do Lobo" - Rudyard Kipling

Rio de Janeiro, 24, 28/11/2007

23. A opinião do bruxo Carlos Alexandre sobre a atitude do pastor da foto publicada na rede social revela um pouco de sua síntese pessoal sobre a relação ciência e religião.

Essa vai entrar para a lista de personagens curiosos do Rock in Rio! Veja: <http://goo.gl/N1fnE>

Curtir · Comentar · Compartilhar · há 21 horas via celular · 🌐

👍 5 pessoas curtiram isso.

📄 4 compartilhamentos

💬 Ver mais 10 comentários

 **Carolina Teixeira** kkkkkkkkkk...
há 17 horas · Curtir

 **Carlos Alexandre Rodrigues da Costa** Todo tipo de proselitismo religioso e "verdades" não-científicas é um ato de autoritarismo e desrespeito as diferenças e singularidades de outros grupos e/ou individualidades. Será que ele gostaria que ocorresse distribuição de jornais ateístas em um show gospel?!
há 7 horas via celular · Curtir · 🌐

24. Rafael Trilhadovento, sacerdote do Coven Chuva Vernal, incitando os demais a tomarem posicionamento político frente ao que ele considerou ameaças ao Estado laico. Publicado nos grupos “O Ser Pagão”, “Espiral das Bacantes” e “Paganismo e Bruxaria”.

Neste momento trevoso da política Brasileira e dos Direitos Humanos do mundo, percebemos o que nossa inação têm permitido acontecer à nossa sociedade. É hora de nos movermos. Sairmos da sombra. Erguermos a mão. É hora do BASTA.

E nada melhor do que um hino⁴⁵ para inflamar o espírito, o coração pulsante da Terra, queimar a ignorância e a degradação.

KÛSHE HÁ!

⁴⁵ O hino em questão é uma conhecida canção neopagã, mas cuja transcrição não se faz necessária para o propósito da citação.

25. Neste trecho de uma conversa no Facebook a respeito da possibilidade de realização do Grande Rito (o ritual sexual) entre um casal de homossexuais masculinos, Rafael Trilhadovento não informa a posição do coven Chuva Vernal a respeito deste assunto, como também revela o forte caráter de “religião à la carte” da Wicca. Grifo meu.



26. Diferenciação entre Wicca e Nova Era feita pelo sacerdote Rafael Trilhadovento. O trecho também evidencia a incompatibilidade da Wicca com o Cristianismo na visão deste sacerdote.

WICCA E NOVA ERA – Trilhadovento

O que acontece é que com a insatisfação com as religiões intencionailizadas as pessoas procuraram alternativas que lhes dessem respostas mais pessoais e uma relação direta com o sagrado. Logo a Wicca foi uma alternativa interessante e muito difundida após a chegada dos iniciados de Gardner nas américas. E sim, a Wicca é uma Religião de Mistérios Iniciática. Eu não critico a popularização, meu problema é com a banalização com que muitos praticantes levam a bruxaria. Rezar o PaiNosso e acreditar em JC não torna vc um Padre, pq ler um livro e usar um pentagrama te tornaria um Sacerdote?

A Wicca, da forma como GG divulgou, tem seus princípios bem estabelecidos. Essa cultura fast food de aprender bruxaria em um workshop e dar a sua "leitura pessoal" não a torna mais plural, mas sim a faz diluída, a ponto de que os valores, a ética e as práticas wiccanas acabam (do ponto de vista de alguns) se irmanando com outras religiões adversas e criando disparates como "wicca cristã".

ANEXO E: Entrevistas

Nome: Caroline Fontes

DADOS PESSOAIS

idade		R		Est		Ins		Ba	
3		ança		ado Civil		trução		irro	
		B		So		Cu		Ri	
		ranca		lteira		rsando		o de	
						Ensino		Janeiro	
						Superior			
sexo		F		Or.		Pr		M	
		ilhos		Sexual		ofissão		ora com	
		N		Hé		Pr		Os	
		ão		tero		ofessora		pais	

GOSTOS

10. Cinco coisas que mais gosta de fazer.

Ler, escrever, estudar, sair e conversar.

11. Música:

Rock e MPB

12. Filmes:

13. Livros:

14. Assuntos os quais gosta de conversar:

Literatura, Educação, cinema, feminismo e sociedade

15. Atitudes que mais detesta:

Desrespeito, grosseria e agressividade.

16. Atitudes que mais admira:

Companheirismo, respeito e solidariedade.

17. Seu nível de convivência nos seguintes círculos (numa nota de 1 a 5):

(4) Família (1) Vizinhaça (3) Trabalho (4) Escola, faculdade ou curso

18. Seu círculo principal de amigos é de onde:

() Trabalho (x) Escola, curso ou faculdade () Associação política () Sua religião

() Amigos Virtuais () Vizinhaça (x) Amigos de infância ou de outras épocas da vida

() Não tenho grupo de amigos

DADOS DE TRAJETÓRIA

7. Qual o nome do seu caminho espiritual, caso haja um nome para ele? Bruxaria

8. Como era a religião da família em que você cresceu? Católica

9. Como e em que ano você conheceu o paganismo? Publicação de banca em 2001.

10. Desde que começou sua busca espiritual, você passou por outros caminhos ou se interessou por outras religiões ou formas de espiritualidade? Se sim, por quais caminhos você passou? Igreja Católica, breve contato com Igreja Evangélica, Wicca Gardneriana, Wicca Xamânica e Reconstrucionismo Helênico.

11. Qual o principal modo pelo qual você aprende sobre seu caminho espiritual? Como dedicada de um coven de Wicca Gardneriana.

12. O que mais lhe atrai na sua religião?

A conexão com a Natureza, a busca do auto-conhecimento, a doutrina e a prática.

ENGAJAMENTO

4. Há alguma causa, ideologia ou movimento que esteja engajado ou considere importante se engajar? Alguma luta política ou ideológica do paganismo ou mesmo de fora do paganismo?

Feminismo, descriminalização do aborto e liberdade religiosa.

5. Há alguma idéia cuja defesa você considere muito importante?

Respeito.

6. Que idéias ou práticas você considera muito importante combater?

Intolerância religiosa.

RELIGIÃO

9. Você segue alguma tradição pagã específica? Se sim, qual?

Wicca com elementos do Reconstrucionismo Helênico

10. Como você aprende sobre ela?

Muita leitura, práticas rituais e contato com outros praticantes.

11. Você faz parte de algum grupo ou é praticante solitário? Quantas pessoas são?

Atualmente não faço parte de nenhum grupo.

12. Você considera importante fazer parte de um coven? Por quê?

Sim. A convivência em comunidade é muito importante para aprofundar o conhecimento e trocar experiências.

13. Você tem mais intimidade com alguma divindade específica? Qual o nome dela e suas principais características?

Possuo maior dedicação em meu culto à Afrodite, a deusa grega do amor, da beleza e da sexualidade.

14. O que geralmente ele exige ou requer daqueles que se relacionam com ele?

Realização de libações e festivais específicos de seu culto e cuidado do praticante com o próprio corpo.

15. Você possui um altar? Poderia descrevê-lo?

O meu altar possui imagens de Afrodite (e conchas), Zeus, Poseidon e símbolos de Atena (uma coruja) e Héstia (fogo sagrado), também tem meu athame, alguns decks de tarô e alguns pêndulos.

16. Qual o principal modo de você se conectar a seus deuses e cultivar a magia?

Fazendo orações e libações frequentes em meu altar e rituais de acordo com a roda do ano.

Nome: Coruja (Gabriel Moon)

DADOS PESSOAIS

idade	21	raça	branco	estado Civil	solteiro	instrução	Superior incompleto	matrím. atual	solteiro	nome da mãe	Anta Rosa
sexo	Masculino	filhos	0	orient. Sexual	Heterossexual	profissão	Estudante	com pais	com pais	com pais	meus pais

GOSTOS

19. Cinco coisas que mais gosta de fazer.

Ouvir música, ler, jogar poker.

20. Música:

Industrial, EBM, MPB, rock,

21. Filmes:

Vejo qualquer um, sem preferência ou restrições.

22. Livros:

Leio normalmente literatura brasileira e vários outros sobre bruxaria, esoterismo e afins.

23. Assuntos os quais gosta de conversar:

Sobre música, bruxaria, assuntos ligados a faculdade, tecnologia

24. Atitudes que mais detesta:

25. Atitudes que mais admira:

26. Seu nível de convivência nos seguintes círculos (numa nota de 1 a 5):

(3) Família (1) Vizinhaça (3) Trabalho (3) Escola, faculdade ou curso

27. Seu círculo principal de amigos é de onde:

() Trabalho () Escola, curso ou faculdade () Associação política (x) Sua religião

() Amigos Virtuais () Vizinhança () Amigos de infância ou de outras épocas da vida

() Não tenho grupo de amigos

DADOS DE TRAJETÓRIA

13. Qual o nome do seu caminho espiritual, caso haja um nome para ele?

Wicca

14. Como era a religião da família em que você cresceu?

Espíritas, umbandista e católicos.

15. Como e em que ano você conheceu o paganismo?

Em 2004, em um dos encontros semanais de jogadores de card games em Niterói. Numa roda de assuntos diversos surgiu o assunto sobre religião, onde um deles me falou um pouco sobre wicca e paganismo.

16. Desde que começou sua busca espiritual, você passou por outros caminhos ou se interessou por outras religiões ou formas de espiritualidade? Se sim, por quais caminhos você passou?

Minha busca inicialmente foi apenas por estudo, então passei eu diversos lugares buscando apenas conhecer, não necessariamente me encontrar. Passei em estudo por doutrinas católicas, evangélicas, espíritas, umbandistas e gnósticas.

17. Qual o principal modo pelo qual você aprende sobre seu caminho espiritual?

Internet, livros e conversando com outros do mesmo caminho.

18. O que mais lhe atrai na sua religião?

O contato com a natureza, a compreensão da harmonia de todos os seres vivos.

ENGAJAMENTO

7. Há alguma causa, ideologia ou movimento que esteja engajado ou considere importante se engajar? Alguma luta política ou ideológica do paganismo ou mesmo de fora do paganismo?

Estou envolvido com o Encontro Social Pagão, um evento promovido com o ideal de socialização entre pessoas de culturas pagãs e curiosos pelo caminho.

8. Há alguma idéia cuja defesa você considere muito importante?

Preservação da fauna e da flora.

9. Que idéias ou práticas você considera muito importante combater?

RELIGIÃO

17. Você segue alguma tradição pagã específica? Se sim, qual?

Wicca xamânica.

18. Como você aprende sobre ela?

Estudando junto ao coven.

19. Você faz parte de algum grupo ou é praticante solitário? Quantas pessoas são?

Estou em um processo a ingressar em um coven que atualmente tem 5 membros.

20. Você considera importante fazer parte de um coven? Por quê?

As celebrações pagãos em sua origem eram festividades sociais, sendo assim, porque vou fazer uma festa só pra mim? Não desconsiderando quem faz sozinho, mas prefiro a troca de experiências que um grupo pode proporcionar.

21. Você tem mais intimidade com alguma divindade específica? Qual o nome dela e suas principais características?

Osíris. Ele é o senhor do submundo, da justiça e da agricultura, entre outras coisas.

22. O que geralmente ele exige ou requer daqueles que se relacionam com ele?

Olha, essa questão de exigir varia muito da forma de prática de cada um. Dentro da minha prática eu não exijo nada e nem ele de mim, há uma relação de respeito apenas. Só há tal relação de troca em algum trabalho específico e vai de acordo com o que está sendo feito, não há necessariamente um padrão.

23. Você possui um altar? Poderia descrevê-lo?

Sim. Normalmente varia de acordo com a época ou o que eu esteja fazendo.

24. Qual o principal modo de você se conectar a seus deuses e cultivar a magia?

Celebrandos os Sabaths e Esbaths.

Nome: Dayanne Pinheiro (Dara)

DADOS PESSOAIS

Idade	27	Raça	Branca	Bairro	São Gonçalo
Sexo	F	Filhos	2	Orientação Sexual	Heterossexual
Estado Civil	casado			Motivo	Marido e filho
Profissão	professora			Instrução	Superior Completo

GOSTOS

28. Cinco coisas que mais gosta de fazer. Dançar, ler, estudar astrologia, ouvir música e estar com minha família.

29. Música: Rock, folk, new age e MPB

30. Filmes: Animações, Épicos, Fantasia.

31. Livros: Fantasia, Ficção científica, investigação, Poesia, e esotéricos.

32. Assuntos os quais gosta de conversar: Astrologia, Livros e Filmes, Dança, assuntos relacionados às áreas de estudo minha e do meu marido.

33. Atitudes que mais detesta: Proselitismo e intolerância religiosa.

34. Atitudes que mais admira: Respeito e amizade

35. Seu nível de convivência nos seguintes círculos (numa nota de 1 a 5):

(5) Família (0) Vizinhança (1) Trabalho (1) Escola, faculdade ou curso

36. Seu círculo principal de amigos é de onde:

Trabalho Escola, curso ou faculdade Associação política Sua religião

Amigos Virtuais Vizinhança Amigos de infância ou de outras épocas da vida

Não tenho grupo de amigos

DADOS DE TRAJETÓRIA

19. Qual o nome do seu caminho espiritual, caso haja um nome para ele? Paganismo

20. Como era a religião da família em que você cresceu? Católica

21. Como e em que ano você conheceu o paganismo? A primeira alusão a paganismo que tomei contato foi o livro “Brida”, de Paulo Coelho, no ano de 2002. Em seguida li uma reportagem de revista e conheci uma praticante, mas que misturava noções wiccanas com magia popular diversificada (Ex: “Bíblia de São Cipriano”). No ano seguinte me mudei para o Rio de Janeiro, e tive acesso a revistas de banca de jornal e a material da internet de maneira mais facilitada, e foi daí que comecei a ler sobre sistemas de magia em geral. O início da prática e estudo especificamente pagão se deu após a leitura da saga “As brumas de Avalon”, onde tive de maneira mais eficaz a noção da construção histórica da figura de Satanás, sempre meio associada a tudo o que lia sobre magia. Com a leitura desse livro também pude começar a imaginar uma espiritualidade anterior ao cristianismo, muito mais livre e condizente com como eu queria ser no mundo, e como eu queria que o mundo fosse. Sei e sempre soube que o livro é ficção, mas foi ferramenta indispensável para eu me livrar do paradigma cristão. A partir daí comecei a procurar contatos e participar de ritos públicos e encontros de paganismo com o objetivo de conhecer e encontrar outros bruxos e bruxas, a participar de grupos de estudo e a ler literatura específica voltada para Wicca e paganismo.

22. Desde que começou sua busca espiritual, você passou por outros caminhos ou se interessou por outras religiões ou formas de espiritualidade? Se sim, por quais caminhos você passou?

Comecei sendo católica, passei por uma breve experiência com uma espécie de Satanismo e depois me tornei Pagã.

23. Qual o principal modo pelo qual você aprende sobre seu caminho espiritual?

Em ordem: Livros, Internet e grupos de convívio.

24. O que mais lhe atrai na sua religião?

A sacralização da Natureza, o respeito às demais formas de vida, a visão encantada do mundo, a ausência de dogmas e a abertura a sínteses pessoais baseadas em minha própria experiência.

ENGAJAMENTO

10. Há alguma causa, ideologia ou movimento que esteja engajado ou considere importante se engajar? Alguma luta política ou ideológica do paganismo ou mesmo de fora do paganismo?

Feminismo e Laicidade.

11. Há alguma idéia cuja defesa você considere muito importante? Feminismo e Laicidade

12. Que idéias ou práticas você considera muito importante combater? Acho importante combater a influência da religião na política, para que sejam possíveis a defesa de outras bandeiras, como a liberdade religiosa, as bandeiras do respeito aos homossexuais (lei anti-homofobia, casamento gay, etc) e o avanço do combate ao machismo e seus reflexos sociais (Violência, estupro e discriminação). Acho que pelo menos 70% das mudanças sociais e políticas do país dependem da redução da influência religiosa na política.

RELIGIÃO

25. Você segue alguma tradição pagã específica? Se sim, qual?

No momento não.

26. Como você aprende sobre ela?

27. Você faz parte de algum grupo ou é praticante solitário? Quantas pessoas são?

Sou praticante solitária.

28. Você considera importante fazer parte de um coven? Por quê? Sim, um Coven se torna uma família espiritual, uma oportunidade de troca de experiências mágicas e não mágicas, reforçando as experiências espirituais.

29. Você tem mais intimidade com alguma divindade específica? Qual o nome dela e suas principais características? Depende do momento. Tenho mais intimidade com

divindades femininas, e dependendo da ocasião posso estar mais ligada a Brigit, Morrighan ou Afrodite. Brigit é a Mãe; Morrighan é o Poder; Afrodite é o Amor.

30. O que geralmente ele exige ou requer daqueles que se relacionam com ele?

As divindades “exigem” que tenhamos seu Glamour, ou seja, sua vibração, sua energia, seu jeito de estar no mundo. Como no caso das divindades que citei acima, Brigit quer que eu seja a melhor mãe que eu puder. Se eu não for, não estarei comungando do Glamour de Brigit e assim ela não estará comigo. Morrighan quer que eu saiba lutar pelo que é meu, que saiba me impor diante da vida e de seus obstáculos. Afrodite quer que eu seja doce, amável, bela e distribua seu amor no mundo, que eu seja seu reflexo.

31. Você possui um altar? Poderia descrevê-lo?

Sim. Na parede há um pentagrama de cerâmica. Sobre o altar uma grande árvore, símbolo de minha devoção e de minha visão filosófica do mundo; uma fonte de água com cristais e um dragão, símbolo da minha abertura espiritual; dois suportes de vela em formato de trigo, lembrando da importância da terra e dos grãos; incensários, amuletos e oráculos também estão presentes.

32. Qual o principal modo de você se conectar a seus deuses e cultivar a magia?

Através dos rituais sazonais, da prática pessoal da magia e da observação inspirada dos sinais do mundo.

Nome⁴⁶:

DADOS PESSOAIS

idade	7	raça	negro	estado Civil	solteiro	instrução	Grau 2° Completo	bairro	angu
sexo		filhos		r. Sexual	gay	profissão	Maquiador	Moracom	Família

GOSTOS

37. Cinco coisas que mais gosta de fazer.

Ler, Maquiar, Estudar, Descobrir coisas novas, Dançar.

38. Música:

Indie, Pop, Folk, R&B, Hip Hop.

39. Filmes:

Musicais e Comédias

40. Livros:

Biografias, Poesias, Ficção

41. Assuntos os quais gosta de conversar:

Moda, Beleza, Música, Comportamento, Arte

42. Atitudes que mais detesta:

Egoísmo, Falta de perspectiva,

43. Atitudes que mais admira:

Determinação, Coragem, Fé.

44. Seu nível de convivência nos seguintes círculos (numa nota de 1 a 5):

(4) Família (1) Vizinhança (3) Trabalho () Escola, faculdade ou curso

45. Seu círculo principal de amigos é de onde:

() Trabalho () Escola, curso ou faculdade () Associação política () Sua religião

⁴⁶ Este praticante e o próximo preferiram não se identificar em virtude da resposta dada no campo “Orientação Sexual”.

(x) Amigos Virtuais () Vizinhança (x) Amigos de infância ou de outras épocas da vida

() Não tenho grupo de amigos

DADOS DE TRAJETÓRIA

25. Qual o nome do seu caminho espiritual, caso haja um nome para ele?

Sou Politeísta.

26. Como era a religião da família em que você cresceu?

Evangélicos.

27. Como e em que ano você conheceu o paganismo?

Em 2003 iniciei por orientação de amigos uma pesquisa baseada no paganismo, interessado em suas inúmeras vertentes.

28. Desde que começou sua busca espiritual, você passou por outros caminhos ou se interessou por outras religiões ou formas de espiritualidade? Se sim, por quais caminhos você passou?

Iniciei na Wicca, mas sempre fui interessado em outros caminhos, conheci o Druidismo, Assatrú, Candomblé, Reconstrucionismo Helênico.

29. Qual o principal modo pelo qual você aprende sobre seu caminho espiritual?

Com livros e internet.

30. O que mais lhe atrai na sua religião?

Não me vejo dentro de uma religião e sim um caminho espiritual, e trilho ele com liberdade, fé e leveza, sem a intenção de obter benefícios por conta disso!

ENGAJAMENTO

13. Há alguma causa, ideologia ou movimento que esteja engajado ou considere importante se engajar? Alguma luta política ou ideológica do paganismo ou mesmo de fora do paganismo?

Não estou incluso no meio de engajamento político, mas no ecológico sim! Acho importante levar adiante projetos e práticas baseados em sustentabilidade.

14. Há alguma idéia cuja defesa você considere muito importante?

O combate à crueldade animal! Uso de peles, testes feitos em animais.

15. Que idéias ou práticas você considera muito importante combater?

Fanatismo em qualquer vertente religiosa.

RELIGIÃO

33. Você segue alguma tradição pagã específica? Se sim, qual?

Simpatizo com o Reconstrucionismo Helênico, porém não sou afiliado a nenhum grupo ou instituição.

34. Como você aprende sobre ela?

Há sites e grupos de discussão na internet, além de livros

35. Você faz parte de algum grupo ou é praticante solitário? Quantas pessoas são?

Sou solitário, porém me reúno com amigos para celebrações.

36. Você considera importante fazer parte de um coven? Por quê?

Acho importante estar bem consigo mesmo, e aprender se reconhecer como pessoa, não adianta querer estar em grupo quando se sente confortável fazendo suas práticas, sozinho.

37. Você tem mais intimidade com alguma divindade específica? Qual o nome dela e suas principais características?

Afrodite é a Deusa que sempre acompanhou meu caminho espiritual desde o início. Suas principais características são a beleza da vida, o riso fácil, o estar apaixonado por projetos, pessoas, ideias. Como Deusa do corpo está presente nos atos mais básicos humanos, como o sexo, nascimento. Ela é uma Deusa que incita a liberdade, a intimidade, o gozo. Seus domínios envolvem o mar, céus e a beleza da terra, como as flores.

38. O que geralmente ele exige ou requer daqueles que se relacionam com ele?

Afrodite tem uma forma encantadora e um tanto selvagem de ensinar seus devotos! Acredito que ela esteja sempre os levando em busca das maravilhas da vida, breves momentos que hoje em dia não são tão importantes, como gentilezas, a conquista, o charme, a beleza sem excessos, amar incondicionalmente. É um caminho de muitas lágrimas, a maioria de alegria, pois como Deusa do mar, rege os fluídos corporais, e é sempre calorosamente gostoso estar com Ela.

39. Você possui um altar? Poderia descrevê-lo?

Possuo um altar devocional, nele está uma estátua de Afrodite, algumas coisas do mar como conchas e búzios e flores. Em momentos de celebração e ofertas são acrescentados velas e incensos.

40. Qual o principal modo de você se conectar a seus deuses e cultivar a magia?

Fazendo preces diárias de agradecimento e orientação.

Nome:

DADOS PESSOAIS

idade	29	profissão	Matrícula	Estado Civil	Profissão	Instrução	Nível Superior Completo	Curso	Centro(Saquarema)
sexo	Masculino	filhos	Não apresentado	r. Sexual		Profissão	Professor	hora com	Pais

GOSTOS

46. Cinco coisas que mais gosta de fazer.

Ler, ouvir música, cultivar plantas, ficar em contato com a natureza (trilhas ecológicas), ensinar Biologia

47. Música: Skyline Pigeon, Someone saved my life tonight, Live like horses (Elton John), Dante's Prayer, End Game (Loreena McKennitt), Noites com Sol (Flávio Venturini), Vitoriosa (Ivan Lins), Planeta Água (Guilherme Arantes), Poema (Ney Matogrosso) ..dentre muitos outros clássicos da nossa MPB.

48. Filmes: Philadelphia, A lista de Schindler, O menino do pijama listrado, Armagedon, O sexto sentido, Olga, etc

49. Livros: Brida, Manual do Guerreiro da Luz, As margens do Rio Piedra, eu senti e chorei (Paulo Coelho), A Arte da Felicidade (Dalai Lama), O poder da Bruxa (Laurie Cabot), A Bruxa Solitária (Rae Beth), A dança Cósmica das Feiticeiras (Rubens Bulad), Os paradoxos da Sabedoria Oculta (Eliphas Levi), AA revolução dos Bichos (George Orwell), etc.

50. A Travessia das Feiticeiras

51. Assuntos os quais gosta de conversar:

Natureza, preservação ambiental, meio ambiente, cultivo de plantas, livros, assuntos sobrenaturais, Turismo, etc.

52. Atitudes que mais detesta:

Falar de celebridades, funk, vida dos outros, política, futebol, etc

53. Atitudes que mais admira:

Solidariedade, compaixão, perseverança, luta por um ideal.

54. Seu nível de convivência nos seguintes círculos (numa nota de 1 a 5):

(4) Família (3) Vizinhança (4) Trabalho (3) Escola, faculdade ou curso

55. Seu círculo principal de amigos é de onde:

(X) Trabalho () Escola, curso ou faculdade () Associação política () Sua religião

() Amigos Virtuais () Vizinhança (X) Amigos de infância ou de outras épocas da vida

() Não tenho grupo de amigos

DADOS DE TRAJETÓRIA

31. Qual o nome do seu caminho espiritual, caso haja um nome para ele?

32. Independente da religião busco uma que me ajude a conhecer a mim mesmo, por isso leio as bases teóricas de várias religiões, me identifico com algumas, mas a única que me sinto totalmente bem, a qual conheci por mero acaso é a Wicca.

33. Como era a religião da família em que você cresceu?

Sou de uma família Católica Apostólica Romana Praticante...também fui praticante por algum tempo, mas sentia que faltava algo, a medida que lia sobre religiões passei a desacreditar na afirmação de um DEUS Onipotente e que julga de forma eterna e imutável seus filhos condenando-os eternamente a um local chamado céu ou inferno. O conhecimento nos abre portas...

34. Como e em que ano você conheceu o paganismo?

Conheci durante a faculdade de Biologia um artigo q estava lendo pra elaborar meu trabalho de conclusão de curso que ressaltada as imagens de uma deusa de corpo avantajado que sempre eram encontradas em escavações de algumas civilizações de pontos distintos do Planeta, como representação de uma mãe que nutria seus filhos e era venerada por isso. Coincidentemente um belo dia voltando pra casa encontro num

ponto de ônibus um livro com uma fogueira na capa...comecei a ler e a literatura me envolveu por completo...se tratava de BRIDA do autor Paulo Coelho que narra a busca espiritual de uma irlandesa jovem pela cidade de Dublin...desde esse momento passei a perceber que o que muitas vezes parecia uma simples coincidência..na verdade eram chamados de algo que ainda não conseguia compreender..passei a ler bastante sobre religiões e descobri que o paganismo é algo tão antigo que se mescla com a história do homem, e que já era praticado desde o paleolítico, ou seja, muito antes do Cristianismo ou Islamismo se estabelecer como doutrina no velho continente...Depois disso comecei a perceber os equívocos das religiões em si, como negar a reencarnação e acreditar em céu e inferno, pois se DEUS é um ser de amor...jamais iria condenar um ser que foi feito a sua imagem e semelhança a uma sentença de sofrimento eterno como prega algumas religiões...essas lacunas me fizeram questionar e buscar novos preceitos, foi a e que vim parar no Paganismo, algo que hoje, mesmo praticando solitariamente me completa por inteiro.

35. Desde que começou sua busca espiritual, você passou por outros caminhos ou se interessou por outras religiões ou formas de espiritualidade? Se sim, por quais caminhos você passou?

Sim.Religião Católica (Grupo Jovem), mas não supriu o que eu buscava numa religião.

36. Qual o principal modo pelo qual você aprende sobre seu caminho espiritual?

Lendo livros de diferentes religiões, questionando e tirando minhas próprias conclusões.

37. O que mais lhe atrai na sua religião?

38. O fato de não existir um Deus onipotente e patriarcal e sim uma Deusa que se faz presente quando é invocada e que mostra sua face nos quatro elementos primordiais da natureza, revelando seu corpo, seu espírito, seu útero e seu sopro vital.

ENGAJAMENTO

16. Há alguma causa, ideologia ou movimento que esteja engajado ou considere importante se engajar? Alguma luta política ou ideológica do paganismo ou mesmo de fora do paganismo?

17. Sim.Como Biólogo e professor luto pelo desmatamento zero da Mata Atlântica, Conscientização dos meus alunos (novas gerações) da importância de nossos

ecossistemas, e o porquê de se preservar nossa fauna e flora, e a conscientização e luta pelo fim da caça e comercialização de animais silvestres em comércio negro e feiras livres. Quando possível, gosto de me dedicar a trabalhos voluntários em prol de uma reserva ecológica que está sendo criada aqui na Região dos Lagos.

18. Há alguma idéia cuja defesa você considere muito importante?

Preservação dos 7% de Mata Atlântica que ainda temos, fim da comercialização de animais silvestres e defesa de um estado nacional sempre laico onde todos poderão manifestar sua religião sem favorecer ou menosprezar uma ou outra.

19. Que idéias ou práticas você considera muito importante combater?

Fanatismo religioso, mistura desastrosa de política e religião, fim do estado laico (como querem alguns partidos políticos de bancada evangélica), intolerância racial, sexual ou qualquer outra que venha menosprezar as minorias.

RELIGIÃO

41. Você segue alguma tradição pagã específica? Se sim, qual?

Wicca...mas não tenho um panteão definido...embora haja muitos nomes...gosto de sempre me referir a Deusa Gaia e ao Deus Cornífero.

42. Como você aprende sobre ela?

Lendo, questionando e tirando minhas próprias conclusões. Também praticando meus rituais isoladamente e atento aos resultados.

43. Você faz parte de algum grupo ou é praticante solitário? Quantas pessoas são?

Sou praticante solitário...Tenho muito receio de encontrar pessoas mal preparadas e que acabe atrapalhando ao invés de ajudar na minha busca espiritual..mas mesmo assim busco por encontrar um grupo idôneo..Pois como diz um ditado da Tradição..." quando o discípulo está preparado, o mestre aparece."

44. Você considera importante fazer parte de um coven? Por quê?

Sim. Trocas de experiências e trabalha melhor as energias.

45. Você tem mais intimidade com alguma divindade específica? Qual o nome dela e suas principais características?

Não tenho...sempre trabalho com a deusa Gaya e o Deus Cornífero.

46. O que geralmente ele exige ou requer daqueles que se relacionam com ele?

Que obedeçamos a Lei Tríplice..ou seja tudo que mandares pra fora por meio de magia (seja coisas boas ou más)volta mais cedo ou mais tarde3 vezes mais forte pra você.

47. Você possui um altar? Poderia descrevê-lo?

Sim..mas só monto quando vou realizar algum ritual.

Ele é composto por um pentagrama na parte central, um caldeirão de ferro de 3 pés na frente,uma varinha mágica com um cristal de quartzo na ponta na parte frontal.Do lato esquerdo um athame de cabo preto (Ar),um incenso e uma vela branca representando o Deus,na parte de trás do pentagrama, uma vela vermelha representando a Arte e homenageando os que morreram em seu nome durante a Inquisição, na parte direita,um cálice com água, um pote com sal(Terra) e uma vela preta representando a Deusa.O altar é montado a Norte dentro do Circulo

48. Qual o principal modo de você se conectar a seus deuses e cultivar a magia?

Celebrando rituais em cada sabbat e esbatt.

Nome: Graciellen Alves Fagundes⁴⁷ (Aretha Berdina)

DADOS PESSOAIS

idade	5	ação	egra	stado Civil	olteira	nstrução	perior Co mpleto	airro	cântara- São Gonçalo
exo		ilhos		r. Sexual	etero	rofissão	ermeira	ora com	is e um cão

GOSTOS

56. Cinco coisas que mais gosta de fazer.: Ler, cinema, dançar, fazer compras, apreciar boa gastronomia
57. Música: Rock, pop, MPB, samba, new age, música celta, folk, metal, gothic metal, nem metal, etc.
58. Filmes: Drama, suspense, épico, terror, animação, biografias, romance.
59. Livros: Medieval, fantasia, esotéricos, literatura wicca, suspense, thriller, ficção.
60. Assuntos os quais gosta de conversar: Enfermagem, seriados, livros, magia, filmes, sexo, cotidiano, tecnologia, games.
61. Atitudes que mais detesta: falsidade, desrespeito de qualquer espécie, traição
62. Atitudes que mais admira: salvar uma vida (seja ela qual for), compaixão, coragem, iniciativa ao ajudar um animal abandonado.
63. Seu nível de convivência nos seguintes círculos (numa nota de 1 a 5):

⁴⁷ Esta praticante deixou a Wicca no final de 2013 e agora define-se como umbandista, freqüentando e praticando a religião em um terreiro no município de São Gonçalo.

(5) Família (2) Vizinhança (4) Trabalho (5) Escola, faculdade ou curso

64. Seu círculo principal de amigos é de onde:

(x) Trabalho (x) Escola, curso ou faculdade () Associação política (x) Sua religião

(x) Amigos Virtuais () Vizinhança () Amigos de infância ou de outras épocas da vida

() Não tenho grupo de amigos

DADOS DE TRAJETÓRIA

39. Qual o nome do seu caminho espiritual, caso haja um nome para ele?

Wiccana

40. Como era a religião da família em que você cresceu?

Complexa. Minha avó materna é evangélica, minha avó paterna é umbandista, minha mãe é espírita kardecista e meu pai é cético.

41. Como e em que ano você conheceu o paganismo?

Foi no ano de 2002. Estava muito inquieta com a minha espiritualidade, já que absolutamente nada me preenchia completamente. Nada me deixava plena. Já tinha tido alguns sonhos que foram, de certa forma, reveladores. Em um deles, eu me via com uma guirlanda (na época, nem sabia o nome...rs). Quando, um dia, em uma praça na Carioca, entrei em uma banca e vi uma revista e, em sua capa, tinha uma mulher com uma guirlanda bem parecida com a do meu sonho. Na capa estava escrito "WICCA". Resolvi me arriscar e comprar a revista para saber do que se tratava. E desde então, trilho o caminho da Deusa.

42. Desde que começou sua busca espiritual, você passou por outros caminhos ou se interessou por outras religiões ou formas de espiritualidade? Se sim, por quais caminhos você passou?

Não. Desde que comecei, em nenhum momento me interessei em seguir outro caminho. Apenas continuei analisando as outras religiões e seus costumes e crenças, mas apenas para conhecimento.

43. Qual o principal modo pelo qual você aprende sobre seu caminho espiritual?

Literatura confiável. Sou uma praticante solitária. Mas por vezes, eu tenho amigos(as) que seguem o mesmo caminho e trocamos ideias, conhecimento e experiências.

44. O que mais lhe atrai na sua religião?

Liberdade e ausência de dogmas e regras absurdas.

ENGAJAMENTO

20. Há alguma causa, ideologia ou movimento que esteja engajado ou considere importante se engajar? Alguma luta política ou ideológica do paganismo ou mesmo de fora do paganismo?

Acho importante todos os Wiccanos participarem da “Caminhada em defesa da liberdade religiosa”. Temos que ter a visibilidade das pessoas e, se tudo correr bem, sermos considerados uma religião oficializada.

21. Há alguma idéia cuja defesa você considere muito importante?

Não entendi a pergunta....=/

22. Que idéias ou práticas você considera muito importante combater?

RELIGIÃO

49. Você segue alguma tradição pagã específica? Se sim, qual?

Não. Sou uma praticante solitária.

50. Como você aprende sobre ela?

51. Você faz parte de algum grupo ou é praticante solitário? Quantas pessoas são?

Sou uma praticante solitária...Por enquanto.

52. Você considera importante fazer parte de um coven? Por quê?

Sim, acho muito importante, já que em um coven, podemos ter a vivência de um grupo de pessoas, todas em diferentes graus, aprender com elas, viver a magia com essas pessoas, além de aprender a liturgia wiccana da forma que ela deve ser feita dentro desse coven. A troca de experiência e vivência é uma das partes mais importantes dentro da Wicca, em minha opinião. A magia deve ser compartilhada, vivida em grupo, devemos aprender todos os dias com a magia. Dentro de um coven, há a possibilidade de aprender tudo em grupo. A dificuldade de um, será abraçada por todos. A felicidade de um, será regozijada por todos.

53. Você tem mais intimidade com alguma divindade específica? Qual o nome dela e suas principais características?

Não. Costumo celebrar sempre em nome da Deusa e do Deus.

54. O que geralmente ele exige ou requer daqueles que se relacionam com ele?

55. Você possui um altar? Poderia descrevê-lo?

Gostaria muito de descrevê-lo, mas infelizmente não possuo um.... #chatiada

56. Qual o principal modo de você se conectar a seus deuses e cultivar a magia?

Nos ritos de lua cheia, nos sabbaths, meditando e fazendo orações antes de dormir. Cultivo a magia em todas as coisas que faço durante o meu dia, seja em um simples banho, seja no pegar o sol da manhã.

Nome: Morpheus

DADOS PESSOAIS

idade	34	raça	branco	estado Civil	Divorciado	instrução	2º grau completo	Escolaridade	Ensino Superior
sexo	Masculino	filhos	2 (dois)	Sexual	Heterossexual	profissão	Técnico em Montagem e Manutenção de Informática/Consultoria de novas tecnologias	Matrícula	Não

GOSTOS

65. Cinco coisas que mais gosta de fazer.

Ler, escrever, ouvir música, ver filmes, estar em contato com a natureza

66. Música:Rock, Pop, MPB, New Age, Pop-Rock, Músicas dos Anos 80 e 90

67. Filmes:O Campo Dos Sonhos, Jardim Secreto, Ironias do Amor, Contatos Imediatos do 3º Grau, E.T., Tróia, Coração Valente, Hellraiser, Anjos Rebeldes, The ChroniclesofRiddick, Poltergeist, Poltergeist, Stargate, O Chamado, Ghost, Gladiador.

68. Livros:As cinco pessoas que você encontra no céu, A ultima grande lição, Por mais um dia, As Brumas de Avalon, As Crônicas de Artur, A Busca do Graal, O Caçador de Pipas, O Código Da Vinci, Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei, O Escaravelho Do Diabo, Sonhando com os Deuses, Deuses Americanos, Coisas Frágeis, Fumaças e Espelhos, A Menina que Roubava Livros, A Distância entre nós,O Livreiro de Cabul, Jackdaws, A Firma, Triologia Bourne, A Chantagem do Vixen 03, Ouro Inca, (entre muitos outros)

69. Assuntos os quais gosta de conversar:Qualquer assunto que seja interessante e que acrescente

70. Atitudes que mais detesta: Violência, arrogância, prepotência, egoísmo, hipocrisia

71. Atitudes que mais admira: Educação, respeito, tolerância, altruísmo e benevolência

72. Seu nível de convivência nos seguintes círculos (numa nota de 1 a 5):

(3) Família (3) Vizinhaça (3) Trabalho (3) Escola, faculdade ou curso

73. Seu círculo principal de amigos é de onde:

(X) Trabalho () Escola, curso ou faculdade () Associação política (X) Sua religião

() Amigos Virtuais (X) Vizinhaça (X) Amigos de infância ou de outras épocas da vida

() Não tenho grupo de amigos

DADOS DE TRAJETÓRIA

45. Qual o nome do seu caminho espiritual, caso haja um nome para ele? Sigo um Caminho próprio dentro da Magia/Bruxaria

46. Como era a religião da família em que você cresceu? Católico por imposição

47. Como e em que ano você conheceu o paganismo? Eu conheci o Paganismo em 2001 na forma de uma progressão natural na minha busca por um caminho que se alinhasse à algo que sentia. Daí comecei a ler, estudar e pesquisar... aí, conheci a Wicca e foi nela que iniciei minha caminhada.

48. Desde que começou sua busca espiritual, você passou por outros caminhos ou se interessou por outras religiões ou formas de espiritualidade? Se sim, por quais caminhos você passou? De escolha própria, comecei a frequentar reuniões Kardecistas, mas senti que aquele não era o meu caminho. Depois de ler e me informar, acabei me interessado pela Wicca inicialmente e depois de algumas rodas, acabei ingressando num caminho próprio dentro da Magia no qual estou até hoje.

49. Qual o principal modo pelo qual você aprende sobre seu caminho espiritual? De todas as maneiras possíveis... há lições em tudo: seja por leitura, música, conversas, Poesias, na natureza... em tudo há aprendizado para mim.

50. O que mais lhe atrai na sua religião? A liberdade de poder vivenciar-la no meu dia a dia e o contato direto com as Divindades e tudo o que envolve o caminho da Magia.

ENGAJAMENTO

23. Há alguma causa, ideologia ou movimento que esteja engajado ou considere importante se engajar? Alguma luta política ou ideológica do paganismo ou mesmo de fora do paganismo? Em meus Ritos e Rituais há o comprometimento em equilibrar as energias Naturais em nosso meio, de preservar a Natureza; Faço parte à algum tempo também do Projeto Gaia Paganus exercendo atividades em prol da comunidade Pagã e atualmente, sou Organizador do ESP (Encontro Social Pagão) Brasil.

24. Há alguma idéia cuja defesa você considere muito importante? Sim... a preservação da natureza, das Divindades que cultuo e de tudo aquilo que me é Sagrado

25. Que idéias ou práticas você considera muito importante combater? A intolerância Religiosa, o Preconceito e a violência de todas as ordens

RELIGIÃO

57. Você segue alguma tradição pagã específica? Se sim, qual? Sigo um caminho próprio dentro da Magia/Bruxaria

58. Como você aprende sobre ela? No dia a dia... nas minhas vivências e experiências, atos, Ritos e Rituais

59. Você faz parte de algum grupo ou é praticante solitário? Quantas pessoas são? Sim, faço parte do Coven Alkathia e é composto atualmente por 5 integrantes

60. Você considera importante fazer parte de um coven? Por quê? Sim, considero importante fazer parte de um Coven ou de um Grupo de Estudos, Celebrações ou Ritualística. Acho importante em algum momento se associar à outras pessoas com interesses semelhantes para que possam aprender mais e evoluir em sua caminhada.

61. Você tem mais intimidade com alguma divindade específica? Qual o nome dela e suas principais características? Minha afinidade mais marcante são com os aspectos mais arquetípicos das faces da Deusa e do Deus. Tenho afinidade com Divindades e

Elementos Ligados ao Ar e aos Sonhos... além de uma afinidade com o modo se ser, agir e viver dos Lobos.

62. O que geralmente ele exige ou requer daqueles que se relacionam com ele?

Responsabilidade e Comprometimento

63. Você possui um altar? Poderia descrevê-lo? Possui um Altar particular e um do

Coven... é um Altar bem simples compostos por peças bem simples e que mudam de acordo com os Ritos e Rituais ou as necessidades do momento

64. Qual o principal modo de você se conectar a seus deuses e cultivar a magia? há tantas

maneiras....posso citar dentre algumas: Os Ritos e Rituais, Meditação, Sonhos, quando escrevo ou crio algo, quando estou junto à Natureza.

Nome:Nathália Cristina dos Santos Costa

DADOS PESSOAIS

idade	1	ança		Estado Civil	Solteira	Instrução	Ensino Superior Incompleto	Bairro	Paraisópolis
sexo		filhos	-	orientação Sexual	Bissexual	Profissão	Auxiliar administrativa – Estagiária como Professora	Moradia	Sózinha

GOSTOS

1. Cinco coisas que mais gosta de fazer.
 - Envolver-me com musica
 - Ler um livro por distração/ Escrever por distração
 - Mexer com artesanato e pintura
 - Nadar
2. Música:Vertentes do Rock entre Punk Rock, Progressivo, Grunge, Folk, Indie, e Clássico. Musica pop internacional, MPB até o inicio dos anos 90.
3. Filmes:Drama e Comedia, filmes com referencias históricas (o gênero do filme independe muito)No geral não tenho preferencia de gêneros, mas sou muito critica com filmes.
4. Livros:Literatura Brasileira, Portuguesa e Inglesa, no geral são as que mais de interessam, preferencia por clássicos, leituras leves e fantasia.
5. Assuntos os quais gosta de conversar:(Todos) Musica filmes, livros, filosofias, politica, tendências, artes, religião. Sou adepta a conversar e dificilmente não me interesso por algum assunto mesmo que eu não saiba muito sobre, o interesse depende geralmente do nível de abertura e tolerância da outra pessoa

6. Atitudes que mais detesta: Atitudes invasivas, grosseria gratuita, falta de respeito, intolerância, desonestidade, covardia para com outras pessoas, ganancia e mesquinaria.
7. Atitudes que mais admira: Atitudes generosas, leais, companheirismo, coragem, empatia, honestidade e respeito.
8. Seu nível de convivência nos seguintes círculos (numa nota de 1 a 5):

(4) Família (2) Vizinhaça (2) Trabalho (5) Escola, faculdade ou curso

9. Seu círculo principal de amigos é de onde:

() Trabalho (x) Escola, curso ou faculdade () Associação política (x) Sua religião

() Amigos Virtuais () Vizinhaça (x) Amigos de infância ou de outras épocas da vida

() Não tenho grupo de amigos

DADOS DE TRAJETÓRIA

1. Qual o nome do seu caminho espiritual, caso haja um nome para ele?

Sou pagã, atualmente seguindo a tradição fairy.

2. Como era a religião da família em que você cresceu?

Católica/ Umbandista.

3. Como e em que ano você conheceu o paganismo?

2005, eu tinha mais ou menos 13 anos.

Desde que começou sua busca espiritual, você passou por outros caminhos ou se interessou por outras religiões ou formas de espiritualidade? Se sim, por quais caminhos você passou?

Sim, estudei o espiritismo nas vertentes de Kardecismo durante 3 anos e visitei alguns centros de umbanda, nunca deixei de pesquisar sobre magia, paganismo e wicca, mas só comecei a me aprofundar em 2007/2008.

4. Qual o principal modo pelo qual você aprende sobre seu caminho espiritual?

Livros, que pertenceram a minha mãe e a minha irmã mais velha foram o primeiro caminho, depois eu busquei conhecer pessoas ligadas a wicca e fazer o máximo de perguntas, não foi um caminho fácil por eu ter muito pouca idade e a religião ser um pouco receosa com crianças, é uma religião que pede vontade e determinação e certa decisão é um caminho que hoje reconheço que não pode ser imposto a uma criança de uma vez, deve ser introduzido aos poucos e a criança assim como adultos é que devem procurar a arte, busquei mesmo assim, me mantive curiosa e fui conhecendo pessoas e me preparando, e hoje já com idade tenho livre acesso a informação e ajuda no meio pagão.

5. O que mais lhe atrai na sua religião?

O contato com tudo o que é vivo, a sensação de pertencer a tudo o que me rodeia, saber que as respostas que procuramos, podemos encontrar olhando pra dentro, o autoconhecimento proporcionado é essencial para o meu poder pessoal e a minha autoestima, é indispensável que uma pessoa da arte se conheça e se aceite. O contato com os Deuses antigos é como uma resposta a tudo aquilo que fazia com que eu me sentisse desajustada na realidade que me era imposta, nunca me senti cristã apesar de ser como “senso comum” a maioria das pessoas nasce e é logo batizada numa igreja cristã, no entanto nunca me senti cristã, sempre senti que todos estamos ligados a algo maior algo que podemos sentir e ver quando olhamos pra tudo o que não foi modificado pelo homem, sempre senti que somos uma coisa só e somos todos iguais e interligados, mesmo que outras pessoas não consigam sentir com tanta força. A fraternidade que encontrei entre pessoas desse círculo e a certeza de que a maioria delas se encontrou ali porque se sentiu/sente da mesma forma.

ENGAJAMENTO

1. Há alguma causa, ideologia ou movimento que esteja engajado ou considere importante se engajar? Alguma luta política ou ideológica do paganismo ou mesmo de fora do paganismo? Sim, a favor da liberdade e do respeito, Independente do paganismo acredito que todas as religiões merecem respeito e total separação com a política e o estado. Sou anarquista acredito que a mudança ocorre lentamente mas que ela nunca vai acontecer se a gente não começa-la, costumo avaliar criticamente os movimentos onde me envolvo, não acredito em liderança sem cooperativismo, em auto-gestão, sou feminista, a favor da igualdade de direitos entre homens e mulheres,

do fim da opressão as minorias, acredito que só através do reconhecimento da igualdade haverá respeito.

2. Há alguma idéia cuja defesa você considere muito importante?

Todas acima, que estão resumidas.

3. Que idéias ou práticas você considera muito importante combater?

Opressão, coibir a corrupção de pessoas principalmente por dinheiro, violência verbal ou física, intolerância perante diferenças, desrespeito preconceitos, autoritarismo.

RELIGIÃO

1. Você segue alguma tradição pagã específica? Se sim, qual?

Sim. No momento sigo a tradição Fairy.

2. Como você aprende sobre ela?

Através da mãe de uma grande amiga que é pagã e me apresentou a outramulher que também seguia a tradição junto com o marido e queria mais pessoas verdadeiramente interessadas, depois disso fiquei livre pra conhecer outras tradições, me apaixonei por todas, mas resolvi começar o meu envolvimento com o casal que me instruiu e com o grupo deles seguindo a tradição na qual eles foram iniciados.

3. Você faz parte de algum grupo ou é praticante solitário? Quantas pessoas são?

Fui solitária até 2012, ano em que entrei para esse grupo, houveram algumas divisões ao longo da minha estadia no grupo mas hoje estamos estáveis a 1 ano em 7 pessoas.

4. Você considera importante fazer parte de um coven? Por quê?

Sim, acho que é realmente uma experiência importante por mais que a magia seja possível de ser trabalhada sozinha e funcione bem assim, é sempre bom ter um grupo em que podemos trocar informação, companheirismo, e até energia conviver em grupo é sempre mais difícil, mas lidar com pessoas é o principio do aprendizado de respeito com o outro e com você mesmo, em minha opinião, é muito raro encontrar pessoas realmente dispostas a dividir, confiar e respeitar, não importa a religião, mas mesmo que haja o risco de encontrarmos pessoas mal intencionadas sempre aprendemos alguma coisa com isso, e é sempre muito gratificante quando mesmo que com as nossas desconfianças encontramos pessoas bem dispostas e com boas intenções querendo nada mais do que trocar informação e boas energias com a gente,

mesmo que se prefira trabalhar sozinho acho importante a aproximação de um grupo ou covenpor experiência mesmo que por pouco tempo.

5. Você tem mais intimidade com alguma divindade específica? Qual o nome dela e suas principais características?

Não, tenho por algumas, com as quais faço meus altares em casa inclusive de panteões diferentes e por propósitos diferentes. Tenho meus 4 altares principais um para Bast – Deusa em forma de gata irmã de Sekmet, é uma Deusa na qual sempre senti grande ligação e sempre me passa uma sensação de proteção muito grande, Athena – Que sempre senti uma grande identificação, principalmente por se tratar de uma Deusa da guerra com a cabeça fria, sempre muito estratégica e sensata é e sempre será uma grande inspiração de força e sabedoria pra mim. Green Man – É o Deus que eu acredito que venero mesmo antes de conhece-lo, ele sempre esteve presente, é o rosto que eu sempre vi nas arvores, e no vento. Morrigan – Deusa a qual eu venho trabalhando e conhecendo melhor ultimamente, apesar de sempre ter tido esse altar a Rhiannon que sempre senti uma proximidade grande, Morrigan tem me trazido outras respostas para fases ruins nas quais nela encontrei a espada e o escudo e aprendizado com a maneira como lido com o luto.

6. O que geralmente ele exige ou requer daqueles que se relacionam com ele?

Cada um exige algo, mas os Deuses no geral exigem de nós, disciplina, cautela e principalmente respeito com tudo o que vive, porque estamos neles e com eles, eles tem acesso a mim e eu a eles sempre que preciso os busco, os saúdo e eles estão sempre ali, como Pai e Mãe sempre um fonte de sabedoria e proteção.

7. Você possui um altar? Poderia descrevê-lo?

Sim eu tenho um altar principal e outros 3, No meu altar há referencias a Deusa e ao Deus, todos os meus instrumentos mágicos, minhas pedras relacionadas a energia que quero conservar, incensos e algumas fotografias e entes queridos o altar, abaixo dele todos os meus oráculos, e alguns assessórios que uso como amuletos e talismãs dedicados aos Deuses. Gosto do meu altar principal sóbrio com poucas cores e muitas velas as cores geralmente variam com o solstício e o equinócio eu gosto de dar

temática dependendo do festival mas quase sempre mantenho ele sóbrio, referencias a todos os elementos, os outros estão mais de acordo com as cores dos Deuses para quais são dedicados.

8. Qual o principal modo de você se conectar a seus deuses e cultivar a magia?

Através de meditações e as vezes eu prefiro me recolher para algum local sozinha onde eu os sinto com mais força , por exemplo quando preciso me conectar com Green Man, procuro um lugar mais afastado da cidade uma cachoeira, um bosque algum lugar afastado e faço minhas orações e meditações, já com Morrigan tenho feito a noite, pode ser no meu quarto ou no quintal, na escuridão, também sozinha de preferencia na lua nova ou negra, muitas conexões acontecem através de sonhos comigo mas acho que o melhor modo é sempre convida-los ou encontra-los em uma meditação

Nome: Janaina da Silva Pinheiro

DADOS PESSOAIS

idade	6	ança		Estado		Instrução	PS	Endereço	São Francisco
sexo		filhos	0	Sexual	hetero	Profissão	Enfermeira	com gato	Mariado

GOSTOS

10. Cinco coisas que mais gosta de fazer.

Ler, jogar tênis, cozinhar, decoração, Xbox

11. Música:

Ferver Ray, Loreena McKennit, Joss Stone, Mawaca

12. Filmes:

Lord of the Rings, todos de sci-fi e fantasia

13. Livros:

Boudicca, biografia Alexandre o Grande, biografias em geral... Mas de vez em quando caio no romance brega Nora Roberts

14. Assuntos os quais gosta de conversar:

Tudo e mais um pouco.

15. Atitudes que mais detesta:

Hipocrisia, pessoas de mimimi, deboche

16. Atitudes que mais admira:

Pessoa de sorriso fácil, flexibilidade, resiliência

17. Seu nível de convivência nos seguintes círculos (numa nota de 1 a 5):

(3) Família (1) Vizinhaça (4) Trabalho (4) Escola, faculdade ou curso

18. Seu círculo principal de amigos é de onde:

() Trabalho () Escola, curso ou faculdade () Associação política (x) Sua religião

() Amigos Virtuais () Vizinhança (x) Amigos de infância ou de outras épocas da vida

() Não tenho grupo de amigos

DADOS DE TRAJETÓRIA

6. Qual o nome do seu caminho espiritual, caso haja um nome para ele?

Reconstrucionismo Celta

7. Como era a religião da família em que você cresceu?

Católica

8. Como e em que ano você conheceu o paganismo?

Em 1997 – foi lendo um livro sobre paganismo que algo se acendeu. Devorei o livro e comprei tantos outros. Quando fiz um curso de história antiga celta, que me apaixonei de vez e encontrei meu lugar.

9. Desde que começou sua busca espiritual, você passou por outros caminhos ou se interessou por outras religiões ou formas de espiritualidade? Se sim, por quais caminhos você passou?

Sim... passei pelo catolicismo, depois pelo kardecismo, pela Wicca e terminei no Reconstrucionismo Celta

10. Qual o principal modo pelo qual você aprende sobre seu caminho espiritual?

Estudo dos costumes antigos, da filosofia antiga e modo de vida, visão de mundo dos antigos celtas

11. O que mais lhe atrai na sua religião?

A força dos deuses, seu espírito bélico e guerreiro. De entender que somos parte de um todo e deuses em nós mesmos. Da comunhão com a Terra.

ENGAJAMENTO

4. Há alguma causa, ideologia ou movimento que esteja engajado ou considere importante se engajar? Alguma luta política ou ideológica do paganismo ou mesmo de fora do paganismo?

Sim. Sou ativista do movimento do parto natural humanizado e da consciência feminista.

5. Há alguma idéia cuja defesa você considere muito importante?

Que o parto é o início de uma nova sociedade. Como diz Michel Odent: Para mudar a sociedade, precisamos mudar a forma de nascer.

6. Que idéias ou práticas você considera muito importante combater?

Corrupção de uma forma em geral. Seja as macro corrupções dos políticos quando as micro-corrupções do dia a dia, entre pessoas comuns.

RELIGIÃO

9. Você segue alguma tradição pagã específica? Se sim, qual?

Reconstrucionism celta irlandês

10. Como você aprende sobre ela?

Através de livros de antropologia, arqueologia e de grupos de estudos.

11. Você faz parte de algum grupo ou é praticante solitário? Quantas pessoas são?

Praticante solitário

12. Você considera importante fazer parte de um coven? Por quê?

Sim. Num grupo, há comunhão de energias, há uma maior possibilidade de trocas de informações e pensamentos.

13. Você tem mais intimidade com alguma divindade específica? Qual o nome dela e suas principais características?

Manannan Mc Lyr

14. O que geralmente ele exige ou requer daqueles que se relacionam com ele?

Honestidade. E um bom banho de mar de vez em quando.

15. Você possui um altar? Poderia descrevê-lo?

Sim! É um aparador grande com taampo feito artesanalmente com pedras de azulejos. Tem um caldeirão ao centro sempre cheio de ervas, Uma tábua de Ogham com os gravetos em separado, Velas, difusor de essências, várias rochas, desde cristal até pedras de rio. Uma concha enorme representando Manannan. Um bastão indígena adornado de pedras. Há um diário de práticas. Acima do altar, há uma prateleira que serve de herbário (vários potes de vidro com ervas catalogadas).

16. Qual o principal modo de você se conectar a seus deuses e cultivar a magia?

Através das datas sagradas e nas conversas solitárias com os Deuses. Todo rito, seja ele em que data for, exige tempo e perseverança.

Nome: Salamanca

DADOS PESSOAIS⁴⁸

Idade	+	R	h	Bai	Tijuca
	de 42	aça	umana	rro	
Sexo	M	F	2	Or.	Diabeísso?
	acho	ilhos		Sexual	
Estado Civil	Casado			Mo	Família
				ra com	
Profissão	Técnico		de	Ins	Pós-médio
	Redes/Software			trução	

GOSTOS

19. Cinco coisas que mais gosta de fazer.

Ouvir música; assistir filmes; escrever; navegar em barcos; sexo; meditar

20. Música:

Não dá pra citar só uma de jeito nenhum. Apenas darei um exemplo: *Firth of Fifth*.

21. Filmes:

Muitos também. Mas como ícone é: “*O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante*”

22. Livros:

Psicologia de Massas do Fascismo – O Senhor das Moscas – Ameaça da Terra

23. Assuntos os quais gosta de conversar:

Todos

24. Atitudes que mais detesta:

Inveja

25. Atitudes que mais admira:

Concentração

26. Seu nível de convivência nos seguintes círculos (numa nota de 1 a 5):

(sendo 1 a mais baixa e 5 a mais alta, certo?)

(3) Família (2) Vizinhaça (4) Trabalho (4) Escola, faculdade ou curso

⁴⁸ A ironia evidente do praticante nos campos “raça”, “sexo” e “orientação sexual” revela o desprezo – ou talvez o caráter polêmico – dessas questões em seu sistema de valores.

27. Seu círculo principal de amigos é de onde:

(5) Trabalho (2) Escola, curso ou faculdade (1) Associação política (3)

Sua religião

(1) Amigos Virtuais (1) Vizinhança (2) Amigos de infância ou de outras épocas da vida

(0) Não tenho grupo de amigos

DADOS DE TRAJETÓRIA

12. Qual o nome do seu caminho espiritual, caso haja um nome para ele? No geral é o Paganismo. No específico não posso dizer.

13. Como era a religião da família em que você cresceu?

Católica e Bruxa Familiar

14. Como e em que ano você conheceu o paganismo?

Totalmente ao acaso há cerca de uns 11 anos

15. Desde que começou sua busca espiritual, você passou por outros caminhos ou se interessou por outras religiões ou formas de espiritualidade? Se sim, por quais caminhos você passou? Sim. Vários caminhos trilhei e ainda vou trilhar. Mais fácil eu citar os que não trilhei. Tais como: a Maçonaria, o Amish, a Cientologia, etc.

16. Qual o principal modo pelo qual você aprende sobre seu caminho espiritual?

Meditação, prática, leitura, conexão com meus Protetores Espirituais

17. O que mais lhe atrai na sua religião?

Várias coisas. O cerimonial é uma delas.

ENGAJAMENTO

7. Há alguma causa, ideologia ou movimento que esteja engajado ou considere importante se engajar? Alguma luta política ou ideológica do paganismo ou mesmo de fora do paganismo?

Não me acostumei a misturar essas coisas.

8. Há alguma idéia cuja defesa você considere muito importante?

Há. O planeta está com excesso de população e já é hora de um novo evento KT. Igualmente, é preciso erradicar a estagnação do fluxo do Conhecimento.

9. Que idéias ou práticas você considera muito importante combater?

O patrulhamento ideológico; a babaquice do “politicamente correto” e a ilusão da Ética. Precisamos ser mais realistas e conhecer os humanos tais como são.

RELIGIÃO

17. Você segue alguma tradição pagã específica? Se sim, qual?

Sim, mas não direi.

18. Como você aprende sobre ela?

De vários modos. Inclusive com contatos diretos com a Divindade.

19. Você faz parte de algum grupo ou é praticante solitário? Quantas pessoas são?

Em grupo. Deve ter cerca de umas 40 pessoas.

20. Você considera importante fazer parte de um coven? Por quê?

Sim. Porque as orientações que se consegue ali são necessárias à evolução dos estudos e à seriedade de encará-los

21. Você tem mais intimidade com alguma divindade específica? Qual o nome dela e suas principais características?

Tenho. A característica é o Conhecimento Puro.

22. O que geralmente ele exige ou requer daqueles que se relacionam com ele?

Nada.

23. Você possui um altar? Poderia descrevê-lo?

Possuo 2. São simples. Só uma foto poderia descrevê-los.

24. Qual o principal modo de você se conectar a seus deuses e cultivar a magia?

Meditação; reflexão; conversa e prática.

ANEXO F: Transcrições de fala⁴⁹

1. Sobre a Escolha da Religião

“Para escolher a minha religião procurei conhecer várias religiões. Mas eu não fiz assim... Lendo tudo sobre todas e avaliando tudo o que elas diziam. Eu primeiro pensei: o que eu acho mais importante, e que por isso uma religião deveria ter? A primeira delas: liberdade...” (Gabriel Moon)

“ Eu curto de tudo um pouco. Aprendo um pouco aqui, um pouco ali . E assim vou escolhendo, combinando e aperfeiçoando tudo aquilo que eu acho importante para o desenvolvimento do meu poder pessoal. Mas no fundo eu me considero Wiccano, porque das religiões que existem é a que mais abre espaço para o desenvolvimento místico da pessoa, porque ela não impõe nada. Ela favorece a magia. E além disso, apesar de eu ser muito bruxo solitário na minha senda, gosto de ter Coven, gosto de ensinar e de trocar experiências”. (Gabriel Moon)

2. Sobre o individualismo e o pertencimento a um grupo

“Por muitos anos trabalhei sozinho no caminho da magia. Mas chega um momento que não dá... A gente precisa estar em um grupo. É questão de egrégora!” (Morpheus)

“Eu tentei ver a escola do Magnus Magister. Também assisti uma aula da Gergóvia. Mas aí quando eu vi aquela história de Hierarquia eu pensei... Isso não dá pra mim não!” (J.O)

3. Sobre a relação com as religiões afros

“Cara, lá nos Estados Unidos tem um grupo que coloca instrumentos de percussão africanos. Mas isso é lá. Lá dá pra ter isso. Porque a religião africana lá é quase inexistente, pouco se sabe dela. Mas aqui não, cara. No Brasil, os deuses africanos e os cultos deles ainda não muito vivos. E são usados para fins muito diferentes do que a Wicca quer. Olha a Umbanda, cara: Ô religião pra ter cacareco! Umbanda tem muito cacareco, cara! Eles fazem celebrações na natureza mas saem sujando tudo, largando tudo na cachoeira... Lata de cerveja, bicho morto, garrafa de cachaça e às vezes causam incêndio com aquele monte de vela deles. Não respeitam a natureza, colocam seus objetivos acima da Deusa. Aí não dá!” (C.A)

4. Sobre a importância que o neopaganismo dá à instrução

“Não existe wiccano que não valoriza o estudo. Não existe Wiccano sem estudo. Gente ignorante não consegue permanecer na Wicca. A primeira merda que acontece ele já pula fora, e sai falando mal!” (Guaraucária)

5. Sobre religião e classe social

“Meu problema não é com pobre. O problema é quando a pessoa gosta de ser pobre. E ainda faz questão de mostrar isso. Por exemplo, olha aquela ali [apontando para uma moça saindo da “Catedral da Fé” de Alcântara]... Pensa que piriguete não vai à igreja? Olha ali e me diz. É piriguete, mas é piriguete de Jesus!” (F.S.)

6. Sobre a relação com outras religiões do contexto brasileiro

“As divindades africanas podem sim ser adoradas na Wicca, mas de um modo diferente de como fazem a Umbanda e o Candomblé. O que não dá é o Cristianismo. Cristianismo não tem sagrado feminino. Nossa

⁴⁹ Nesta sessão de anexos, preferi omitir alguns nomes de praticantes, substituindo-os por iniciais que também não estão relacionadas a seus nomes pagãos ou civis, mas a apelidos com os quais preferem ser identificados neste caso. Isto foi feito apenas em caso de transcrições de falas que possam expor o praticante a situações desconfortáveis.

Senhora é uma deusa castrada. Não tem sensualidade, não teve sexualidade, não foi mulher nem no parto. Como posso aceitar uma religião que não aceita coisas que são da essência da mulher? Isto é uma religião mutilante.” (A.K.)